

Miguel de Molinos

Libertando a Alma e a  
Conduzindo à Perfeita  
Contemplação,  
em Direção ao Rico  
Tesouro da Paz  
Interior



# O GUIA ESPIRITUAL

*Solna Editora Editorial*



“Eu cuidei para que o estilo deste livro fosse devocional, casto e útil, sem o ornamento de sentenças polidas, ostentação de eloquência, ou finuras teológicas. Minha única meta foi ensinar a verdade nua, com humildade, sinceridade e perspicácia.”

Com estas simples palavras, o sacerdote católico espanhol Miguel de Molinos (1628-1697) apresenta e define os objetivos de seu mais famoso estudo, *O Guia Espiritual*.

E, provavelmente, nada haveria acrescentar caso a sua própria vida não fosse objeto de uma das mais alucinantes perseguições religiosas promovidas pela Igreja Católica Romana. Isso porque a doutrina de Molinos – inteiramente baseada na completa quietude e passividade da alma – assim como exposta em seu livro *O Guia Espiritual*, promoveu uma verdadeira revolução no meio cristão da Europa setecentista.

Logo batizado como Quietismo, os ensinamentos do Padre Miguel de Molinos, pela simplicidade de estilo, por falarem diretamente ao coração e por não estarem comprometidos com a rigidez da erudição clerical, ganharam tal notoriedade e admiração que a cúria da Igreja, temendo o advento de um novo cisma, através da Santa Inquisição, iniciou um forte processo contra a sua doutrina de realização espiritual.

Apesar de ter sido absolvido algumas vezes pelo Tribunal do Santo Ofício, o desfecho de todo o drama vivido por Molinos seria a sua final condenação, bem como a proibição de sua doutrina. No decreto Papal de 1687; assinado pelo então Papa Inocêncio XI, consta que “aquele que for apanhado de posse desse livro [*O Guia Espiritual*] será excomungado”.

Mas a história e os ensinamentos de Miguel de Molinos resistiram, e mesmo levando em consideração todo o esforço promovido pelas forças da opressão, hoje eles nos chegam tanto como exemplos de integral dedicação à busca da verdade interior, quanto como pérolas do pensamento libertário espiritual.

Também incluímos, para a presente edição, um texto inédito, posto na forma de uma apresentação ao *Guia Espiritual*, compondo um resumo biográfico sobre Miguel de Molinos – “O Grande Herético” –, que hoje é considerado um dos mais complexos e fascinantes personagens da história da religiosidade humana.



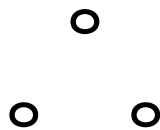
“O espírito da divina sabedoria enche os homens com doçura, governa-os com coragem e ilumina com excelência os que se submetem a sua direção. Onde o espírito divino habita há sempre simplicidade e santa liberdade.”

Miguel de Molinos



**MIGUEL DE MOLINOS**

# **O GUIA ESPIRITUAL**



**TRADUÇÃO**

**HUMBERTO MAGGI**

**B**

**SAFIRA ESTRELA EDITORIAL**

**Rio de Janeiro, 1998**

Copyright @ 1998, Safira Estrela Editorial

título original: *Il Guida Spirituale*

tradução: Humberto Maggi

revisão de texto final: Raul Pitthan

ilustração da capa: “Santo Agostinho no Claustro”, (1495) - Sandro Botticelli

Dados de Catalogação

Departamento Nacional do Livro

M723g

Molinos, Miguel de.

O Guia Espiritual / Miguel de Molinos; tradução de Humberto Maggi – Rio de Janeiro: Safira Estrela, 1998.

211 p.

ISBN 85-86810-01-0

Tradução de: *Il Guida Spirituale*.

1. Quietismo. 1. Título

CDD-248.4

**B**

Todos os direitos reservados

Safira Estrela Editorial

---

Caixa Postal 37666 – Rio de Janeiro / RJ – cep 22642-970

<http://www.safira.com> – email: [safira@ibm.net](mailto:safira@ibm.net)

*“O espírito da divina sabedoria  
enche os homens com doçura,  
governa-os com coragem e ilumina  
com excelência os que se submetem  
à sua direção. Onde o espírito divino  
habita há sempre simplicidade e  
santa liberdade”.*

*Miguel de Molinos*

*àqueles que,  
com alma e coração,  
buscam Deus.*



# ÍNDICE

Apresentação	11
O Guia Espiritual	19
Uma Explanação sobre o Livro	21
Do Autor para o Leitor	23
O Prefácio	27
O Livro Primeiro	35
O Livro Segundo	77
O Livro Terceiro	117



# APRESENTAÇÃO

Muitas são as formas encontradas pela história para produzir personagens inesquecíveis, alguns dos quais assumindo, inclusive, os contornos de mitos e lendas. Ora através de relatos e êxtases místicos, como aqueles da grande carmelita espanhola e santa venerada pela Igreja Católica, Teresa de Jesus (1515-1582); ora pela inspiradora grandeza provocada pela santidade de figuras como São Francisco de Assis († 1226); a história vem dando paulatinos exemplos de vidas intensamente dedicadas á fé e aos mais nobres ideais religiosos.

Entretanto, nem sempre aqueles que conduzem a história são generosos com os seus personagens, não importando o quão magníficos esses tenham sido e, menos ainda, não importando as terríveis consequências sofridas por aqueles que se viram perseguidos pela ação de uma classe clerical dominante qualquer. Muitas vezes, os fatos que se sobressaem em algumas das vidas dedicadas a Deus, por inspirarem medo e inveja ou por não estarem em total conformidade com aqueles previstos pelas instituições –, religiosas ou não que sufocam épocas e lugares, são tomados como exemplos a serem punidos com a exclusão, prisão e até mesmo com a morte.

De modo curioso e paradoxal, em diversos casos, a desenfreada e alucinante perseguição que vários homens e mulheres sofreram resultou justamente no atributo principal e necessário que os enalteceriam em um futuro distante, elevando-os à classe de mártires do pensamento humano. Assim, na tentativa de suprimir suas vozes, diminuir o vigor de seus ideais e aniquilar suas existências, os instrumentos de opressão, suplício e tortura utilizados pelos poderes seculares, apenas fizeram com que suas vítimas se tornassem objetos de culto, fontes de inspiração, estudo e admiração.

Não é intenção nossa fazer uso de lugares comuns para condenar, por seus excessos, a já exaustivamente condenada Inquisição e, muito menos, não está no escopo desta apresentação procurar denegrir a imagem de qualquer religião que seja, mesmo quando certos crassos erros, cometidos em um passado não tão remoto, são expostos à luz e tornados amplamente conhecidos. Outrossim, proceder de modo contrário nos parece por demais enfadonho e repetitivo.

Antes, porém, preferimos, através de um simples relato histórico, perceber a ação da Divina Providência em fornecer, à alma sedenta de fé, exemplos fortes de resignação, entrega e dedicação integral a Deus e à liberdade de pensamento. Nesse sentido, emerge à lembrança aquele que nos é dada por Joana D'Arc († 1431), quando estimulada por visões celestiais e quando de sua insurgência contra o tirânico domínio ao qual seu povo e sua pátria estavam submetidos; além do exemplo do filósofo italiano, e padre Dominicano, Giordano Bruno (1548-1600), cuja natureza rebelde e independente de seu pensamento o fez abandonar o hábito, tornando-se um dos

grandes nomes de sua época. Apesar da grandeza que envolveu essas duas vidas, fez-se valer sobre eles o peso da mão da Inquisição: ambos foram condenados e mortos pelo Santo Ofício, como heréticos e bruxos.

A história, enfim, da própria cristandade está repleta de nomes que merecem os mais altos louvores. É sabido que uns são reconhecidamente santos e outros são tidos como heréticos, mas quase todos, cada um ao seu particular modo, foram exemplos dignos de convicção inabalável em suas crenças e valores.

O sacerdote católico espanhol Miguel de Molinos (1628-1697) aparece como sendo um dos mais controvertidos personagens da história da Igreja Católica,

Miguel de Molinos nasceu em Saragoça, Espanha, em berço abastado. Embora o material de pesquisa sobre sua família seja escasso, supõe-se que Molinos tenha sido um dos últimos filhos, senão o mais novo, de uma nobre família dessa região, pois era costume da época que os filhos mais jovens da nobreza fossem confiados à Igreja para serem preparados à vida religiosa.

Em Valência, Molinos foi educado no Colégio Jesuíta de São Paulo.

Possuidor de grandes habilidades naturais à religiosidade, Molinos se dedicou ao serviço de seus companheiros sem qualquer tipo de ganho para si próprio. Sua vida foi inteiramente consagrada aos seus semelhantes e marcada por grande piedade e generosidade.

Sendo de natureza fortemente caracterizada por um estilo contemplativo e por possuir um profundo apelo místico, ele logo adquiriu grande reputação em seu país de origem.

Por volta de 1670 (algumas fontes indicam 1663), Molinos transferiu-se para a Itália, onde passaria o resto de sua vida. Em Roma, além de confessor, Molinos exerceu o ofício de diretor espiritual de almas, também alcançando um grande reconhecimento no meio religioso local, sendo, inclusive, bastante admirado no seio de vários círculos eclesiásticos.

Para que tenhamos a justa ideia do valor dado às palavras e aos conselhos desse sacerdote espanhol, bastaria dizer que, entre as muitas celebridades da época que estiveram sob sua tutela espiritual, figuravam o Cardeal Benedetto Odescalchi (1611-1689) e a Rainha Cristina da Suécia (1626-1689). O Cardeal Odescalchi seria feito Papa em 1676, assumindo o Trono de São Pedro como Inocêncio XI.

Todavia, o próprio Papa Inocêncio XI seria, mais tarde, quando da feroz perseguição imposta a Molinos, um dos que o condenaria à prisão, censurando, em uma Bula de 1687, cerca de 70 proposições extraídas das instruções daquele que havia sido seu principal orientador espiritual.

Com o aumento de sua popularidade, a procura pelos conselhos do Padre Molinos se tornou tão grande que ele começou a receber certa pressão no sentido de registrar seu pensamento e seus ensinamentos. Deste modo, muitos outros teriam acesso a sua doutrina. Assim, Molinos, por volta de 1673 começou a escrever seu

método de consecução espiritual, sem prever o sucesso que ele teria e, muito menos, sem ter a mínima noção dos efeitos que ele provocaria.

Em 1675, Molinos publicou seu *Il Guida Spirituale*, no qual ele expunha, de modo claro e direto, a sua doutrina mística.

O *Guia Espiritual* de Miguel de Molinos, escrito sem a pompa e a especulativa erudição dos teólogos e autores da época, rapidamente ganhou o coração dos seus leitores, atingindo, com igual força, tanto o profano quanto o douto, alcançando fama na Itália e na Espanha. Em seguida, esse livro ganharia novas traduções, aumentando ainda mais a fama de seu autor por toda a Europa. Assim, uma vastíssima correspondência foi estabelecida entre Molinos e diversos admiradores, tanto com religiosos de renome quanto apenas leigos interessados em suas ideias, não importando se esses eram ou não influentes personalidades da corte europeia.

Muitos sacerdotes católicos de diferentes partes da Europa se mostraram abertamente favoráveis ao conteúdo de suas instruções, aprovando por completo seus métodos e seu livro, considerando-os profundamente de acordo com os preceitos católicos e recomendando-os a todos aqueles que desejassem levar uma vida de prece e oração. Entre os sacerdotes católicos que recomendaram esse livro, estavam o Arcebispo de Régio e o Geral da Ordem dos Franciscanos. Outros tantos sacerdotes adotaram o livro e os métodos de Molinos, recomendando-os para todos. É dito que muitos monges trocaram seus rosários pelas instruções e pela prece interior, assim como indicado pelo *Guia Espiritual*. Também era dito, inclusive, que alguns costumavam utilizar o *Guia Espiritual* como uma espécie de oráculo, cuja eficiência estaria comprovada quando do auxílio prestado em momentos de dificuldades.

Molinos adquiriu tal reputação, que seu nome e suas ideias começaram a chamar a atenção de certos segmentos do clero, principalmente de alguns Jesuítas e Dominicanos que, temendo um crescimento ainda maior de sua popularidade, resolveram pôr um fim em sua crescente fama, evitando assim a possibilidade de um novo cisma dentro da Igreja.

A oposição feita contra Molinos chamou a atenção da Inquisição que passou a examinar o caso, fazendo uma minuciosa avaliação de seu *Guia Espiritual*. Independente da forte recriminação tentada por alguns Jesuítas e Dominicanos, o livro de Molinos foi inteiramente aprovado, sem quaisquer ressalvas, nos vários processos que ele sofreu contra a sua validade, tendo sido, inclusive, elogiado pelos quatro Jesuítas que faziam parte do Tribunal da Inquisição como “uma fina joia de piedade e perfeição”. O caso foi encerrado e seus acusadores advertidos como escandalosos.

A essa altura, após a aprovação de seu *Guia Espiritual*, Miguel de Molinos tinha se tornado uma verdadeira celebridade em toda a Europa Cristã. Não tardou e um movimento religioso começou a se formar ao redor de seu misticismo devocional.

A filosofia de Molinos, conforme seu *Guia Espiritual*, diz que, no sublime propósito de se realizar a perfeição cristã, bem como a suprema comunhão com Deus,

o homem deverá se submeter inteiramente aos Seus desígnios, com humildade, anulando por completo a sua vontade individual.

A vida em si deveria ser um contínuo ato de amor e fé. A via espiritual, portanto, era resumida por uma perfeita quietude de desejos, passividade total da alma suplicante diante de Deus e, de tal modo deveria ser o comportamento do buscador, que mesmo o desejo de sucesso nessa demanda teria que ser excluído. Da mesma forma, o desejo de felicidades mundanas, virtudes e qualquer outro tipo de atividade humana, tudo era tido como obstáculo entre a alma e Deus, devendo ser, igualmente, excluídos de seu ser.

Conforme Molinos, aquela alma, que porventura galgasse tal estado de aniquilação, se encontraria em uma condição na qual lhe seria impossível cometer erros ou pecados. E mesmo se por acaso essa abençoada alma parecesse pecadora ante os olhos mundanos, ou até se ela parecesse, de modo exterior, violar qualquer um dos mandamentos de Deus ou algum dos preceitos da Igreja, interiormente ela estaria em perfeita quietude, onde a verdade de sua santidade apenas revelaria em seus atos a própria vontade de Deus.

Nesse estado de plena iluminação, as orações, penitências e qualquer luta contra as tentações já não mais seriam os instrumentos utilizados por ela, pois ela estava unida ao Criador.

Essas ideias atraíram muitos seguidores por toda a Europa. Logo batizado por Quietismo – uma clara referência ao estado de quietude da alma, segundo o *Guia Espiritual* –, esse verdadeiro movimento provocado pelas ideias de Miguel de Molinos rapidamente se espalhou pela Itália, Espanha e França, países onde verdadeiras legiões de fieis começavam a praticar o método da oração interior.

O Quietismo também viria atingir e influenciar o Pietismo, um forte movimento dentro da igreja fundada pelo reformador Martinho Lutero (1483-1546), na Alemanha, que incorporaria o pensamento de Molinos, em sua oposição contra o dogmatismo da Igreja oficial. E mesmo na Inglaterra, foi fundado o Quakerismo, uma versão dissidente do protestantismo, com alguma base de Quietismo.

Nos seis anos seguintes à primeira publicação do *Guia Espiritual*, cerca de vinte edições foram lançadas nos principais idiomas da Europa e também em Latim. Molinos tinha se tornado, involuntariamente, um líder religioso capaz de mobilizar uma enorme quantidade de seguidores e admiradores de seus ensinamentos.

Todo o alvoroço causado pelo Quietismo combinado com a recente lembrança do cisma provocado por Lutero, há pouco mais de um século, novamente viriam chamar a atenção do clero para os significativos “perigos” que o carisma do novo líder religioso pudesse representar. Dessa vez, entretanto, os adversários de Molinos se mostraram bem mais fortes e resolutos.

Novamente, um minucioso processo foi elaborado, no intuito de promover a condenação de Molinos e seus ensinamentos. Desta vez, a trama teria o sucesso desejado. As acusações, embora hoje pudessem parecer apenas tolices para a Europa

do século XVII, soaram como verdadeiras heresias, as mais daninhas possíveis, tendo repercutido conforme esperado por seus delatores. Molinos era acusado de incentivar seus seguidores a abandonar os sacramentos, o confessionário e, por fim, a própria Igreja.

Após muito ter sido dito contra Molinos e seus ensinamentos, e em meio às poucas vozes que se levantaram em sua defesa, a Inquisição oficialmente condenava o *Guia Espiritual* como um escrito de natureza herética, pernicioso, errôneo, blasfemo, escandalosamente ofensivo à moral cristã, etc.

Isso ocorreu em fins de novembro de 1685. E assim, Miguel de Molinos foi arrastado às masmorras pela Inquisição. Sua casa foi invadida, toda sua extensa correspondência apreendida. Todavia, isso, por si só, não seria suficiente para seus algozes, visto a enorme proporção que o movimento Quietista havia alcançado. Muito ainda necessitava ser feito.

Alguns relatos contam que em fevereiro de 1687, com base em sua correspondência apreendida, dezenas de confidentes de Molinos, muitos dos quais nobres de grande influência em suas cortes – e mesmo alguns sacerdotes –, foram perseguidos pelo Santo Ofício no sentido de abjurar e renegar os seus ensinamentos. Após essa meticulosa investigação, praticamente todas as milhares de cartas trocadas entre Molinos e seus correspondentes foram destruídas e queimadas. Como era costume se dizer, quanto menores os vestígios dessa vil heresia, melhor.

No Decreto papal de 28 de agosto de 1687, o então Papa Inocêncio XI, além de censurar os ensinamentos de Miguel de Molinos, fez constar que todo aquele que fosse encontrado de posse de seu livro, o *Guia Espiritual*, seria passível de excomunhão. Todos os livros impressos com os ensinamentos de Molinos deveriam ser entregues à Inquisição para que fossem destruídos pelo fogo.

Em setembro do mesmo ano, uma suntuosa cerimônia foi celebrada na Igreja de Santa Maria Sopraminerva, para a pública retratação de Molinos. Diante de uma gigantesca plateia de Cardeais, Bispos, oficiais do Santo Ofício, além de representantes da realeza e da nobreza, era apresentado um Molinos sexagenário, arrasado pelos normais procedimentos utilizados pela Inquisição para a obtenção de confissões. Após a sua retratação, a sentença foi pronunciada: Molinos estava condenado a passar o resto de sua vida na prisão.

A cidade de Roma, então, foi informada, em caráter oficial, que Molinos tinha se retratado, renegando toda sua doutrina, declarando-se culpado de heresia, além de também ter confessado vários outros pecados.

Com Molinos encarcerado, torturado e por fim tendo confessado ser culpado de heresia, e além da perseguição imposta a seus confidentes, ainda outro passo seria dado pela Inquisição, visando a total erradicação de seus seguidores, os Quietistas. Porém, como atingir um movimento cujas bases estavam centradas tão somente na oração interior? Para tal, usou-se uma tática bem comum, e muito utilizada, já naquela época: a da desinformação e da calúnia.

Assim, a eficiente máquina da deslealdade humana foi ativada. Uma série de sinistros rumores sobre Molinos, sua conduta moral e seus propósitos ganhou as ruas de Roma, sendo rapidamente disseminada por toda a Europa. Todos esses rumores eram, obviamente, falsos, alguns, porém, beiravam ao ridículo.

Seus seguidores foram denominados de Alumbrados, nome de uma obscura seita ativa na Espanha que considerava apenas o êxtase como a verdadeira oração. Esse grupo também ensinava que qualquer sacramento era desnecessário para aqueles que estivessem íntimos de Deus. É válido lembrar que o pensamento e a moral do século XVII eram extremamente suscetíveis a uma acusação deste quilate, onde o mistério e o medo que a envolviam eram mais que suficientes para impressionar a sensível, manipulável e inculta massa de fiéis.

Outra acusação que ganharia grande repercussão dizia que Molinos, além de nunca ter sido batizado, era, na verdade, um Judeu. Esse “terrível” *status*, na época, era entendido como um tipo de crime da pior espécie, ou algo semelhante.

Finalmente, seus ensinamentos foram considerados daninhos não só para a Igreja propriamente dita, mas à sociedade como um todo, afinal, a base de seus métodos estava estritamente associada com a subversão da conduta moral e contra os bons costumes.

Em sua cela, no convento Dominicano de San Pietromontorio, Molinos, como parte de sua sentença, foi obrigado a recitar o Credo diariamente, duas vezes por dia recitar o Rosário, se confessar pelo menos quatro vezes por ano e comungar regularmente.

Á história nos conta que Miguel de Molinos, ao ser conduzido para sua cela, estava resignado e conformado com seu destino. Enquanto um Padre Dominicano se preparava para encerrá-lo em seu perpétuo claustro, Molinos se dirigiu a ele e disse: “Adeus Padre. Nós nos encontraremos novamente no Dia do Juízo Final. Então será sabido se a verdade estava ao meu lado ou ao seu”. E essas foram as últimas palavras que o mundo ouvia de Molinos.

Ali sua voz era silenciada. Miguel de Molinos assim se transformaria em mais um cristão que, como tantos outros, foram perseguidos e condenados pela Mãe Igreja. Em sua cela, Molinos estava fadado ao esquecimento. E mesmo sabendo que sua vida e sua doutrina estavam sendo destruídas, ali ele permaneceu em silêncio, resignado e quieto, aceitando seu destino, conforme seus próprios ensinamentos e em comunhão com a vontade de Deus.

A morte de Miguel de Molinos na prisão, em dezembro de 1697, e a constante perseguição imposta àqueles que ainda seguiam os seus ensinamentos acabariam por decretar o fim da curta história dos Quietistas.

Pela vontade daqueles que o acusaram, perseguiram e, por fim, o condenaram à prisão perpétua, pondo um fim em suas atividades, a memória de Molinos seria preservada apenas pela pequena inscrição de sua lápide: “Aqui jaz o corpo do Doutor Miguel de Molinos, o grande herético”.

Todavia, como já mencionado antes, algumas vezes o esforço para apagar a vida de um grande homem apenas vem corroborar o nascimento do mito. Deste modo, a memória e os ensinamentos de Molinos conseguiram escapar da loucura e da insanidade da Inquisição.

Desde a perseguição imposta a Miguel de Molinos, bem como a seus escritos, várias outras edições de *Il Guida Spirituale* têm sido impressas, principalmente na Europa. Isso fez com que, ao longo dos anos, algumas versões, de conteúdo levemente diferente do original, fossem impressas e distribuídas, todas, contudo, muito próximas daquela lançada em 1675. Esta edição tem como base o original italiano impresso em Veneza, no ano de 1685. Para esta presente tradução, também foi usado, como referência de apoio, uma versão em inglês, disponível na Internet, sob a responsabilidade de Fra. A.

Com prazer, apresentamos *O Guia Espiritual*, de Miguel de Molinos.

Examinando esse livro, não será difícil uma questão invadir a mente: como alguém pôde ter sido condenado por ele? Se sua linguagem é simples, direta e se o próprio livro aparece apenas como um guia que promete a libertação da alma e sua união com a divindade, não seriam esses os objetivos maiores de uma religião? Acreditamos que a melhor solução para essa pergunta seja de cunho pessoal, cabendo ao indivíduo descobrir a sua própria resposta.

Enfim, esperamos que aqui cada um possa encontrar os subsídios necessários à realização espiritual e interior, nesse seguro método de comunhão com a divindade que habita o âmago de cada um de nós, seres humanos em oração.

Carlos Raposo Março de 1998.



**O**  
**GUIA ESPIRITUAL**  
**QUE**  
**LIBERTA A ALMA**  
**E**  
**A CONDUZ, ATRAVÉS DO CAMINHO INTERIOR,**  
**PARA O**  
**GOZO DA PERFEITA CONTEMPLAÇÃO**  
**E DO**  
**RICO TESOURO DA PAZ INTERIOR**

**Escrito pelo Dr. Miguel de Molinos, Sacerdote.**

---

Traduzido da Cópia do Original Italiano

Impresso em Veneza,

1685

---



# UMA EXPLANAÇÃO SOBRE O LIVRO

## PARA TODOS OS TIPOS DE LEITORES

O livro aqui apresentado a você é uma tradução de uma edição Italiana impressa em Veneza em 1685. O primeiro homem, que o tirou das mãos do autor com dificuldade, e que o imprimiu em Roma em 1675 com todas as solenidades e aprovações, foi o Frade João de Santa Maria. Ele intitula a si mesmo Provincial, e disse muitas coisas excelentes a seu respeito. Ele o estudou com sensibilidade. A impressão que causou em sua mente deu a ele a ideia exata e a noção do tipo de linguagem que o autor utiliza quando se lança impetuosamente na escuridão e na obscuridade. Desta forma, o homem recomendou o livro para o leitor sincero. O próximo homem que parece ter dado graças a ele não é ninguém menos do que o muito ilustre e muito Reverendo Senhor, o Arcebispo de Rhegium, que nos conta quantos altos cargos da igreja ele ocupou. Ele diz em sua aprovação do livro que era difícil fazer um julgamento sem alguma experiência das coisas nele contidas. Ainda que os seus segredos estejam muito acima do discurso humano, eles não só não são contrários aos retos ditames da razão, mas estão totalmente de acordo com eles. Isto é um prefácio tão apropriado para algumas coisas do livro quanto o que qualquer homem no mundo poderia fazer após sete anos de estudo. Primeiro, ele diz que os soberanos segredos tratados no livro estão acima do discurso humano. Então, nas palavras imediatamente seguintes, diz que eles estão totalmente de acordo com os ditames da razão, como se os ditames da razão e o discurso humano tivessem firmado acordo de nunca entrarem em reto entendimento entre si.

Quem desejar se satisfazer ainda mais com a conveniência da reputação dada por este arcebispo ao livro, se gratificará ao ler pacientemente os décimo nono e vigésimo capítulos do Terceiro Livro. De qualquer forma, ele reitera que é suficiente que este grande homem fale bem da doutrina do seu compatriota Molinos. Ela está de acordo com o julgamento dos santos padres e com o caminho usual dos teólogos místicos, pois o autor deste livro não relata os seus próprios caprichos, mas segue as pegadas dos antigos. Ele constrói sobre os seus princípios e fundações espirituais. Ele os resume em um método reto e claro. Ele apresenta novas e velhas ideias (assim diz) tiradas dos seus tesouros. Quanto ao estilo do livro, ele o considera claro, fácil, simples e completo para um assunto tão difícil, áspero e sublime. Portanto, o homem não recusa as provas das escrituras, das doutrinas dos pais [da igreja], dos decretos ou concílios, e nem os princípios da moralidade e da paz. Ele o declara muito merecedor de ser impresso. O que mais pode ser dito para se indicar um livro?

Após a aprovação do arcebispo, vem a do Frade Francisco Maria, Ministro Geral de toda a Ordem Franciscana, concedida em seu Convento de Ara Coeli. Ele fala firmemente, de forma gentil e favorável, sobre o livro, e o recomenda para impressão.

Então vem a aprovação do Frade Dominic da Santíssima Trindade, Qualificador e Conselheiro do Santo Ofício de Malta, e da Inquisição de Roma, Reitor do Colégio dos Missionários em St. Pancras. Ele bendiz a si mesmo ao dar julgamento sobre ele, e dá a sua opinião e simpatia, formalmente como os demais.

Depois disto, vem um famoso Jesuíta, outro Qualificador da Inquisição Romana, que toma o livro como sendo de singular apreço e uso. Ele o recomenda a outros com tanta cordial gentileza, quanto o benefício que ele crê ter recebido dele.

A seguir, vem um grande Capuchinho, que não pôde abster-se (por crédito ao livro ou a si mesmo) de dizer ao mundo que ele foi Provincial da Andaluzia não menos do que quatro diferentes vezes, e era, na ocasião, Superior Geral de toda a sua ordem. Ele diz que simpatizou muito com o livro. Como uma boa prova disto, ele discursa sobre ele nessa forma mística, e não iria de forma alguma impedi-lo de ser publicado.

Toda esta aprovação romana significava muito pouco para um livro que iria ser impresso em Veneza. Portanto, os reformadores da Universidade de Pádua, que licenciam livros, receberam do seu secretário um certificado de que o livro nada tinha contra os príncipes ou as boas maneiras. Isto permitiu a um livreiro de Veneza que o imprimisse novamente em 1676. Sob a autoridade dessa licença, ele foi editado mais uma vez em 1685. Esta foi a versão da qual a presente tradução derivou. De fato, através destas impressões parece que este livro foi suficientemente difundido pelo mundo. E quem pode dizer algo mais sobre ele além de tais homens, que o leram e censuraram de forma tão cândida e gentil. Se o que então sucedeu ao autor e a sua reputação fez com que suas testemunhas desejassem não ter sido tão liberais em suas cortesias, que eles olhem para isso. Mas, enquanto o pobre homem é tão atacado em Roma, seria a misericórdia de esta nação religiosa ouvi-lo falar o que tem em mente através de um intérprete. Aquilo que incomodou a Corte de Roma pode ser em parte percebido por este livro. Até sabermos mais sobre o autor, não há nada mais a ser dito sobre ele, além de que, às vezes ele ilumina argutas verdades e muitos excelentes pensamentos, assim como também meras bobagens e fatuidades. Mas, perdoem a sua rica veia e o seu entusiasmo e algaravia.

Deixem-no ir agora, e então falar além do que vocês podem ver ou compreender. Vocês encontrarão coisas o bastante para fazê-los pensar. Ouçam o que ele diz. Mas com isto, deixem-me dizer-lhes que é uma benção para vocês viverem em um país onde os ministros da religião não usam truques nos seus entendimentos, nem os levam cegamente, para onde vocês ignoram. E assim eu descanso.

No Estilo de Molinos,

Ninguém.

# **O GUIA ESPIRITUAL, QUE LIBERTA A ALMA E A CONDUZ ATRAVÉS DO CAMINHO INTERIOR AO GOZO DA PERFEITA CONTEMPLAÇÃO, E DO RICO TESOURO DA PAZ INTERIOR**

## *DO AUTOR PARA O LEITOR*

Não há nada mais difícil do que agradar a todas as pessoas, nem mais fácil e comum do que censurar os livros que abundam no mundo. Todos os livros que vêm à luz, sem exceção, correm o risco comum de ambas as inconveniências, ainda que estejam sob a mais sublime proteção. O que será então deste pequeno livro, que não tem patrocínio? O assunto deste livro, sendo místico e pouco elaborado, carrega consigo a censura comum, e parecerá insípido. Gentil leitor, se você não entendê-lo, não se incline a censurá-lo por isto.

O homem natural pode ouvir e ler sobre estes assuntos espirituais, mas não pode nunca compreendê-los, como São Paulo (I Cor. c.2.) diz: “O homem natural não recebe as coisas do espírito de Deus”. Se você as condena, você condena a si mesmo ao número dos sábios deste mundo, a quem São Dioniso diz que Deus não concede esta sabedoria, como faz aos simples e humildes, embora na opinião dos homens estes sejam ignorantes.

O conhecimento místico não vem da inteligência, mas da experiência. Não é inventado, mas provado; não é lido, mas recebido. Ele é, portanto, muito seguro e eficaz, de grande ajuda e repleto de frutos (Mat.11). Ele não entra na Alma pelos ouvidos, nem pela leitura contínua de livros, mas pela livre infusão do Espírito Santo, cuja graça é comunicada aos simples e humildes com a mais deleitosa intimidade.

Existem certos estudiosos que nunca leram sobre estes assuntos, e alguns homens espirituais que até o momento dificilmente os saborearam. Por isto, ambos os condenam – uns por ignorância, outros por falta de experiência.

Adernais, é certo que quem não experimentou a doçura, não pode passar julgamento sobre o misterioso segredo. Não, antes ele se escandalizará (como muitos o estão) quando ouvir sobre as maravilhas que o amor divino deseja obrar nas Almas, porque ele não encontra tais raridades em sua própria Alma. Quem limitará a bondade de Deus, cujo braço não pode ser diminuído? Ele não pode ainda agora realizar o que fez em outros tempos? Deus não chama nem os mais fortes e nem os mais ricos pelos seus méritos, mas antes chama os mais fracos e miseráveis, para que a sua infinita misericórdia possa brilhar ainda mais.

Esta ciência não é teórica, mas prática. Nela, a experiência ultrapassa a especulação mais engenhosa e refinada. Por isto que Santa Tereza admoestou o seu Pai espiritual de que ele deveria tratar de assuntos espirituais apenas com homens espirituais. Ela disse isto porque: se eles conhecerem apenas um caminho, ou se tiverem parado na metade, nenhum sucesso deverá ser esperado.

Logo, ficará claro que aquele que não tem experiência nesta ciência prática e mística irá condenar a doutrina deste livro. Aquele que leu São Dioniso, Santo Austin, São Gregório, São Bernardo, São Tomás, São Boaventura, e muitos outros santos e doutores aprovados pela igreja, que homens eruditos aprovam, recomenda e ensina a prática desta doutrina.

A doutrina deste livro não instrui a todos os tipos de gentes, mas apenas àqueles que têm seus sentidos e paixões bem mortificados, que já avançaram e fizeram progresso na prece, e são chamados por Deus ao caminho interior. Deus os encoraja e guia, e os liberta dos obstáculos que embaraçam o caminho à perfeita contemplação.

Eu cuidei para que o estilo deste livro fosse devocional, casto e útil, sem o ornamento de sentenças polidas, ostentação de eloquência ou finuras teológicas. Minha única meta foi ensinar a verdade nua com humildade, sinceridade e perspicácia.

Não é de se espantar que todo dia novos livros espirituais sejam publicados no mundo. Deus sempre tem nova luz para comunicar, e as Almas sempre estão necessitando destas instruções. Todas as coisas ainda não foram ditas, nem todas as coisas escritas. Assim, haverá escrita até o fim do mundo. Maravilhosas foram as luzes que Deus Todo Poderoso comunicou a sua igreja por meio do doutor angélico São Tomás. E, na hora de sua morte, ele mesmo disse que a Divina Majestade tinha naquele instante comunicado a ele tanta luz, que tudo o que ele havia antes escrito pouco valia. Deus teve então, e sempre terá, nova luz para comunicar, sem qualquer diminuição de sua infinita sabedoria.

As muitas e aflitivas dores e dificuldades do caminho interior não devem tornar a alma desanimada, pois é simplesmente razoável que uma coisa de grande valor deva ser cara. Estejam bem reconfortados e acreditem que não apenas aqueles que estão aqui representados, mas muitos outros também serão tomados pela graça de Deus e pela fortaleza interior.

Nunca foi o meu objetivo tratar da contemplação, e nem defendê-la. Muitos publicaram, de forma estudada e especulativa, livros inteiros cheios de razões eficazes

e doutrinas, e com a autoridade dos santos e da Sagrada Escritura, para refutar a opinião daqueles que, sem qualquer base, a condenaram e condenam.

A experiência de muitos anos (por causa das muitas Almas que confiaram na minha insuficiência em conduzi-las no caminho interior, para o qual foram chamadas) me convenceu da grande necessidade de se removerem os obstáculos do seu caminho. Estas inclinações, afeições e atrações são removidas, pois são elas que embaraçam o curso e obstruem o caminho para a perfeita contemplação.

Este livro, todo prático, tem este objetivo principal. Não basta indagar sobre o caminho interior da contemplação. Os obstáculos são tirados do caminho destas almas que são chamadas e protegidas, os quais embaraçaram os seus progressos e voos espirituais. Para esta finalidade eu fiz uso antes do que Deus, através de sua infinita misericórdia, me inspirou e ensinou, do que qualquer coisa que a leitura especulativa de livros me sugeriu ou forneceu.

Algumas vezes (embora muito raramente) eu cito a autoridade de algum autor prático e experiente, para mostrar que a doutrina que é ensinada aqui não é singular e rara. Foi minha primeira meta, portanto, não especular sobre o caminho interior, mas desembaraçá-lo e desobstruí-lo. A seguinte foi instruir os desencaminhadores espirituais, para que eles não impeçam em seus cursos as Almas que são chamadas para estas sendas secretas, à Paz interior e à suprema felicidade. Que Deus em sua infinita misericórdia conceda que este fim tão desejado seja obtido.

Eu espero em Deus que algumas dessas Almas, a quem a Divina Majestade chama a este conhecimento, obtenham proveito do que eu escrevi. Por elas, eu considerarei os meus esforços bem empregados. Este foi o único alvo do meu desejo, e se Deus (como certamente fará) aceitar e aprovar estes puros desejos, eu estarei contente e terei a minha recompensa.

Adeus.



# O PREFÁCIO

## PRIMEIRA ADVERTÊNCIA

*POR DOIS CAMINHOS PODE-SE CHEGAR A DEUS, A PRIMEIRO PELA MEDITAÇÃO E O DISCURSO E O RACIOCÍNIO; O SEGUNDO ATRAVÉS DA PURA FÉ E CONTEMPLAÇÃO*

1. Existem dois caminhos para se ir a Deus, um pela consideração e discurso mental; e outro pela pureza da fé, um indistinto, geral e confuso conhecimento. O primeiro é chamado de meditação; o segundo, recolhimento interior, ou contemplação adquirida. O primeiro é para os iniciantes, o segundo para os proficientes. O primeiro é sensível e material, o segundo mais despojado, puro e interior.

2. Quando a Alma já está acostumada ao discurso nos mistérios, através da ajuda da imaginação, e pelo uso de imagens corporais, ela é levada de criatura a criatura e de conhecimento em conhecimento (embora com muito pouco do que deseja), e destes ao Criador. Então Deus quer tomar esta Alma pela mão (se mesmo ele não a chamou desde o início, e a guiou sem o raciocinar pelo caminho da pura fé) fazendo o intelecto passar por todas as considerações e argumentos. Deus a puxa, eleva-a para além do seu estado material e sensível, e a coloca em um simples e obscuro conhecimento da fé. Deus aspira totalmente por sua noiva nas asas do amor, sem nenhuma posterior necessidade de persuasão e informação para o intelecto, e a faz amá-lo. Desta forma, o amor da Alma seria muito escasso, muito dependente das criaturas, limitado a gotas. Isto também ocorreu com pausas e intervalos.

3. Quanto menos depender das criaturas, mais ela confia em Deus apenas e em seus documentos secretos, pela mediação da pura fé, a mais durável, firme e forte vontade de amar. Depois da Alma já ter adquirido seu conhecimento de todas as meditações e imagens corporais que as criaturas possam lhe dar, o Senhor então a ergue acima deste estado despojando-a do raciocinar. Ele a deixa em divina escuridão, para que ela possa marchar no caminho reto. Por pura fé ela será guiada, e não com amor aos sentidos e a tenuidade que estes dirigem. Mas que ela suponha que o que todo o mundo e as mais finas concepções dos mais sábios entendimentos possam lhe

dizer, não são nada. Deixe que a bondade e a beleza do seu amado instintivamente ultrapassem todo este conhecimento, e a persuadam de que todas as criaturas são por demais rudes para informá-la, ou conduzi-la ao verdadeiro conhecimento de Deus.

4. Ela deverá então seguir adiante com o seu amor, deixando todo o entendimento para trás. Que ela ame a Deus como ele é em si mesmo, e não como a sua imaginação diz que ele é, e o idealiza para si. E se ela não puder saber como ele é em si mesmo, que ela o ame sem conhecê-lo sob os obscuros véus da fé, da mesma forma como um filho, que nunca viu o seu pai, mas que crê firmemente naqueles que o informaram sobre ele, e o ama, como se já o tivesse visto.

5. A Alma da qual o discurso mental foi retirado não deve se esforçar, nem solicitamente buscar por um conhecimento mais claro e particular. Mesmo sem o apoio de notícias e consolações sensíveis, ou com pobreza de espírito e privada de tudo o que os apetites naturais requerem, a Alma deve continuar quieta, firme e constante, deixando o Senhor realizar o seu trabalho, embora ela pareça estar sozinha, exausta e cheia de trevas. Embora isto pareça a ela ser frivolidade, é apenas de sua própria atividade material e sensível, e não de Deus, que está obrando verdadeiro conhecimento nela.

6. Finalmente, quanto mais o espírito se eleva, mais ele é retirado dos objetos sensíveis. Muitas Almas chegaram e chegam a este portal, mas poucas passaram ou passam por falta de um guia experimentado. Estas Almas que tiveram e têm um guia não passaram pela falta de uma verdadeira sujeição e de uma inteira submissão.

7. Alguns irão dizer que a vontade não ama, mas é inativa, a não ser que o intelecto não compreenda clara e distintamente. É uma máxima reconhecida que aquilo que não é conhecido não pode ser amado. A resposta a isto é que, embora o intelecto não entenda distintamente através do raciocínio, imagens e considerações, ele conhece e entende através de uma obscura, geral e confusa fé. Este conhecimento, embora muito obscuro, indistinto e geral, é supernatural. Não obstante, ele tem uma clara e mais perfeita cognição de Deus do que qualquer observação sensível e particular que possa ser formada em sua vida. Toda representação corporal e sensível é infinitamente distante de Deus.

8. Nós conhecemos Deus de uma forma mais perfeita, segundo São Dioniso (Teologia Mística c.1.2) por negações, mais do que por afirmações. Nós temos um pensamento mais elevado de Deus, sabendo que ele é incompreensível e acima de toda a nossa capacidade, do que o concebendo sob qualquer imagem ou beleza criada conforme nosso cru entendimento. Uma grande estima e amor irão fluir deste caminho confuso, obscuro e negativo, mais do que qualquer outro sensível e indistinto, porque este é mais apropriado para Deus, e abstraído das criaturas. Do contrário, quanto mais ele depender das criaturas, menos ele terá de Deus.

## SEGUNDA ADVERTÊNCIA

### *DECLARANDO O QUE SÃO A MEDITAÇÃO E A CONTEMPLAÇÃO, E A DIFERENÇA ENTRE ELAS*

9. São João Damasceno (Lib.3. de fide, c.24) e outros santos dizem que a prece é uma saída ou elevação da mente em direção a Deus. Deus está acima de todas as criaturas e a Alma não pode vê-lo ou conversar com ele, se não se erguer acima de todas elas. Esta amistosa conversação que a Alma tem com Deus, na prece, é dividida em meditação e contemplação.

10. Quando a mente considera os mistérios da nossa fé com atenção, para conhecer a sua verdade, ela raciocina sobre os particulares e pondera sobre as circunstâncias dos mesmos, ela excita as afeições da Vontade. Este discurso mental e ato de piedade é propriamente chamado de meditação.

11. Quando a Alma já conhece a verdade (ou pelo hábito adquirido pelo raciocinar, ou porque Deus lhe deu uma luz particular) e fixa os seus olhos mentais nas verdades demonstradas, ela as contempla sinceramente com quietude e silêncio, sem nenhuma necessidade de considerações, raciocínios ou outras provas de convicção. A vontade as ama, admira e deleita-se com elas. Isto é propriamente chamado de a fé da prece, a prece do descanso, do reconhecimento interno ou contemplação.

12. Isto São Tomás (2.2.q. 180 Art. 3. p.4.), junto com todos os mestres místicos, diz, é uma sincera, doce, e quieta visão da verdade eterna sem raciocínio, ou reflexão. Mas se a Alma se regozija, ou observa os efeitos de Deus nas criaturas, e entre elas, na humanidade de Nosso Senhor Cristo como o mais perfeito de todos, isto não é a perfeita contemplação. São Tomás afirma (ibidem) que isto tudo são meios de se conhecer Deus como ele e em si mesmo. Embora a humanidade de Cristo seja o mais sagrado e perfeito meio de se ir a Deus. Ele é o instrumento principal de nossa salvação e o canal pelo qual recebemos todos os bens que esperamos. Apesar disto, a humanidade não é o bem principal, o qual consiste em ver Deus. Mas como Jesus Cristo é mais por sua divindade do que por sua humanidade, então aquele que pensa e fixa sua contemplação sempre em Deus (pois a divindade esta unida à humanidade) sempre pensa além, e contempla Jesus Cristo. Isto acontece especialmente no homem contemplativo cuja fé é mais sincera, pura e exercitada.

13. Assim que o fim é alcançado, os meios cessam. Quando a nau chega ao porto a viagem está terminada. Dessa forma, quando a Alma, após ter labutado e se cansado na meditação, alcança a quietude, tranquilidade e descanso da contemplação, ela deve então cortar todo o raciocínio e repousar quietamente com amorosa atenção e simples visão de Deus. Ela o vê e o ama, docemente rejeitando todas as imaginações que se apresentam a ela, acalmando a mente na Divina Presença, recolhendo a memória e fixando-a totalmente em Deus. Ela está satisfeita com um conhecimento geral e confuso, o qual é obtido. Pela mediação da fé. Ela aplica toda a sua vontade para amar a ele em quem todo o fruto do seu contentamento se encontra.

14. São Dioniso (Teol. Míst.) diz: “e quanto a ti, muito amado Timóteo, ao se aplicar nas especulações místicas, abstraia dos sentidos e operações do intelecto; de todos os objetos sensíveis e inteligíveis; e universalmente de todas as coisas que são, e não são, e em uma forma desconhecida e inexpressiva. Até onde isto estiver no poder do homem, erga a ti mesmo para a união com ele que está acima de toda a natureza e conhecimento.” Assim disse o santo.

15. Compete a nós, portanto, abandonar todos os seres criados, sensíveis, inteligíveis e afetáveis, ou seja, todas as coisas que são, e não são, para que possamos nos lançar no amoroso coração de Deus. Ele irá nos restituir em tanto quanto tivermos deixado, e nos crescer em força e poder para o amarmos mais ardentemente. Seu amor irá se manter neste santo e abençoado silêncio, o qual é mais valioso do que todos os atos reunidos.

16. São Tomás (1.2. Quest. 27 2 ad secundum ar.) diz: “É a menor coisa, que a pessoa com entendimento possa conhecer Deus nesta vida, mas muito do que a vontade pode ter é o amor”.

17. Quando a Alma alcança este estado, ela deve se retirar totalmente em si mesma, em seu mais puro e profundo centro. Lá está a imagem de Deus. Lá está a atenção amorosa, o silêncio, o esquecimento de todas as coisas. Lá está a aplicação da vontade com perfeita resignação, ouvindo e conversando com Deus frente a frente, de tal forma que é como se não houvesse ninguém no mundo além deles.

18. Os santos têm uma boa razão para dizer que a meditação opera com esforço, e dá frutos. A contemplação opera sem esforço, com quietude, descanso, paz, deleite, e muito maior recompensa. A meditação semeia e a contemplação colhe. A meditação procura, a contemplação encontra. A meditação mastiga, a contemplação saboreia e alimenta.

19. Tudo isto foi dito pelo místico Bernardo, sobre estas palavras do nosso Salvador: *Querite & invenietis. Pulsate & aperietur vobis. Lectio opponit iri solidum cibum. Meditatio frangit. Oratio japorem conciliat. Contemplatio est ipsa dulcedo que jucundat & reficit.* Portanto, temos uma descrição do que são a meditação e a contemplação, e da diferença que existe entre elas.

## TERCEIRA ADVERTÊNCIA

*DÁ A DIFERENÇA ENTRE A CONTEMPLAÇÃO ADQUIRIDA E ATIVA, E  
A INSPIRADA E PASSIVA, COM OS SINAIS PELAS QUAIS SÃO CONHECIDAS,  
QUANDO DEUS FAZ A ALMA PASSAR DA MEDITAÇÃO PARA A CONTEMPLAÇÃO*

20. Existem, portanto, duas vias de contemplação. Uma é imperfeita, ativa e adquirida. A outra é inspirada e passiva. A ativa (da qual tratamos previamente) é a que pode ser adquirida por nossa diligência, assistida pela graça divina. Nós reunimos nossos sentidos e faculdades, e nos preparamos por todas as formas que Deus nos dá. Assim dizem Boias e Arnaia.

21. São Bernardo recomenda a contemplação ativa, discursando sobre estas palavras (Sl. 85): *Audiam quid loquatur in me Deus*. E ele diz: *Optimam partem elegit Maria, licet non minoris (fortasse) meriti sit apud Deum humilis conversatio Marthae, sed de electione Maria laudatur: quoniam me Domino (quo ad nos spectat) eligenda, haec vero si injungitur patienter est toleranda*.

22. De forma semelhante São Tomás (Secund. q. 182. art. 2. & 3.) coloca esta contemplação adquirida nas seguintes palavras: *Quanto homo animam suam, vel alterius propinquius deo conjungit, tanto sacrificium est deo magis acceptum, unde magis acceptum est deo quo aliquis animam suam & aliorum applicet contemplationi quam actioni*. Palavras bastante claras para calar a boca dos que condenam a meditação adquirida.

23. Quanto mais o homem aproxima a sua própria Alma, ou a Alma de outro, para Deus, mais aceitável é o sacrifício para Deus. Disto se deduz (conclui o mesmo santo) que a aplicação da própria Alma do homem, ou a procura de que outro contemple, é mais aceitável a Deus do que a sua aplicação na ação. Não ser dito que o santo aqui fala da contemplação inspirada, porque não está em poder do homem se aplicar na inspirada, mas só na adquirida.

24. Embora seja dito que nós podemos, com a ajuda do Senhor, nos dirigir à contemplação adquirida, não obstante, nenhum homem deve por conta própria ser tão audacioso a ponto de passar do estado de meditação para este sem o conselho de um diretor experiente, que irá saber com clareza se a sua Alma foi chamada por Deus para esta via interior. Na falta de um diretor, a Alma deve descobrir algum livro que trate destes assuntos, enviado a ela pela Divina Providência, para que saiba o que foi que experimentou dentro do seu próprio coração. Mas, embora através da luz que assim ele pode obter, ele passe a ter segurança suficiente para deixar a meditação pela quietude

da contemplação, ainda assim a sua Alma irá reter o ardente desejo de ser mais perfeitamente instruída.

25. E para que ela possa receber boas instruções neste ponto, aqui eu darei os sinais pelos quais ela deverá conhecer o chamado à contemplação. O primeiro e principal é a inabilidade em meditar, e se a Alma medita, ela o faz com muita inquietação e penosamente, com a condição de que isto não proceda de uma indisposição da natureza, ou de um humor melancólico, ou da falta de preparo.

26. Deverá ser reconhecido não se tratar de nenhum desses defeitos, mas de um verdadeiro chamado, pelo qual a Alma passa um dia, um mês, não, muitos meses, sem conseguir discursar na prece. “O Senhor guia a Alma através da contemplação (diz a santa Madre Teresa) e a mente se encontra muito incapaz de meditar na paixão de Cristo, já que a meditação nada é além de uma busca por Deus. A Alma, uma vez que o encontrou, e retendo o costume de procurá-lo novamente, pela operação da vontade não será confundida pelo intelecto”. Assim disse a santa.

27. O segundo sinal é que, embora a Alma esteja necessitando de devoção sensível, ela ainda deseja a solidão e evita a conversação.

O terceiro é que a leitura de bons livros é, em geral, tediosa para ela, porque eles não falam da doçura interior do seu coração, embora ela não saiba disto.

O quarto é que, embora ela se ache destituída de raciocínio, ela ainda tem o firme propósito de perseverar na prece.

O quinto é que ela experimentará uma percepção (muito confusa) de si mesma, irá detestar o pecado e manterá uma alta estima de Deus.

28. A outra contemplação é perfeita e inspirada. “Nesta (diz Santa Teresa) Deus fala ao homem, sequestrando o seu intelecto, questionando o seu pensamento e apanhando sua palavra em sua boca. Se ele tentasse, não conseguiria falar, a não ser com grande sacrifício. Ele entende que, sem o barulho das palavras, o Mestre Divino o está instruindo, suspendendo todos os seus poderes e faculdades, porque, se eles operassem, causariam mais dano do que benefício. Estes homens regozijam-se, mas não sabem como eles o fazem. A Alma se inflama com o amor, mas não entende como ama. Ela sabe o que isto é, mas não a forma deste prazer. Ela sabe muito bem que este não é o prazer pelo qual o intelecto anseia. A vontade o abraça sem entender como. Mas ela é incapaz de entender qualquer coisa. Ela não percebe este benefício que pode ser merecido por todos os esforços reunidos, os quais são sofridos sobre a terra para ganhá-lo. É uma dádiva de Deus para a Alma e do céu. O Senhor no fim dá de acordo com o que ele é, e a quem lhe agrada quando lhe agrada. Tal é a sua majestade nisto, que ele realiza todas as coisas, e sua operação está acima da nossa natureza”. Tudo isto nós recebemos da santa Mãe em seu *Caminho para a Perfeição*, cap. 25. Disto segue-se que esta contemplação é inspirada, e livremente concedida pelo Senhor a quem lhe agrada.

## QUARTA ADVERTÊNCIA

*A RESPONSABILIDADE DESTE LIVRO É ENRAIZAR A REBELIÃO DE  
NOSSA PRÓPRIA VONTADE, PARA QUE POSSAMOS OBTER A PAZ INTERIOR*

29. O caminho para a paz interior é, em todas as coisas, se conformar ao prazer e disposição da vontade divina... (Hugo Cardinalis in Sl. 13) *omnibus debemus subjecere voluntatem nostram voluntatis divin... haec est enim pax voluntati nostri ut sit per omnia conformis voluntati divinae*. Aquele em quem todas as coisas se sucedem e passam de acordo com suas próprias inclinações, jamais conhecerá este caminho. *Viam placis not cognoverunt*, e por isso levam uma vida áspera e amarga, sempre sem sossego e sem humor, sem trilhar o caminho da paz, que consiste em uma total conformidade com a vontade de Deus.

30. Esta conformidade é o doce jugo que nos introduz nas regiões da paz interior e da serenidade. Portanto, devemos saber que a rebelião da nossa vontade é a principal razão de nossa inquietação. Porque não nos submetemos ao doce jugo da Vontade Divina, nós sofremos de muitos rigores e perturbações. Ó Alma! Se nos submetemos à Vontade Divina e a toda a sua disposição, que tranquilidade sentiremos! Que doce paz! Que serenidade interior! Que suprema felicidade e fervorosa alegria! Esta é a meta deste livro. Possa agradar a Deus dar-me a sua Luz Divina para desvelar as sendas secretas deste caminho interior e da suprema felicidade da paz perfeita.



# **LIVRO PRIMEIRO**

**SOBRE A ESCURIDÃO A ARIDEZ, E AS TENTAÇÕES  
COM AS QUAIS DEUS PURGA AS ALMAS, E  
SOBRE O RECOLHIMENTO INTERIOR**



# CAPÍTULO I

*NO FIM POSSA DEUS DESCANSAR NA ALMA, O CORAÇÃO DEVE SEMPRE SER MANTIDO EM PAZ, EM QUALQUER INQUIETAÇÃO, TENTAÇÃO E TRIBULAÇÃO*

1. Você deve saber que a sua Alma é o centro, a habitação e o reino de Deus. Portanto, para que no fim o Soberano Rei possa descansar no trono da sua alma, você deve se esforçar para mantê-la limpa e quieta, vazia e pacífica: limpa de todo pecado e defeito; quieta de temores; vazia de afeições, desejos e pensamentos; e pacífica nas tentações e tribulações.

2. Você deve, então, manter o seu coração sempre em paz, com uma intenção reta e pura, para que possa manter puro o templo de Deus. Você deve trabalhar, orar, obedecer e sofrer, sem se abalar por nada do que agrada a Deus enviar a ti. Porque é certo que, pelo bem da sua Alma e para o seu benefício espiritual, Ele irá permitir que o inimigo invejoso perturbe esta cidade de descanso, este trono da paz, com tentações, sugestões e tribulações, e, por meio das criaturas, com dolorosos problemas e cruéis perseguições.

3. Seja constante e anime o seu coração em qualquer inquietação que essas tribulações possam causar a você. Penetre nele para que possa vencê-las. Pois aí está a divina fortaleza, que defende, protege e luta por você. Se um homem tem uma fortaleza segura, ele não se inquieta quando seus inimigos o perseguem. Retirando-se para dentro, os inimigos se desapontam e são derrotados. O forte castelo o fará triunfar sobre os seus inimigos visíveis e invisíveis, e sobre todas as suas armadilhas e tribulações dentro de sua própria Alma. Nela reside o divino auxílio e o socorro soberano. Recolha-se dentro dela e tudo estará quieto, seguro, pacífico e calmo.

4. Deve ser o seu principal e contínuo exercício pacificar o trono do seu coração, para que o Supremo Rei possa nele descansar. O caminho para pacificá-lo será entrar dentro de si mesmo através do recolhimento interior. Toda a sua proteção será a prece e o amoroso recolhimento na divina presença. Quando você se vir assaltado mais agudamente, retire-se para esta região de paz onde você encontrará a fortaleza. Quando você estiver mais esmorecido, tome refúgio na prece. Ela é a única armadura para se vencer o inimigo, e mitigar a tribulação. Você não deve se afastar dela na tempestade, para que, como outro Noé, você possa experimentar tranquilidade, segurança e serenidade, e, no fim, sua vontade esteja resignada, devotada, pacífica e corajosa.

5. Finalmente, não se aflija ou desencoraje se você se perceber esmorecido. Ele retornará para aquietá-lo, para que ainda Ele o anime. Porque este divino Senhor estará

só contigo para descansar em sua alma, e nela formar um rico trono de paz. Dentro do seu próprio coração, através do recolhimento interior e com sua graça divina, você deverá procurar por silêncio no tumulto, solidão na companhia, luz na escuridão, esquecimento na pressão, vigor no desânimo, coragem no medo, resistência na tentação, paz na guerra e quietude na tribulação.

## CAPÍTULO II

*EMBORA A ALMA PERCEBA-SE PRIVADA DO DISCURSAR, DO  
RACIOCINAR, MESMO ASSIM ELA DEVE PERSEVERAR NA PRECE,  
E NÃO ESTAR AFLITA, PORQUE ESTA É A SUA MAIOR FELICIDADE*

6. Você se encontrará, como todas as outras almas que são chamadas por Deus ao caminho interior, cheio de confusão e dúvidas, porque na prece você falhou no discursar. Irá lhe parecer que Deus não o ajuda tanto quanto antes; que o exercício da prece não está em seu poder; que você está perdendo tempo, enquanto duramente, e com grande esforço, você consegue fazer uma única exclamação da forma desejada.

7. Quanta confusão e que perplexidade irá este desejo de se engrandecer no discurso mental criar em você? Se em tal conjuntura você não tiver um pai espiritual experiente no caminho místico, você irá certamente concluir que a sua Alma está fora de ordem. Pela segurança da sua consciência você crê precisar de uma confissão geral. Tudo o que será obtido por este cuidado será confusão e vergonha para ambos. Quantas Almas são chamadas para o caminho interior, e os pais espirituais, por falta de entendimento das suas situações, as param em seu curso e as arruinam no lugar de guiá-las e ajudá-las a irem adiante.

8. Você deve então ser persuadido a não voltar atrás quando faltar expansão e discurso na prece. Esta é a sua maior felicidade, porque é um claro sinal de que o Senhor quer que você ande pela fé e pelo silêncio na sua divina presença. Este é o caminho mais benéfico e fácil. Com uma visão simples e uma atenção amorosa a Deus, a Alma aparece como um humilde suplicante diante do seu Senhor, ou como uma criança inocente que se lança no doce e seguro regato de sua mãe querida. Gerfon expressou isto da seguinte forma: “embora eu tenha passado quarenta anos na leitura e na oração, eu nunca encontrei nada mais eficaz, nem mais sumário, para se alcançar a teologia mística, do que tornar o nosso espírito como uma criança pequena e um mendigo na presença de Deus”.

9. Este tipo de prece não só é o mais fácil, mas o mais seguro. Porque é abstraído das operações da imaginação, a qual está sempre sujeita aos truques do diabo, as extravagâncias da melancolia e do raciocínio, pelos quais a Alma é sempre distraída. Estando envolta na especulação, ela reflete sobre si mesma.

10. Quando Deus resolveu instruir seu próprio capitão Moisés, e lhe deu as duas tábuas da Lei escritas em pedra (Êxodo. 24), ele o chamou à montanha e, enquanto Deus lá estava com ele, o monte esteve escuro e cercado por densas nuvens. Moisés se ficou inerte, sem saber o que pensar ou dizer. Sete dias depois Deus ordenou a

Moisés que viesse ao topo da montanha, onde ele lhe mostrou a sua glória e o preencheu com grande consolação.

11. Assim, no início, quando Deus o quer, para guiar a Alma de uma maneira extraordinária na escola das divinas e amorosas menções da lei interior, ele a faz ir na escuridão e na aridez, para que possa trazê-la para mais perto de si. A majestade divina sabe muito bem que não é por meio do próprio raciocínio, ou trabalho, mas antes pelo silêncio e humilde resignação que a Alma se aproxima dele e entende os testemunhos divinos.

12. O patriarca Noé deu um grande exemplo disto. Ele foi considerado um tolo por todos os homens. Ao flutuar no meio do mar raivoso, no qual todo o mundo fora submergido, sem velas ou remos, e cercado pelas bestas selvagens trancadas na Arca, ele caminhou apenas pela fé. Ele não sabia e nem entendia o que Deus tinha em mente para si.

13. O que mais lhe concerne, ó Alma redimida, é a paciência. Não pare a sua prece, embora não consiga aumentar o discurso. Caminhe com fé firme e em silêncio santo, fazendo morrer em si mesma toda faina natural, confiando que Deus é quem ele é, e não muda, e não pode errar. Ele não almeja nada além do seu bem. É claro que quem está morrendo deve necessariamente sentir isto. Mas como é bem empregado o tempo no qual a alma está morta, surda e resignada para a presença de Deus. A Alma está lá sem qualquer desordem ou distração para receber a divina influência.

14. Os sentidos não são capazes de bênçãos profundas. Logo, para vir a ser alegre e sábio, seja silencioso e acredite, sofra e tenha paciência, seja confiante e avance. Interessa-lhe mais manter a sua paz e deixar-se guiar pela mão de Deus, do que usufruir todos os bens deste mundo. Embora lhe pareça não estar fazendo nada, e estar inerte, e muito calado e resignado, você, todavia, produz infinitos frutos.

15. Considere a respeito da besta cega que move a roda do moinho. Sem que ela veja, ou saiba o que está fazendo, ela realiza um grande trabalho ao moer o trigo. Embora ela não o prove, seu mestre recebe o fruto, e prova do mesmo. Quem não pensaria, durante o longo tempo em que a semente está no solo, que ela se perdeu? Todavia, ela brota, cresce e se multiplica. Deus faz o mesmo com a Alma quando a priva da consideração e do raciocínio. Enquanto a Alma pensa que nada faz e está de certa forma inacabada, no tempo certo ela retorna a si mesma, aperfeiçoada, desembaraçada e perfeita, nunca tendo esperado tanto favorecimento.

16. Tome cuidado, então, para não se afligir, não recuar, embora você não possa se engrandecer e discursar na prece. Sofra, mantenha a sua paz e apareça na presença de Deus. Persevere, constantemente, e confie na infinita generosidade que pode lhe dar fé constante, verdadeira luz, e divina graça. Caminhe como se estivesse vendado, sem pensar ou raciocinar. Coloque-se nestas mãos gentis e paternais. Resolva nada fazer além de sua vontade e prazer divinos.

# CAPÍTULO III

## *UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO*

17. É a opinião comum entre todos os santos homens que trataram do espírito, e de todos os assuntos místicos, que a Alma não pode alcançar a perfeição e a união com Deus através da meditação e do raciocínio, porque estes são bons apenas para o começo do caminho espiritual. Para este fim, deve-se adquirir um hábito de conhecimento da beleza da virtude e da feiura do vício. Na opinião de Santa Teresa, este hábito pode ser obtido em seis meses, e segundo São Boaventura, em dois (prolop. de 18. Teol. Mist. p. 655).

18. Qual é, de certa forma, o infinito número de Almas dignas de pena, as quais do começo de suas vidas até o fim aplicam-se apenas na mera meditação. Elas se constroem à razão, embora Deus Todo-Poderoso as prive do raciocínio para poder promovê-las a outro estado, e levá-las a um tipo de prece mais perfeito. Por muitos anos elas continuam imperfeitas, no começo sem nenhum progresso, ou mesmo sem terem dado um passo no caminho do espírito. Elas quebram suas mentes meditando na forma do lugar, na escolha dos protocolos, em imaginações, e em forçadas argumentações, buscando Deus fora, quando todo o tempo elas o têm dentro de si.

19. Santo Austin (Soliloq. c. 31) lamenta-se disto, no tempo em que Deus o levou para o Caminho Místico, dizendo a sua Divina Majestade: “Eu, Senhor, vagueei como uma ovelha perdida, procurando-te com ansiosa argumentação, quando estavas dentro de mim. Eu me consumi procurando por ti fora e tu tinhas a tua habitação em mim. Enquanto eu atrelava e suspirava atrás de ti, eu percorria as ruas e os lugares da cidade deste mundo, a te procurar. Mas não te encontrei, porque procurava em vão, por ele que estava dentro de mim”.

20. O angélico doutor São Tomás, que em tudo era tão circunspecto em seus escritos (Ocuse... C3...), parece zombar dos que ainda vão para fora em busca de Deus, através do raciocínio, quando o têm presente dentro de si. “Há uma grande cegueira e uma excessiva tolice em alguns (diz o Santo), que sempre veem Deus, continuamente suspiram atrás de Deus, frequentemente anelam por Deus, invocam e chamam Deus diariamente em prece. Eles mesmos (de acordo com o Apóstolo) são o templo vivo de Deus, e sua verdadeira habitação, uma vez que suas Almas são o assento e trono de Deus onde ele continuamente descansa. Quem, então, a não ser um tolo, irá procurar por um instrumento nas cercanias, quando sabe que o tem dentro de casa? Ou que pode se refrescar com o alimento que deseja, e não o prova? Exatamente assim é a vida de tais homens, sempre procurando, e nunca aproveitando. Por isso, todas as suas obras são imperfeitas”.

21. É certo que o nosso Senhor Cristo ensinou a perfeição para todos. Ele sempre almeja que todos sejam perfeitos, particularmente o ignorante e o simples. Ele claramente manifestou esta verdade quando escolheu para os seus apóstolos os menores e mais ignorantes, dizendo ao seu Pai Eterno (Mat.1.1): “Obrigado, ó pai. Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas dos sábios e prudentes, e as revelou às crianças”. E é certo que eles não podem adquirir perfeição através de argutas meditações e sutis argumentações, embora eles sejam tão capazes quanto os mais letrados de obter a perfeição pelas afeições da vontade, nas quais ela fundamentalmente consiste.

22. São Boaventura nos ensina a não formarmos nenhum tipo de concepção sobre Deus, porque é uma imperfeição fazer representações, imagens, e ideias, não importa o quanto sutis e engenhosas, tanto da vontade, quanto da bondade, trindade, e unidade, não, da própria divina presença. A esse respeito, embora todas as representações apareçam *deificadas*, ainda assim elas não são Deus, o qual não admite nenhuma imagem, nem forma.

*Non ibi* (diz o Santo, ... ist. Theol. p.2. On. p. 685.) *oportet cogitare res de creaturis nec de, angelis, nec de trinitate, quia haec sapientia per affectus desideriorum, non per meditationem, proeviam debet consurgere.* Sabedoria e perfeição não são adquiridas por uma meditação diligente e elaborada, mas pelo desejo e afeição da vontade.

23. O santo homem não poderia falar mais claramente. Você se inquietaria, deixaria a prece por não saber e não poder dizer como engrandecê-la, apesar de ter boa vontade, bom desejo e intenção pura? Se os jovens corvos, ignorados pelos mais velhos porque estes os vêm sem penas e os julgam espúrios, são alimentados pelo orvalho do céu para que não pereçam, o que lhes fará as Almas redimidas, embora não consigam falar ou argumentar, se elas creem, confiam, e abrem as suas bocas para os céus, declarando suas necessidades? Não é mais certo que a divina bondade vá provê-los, e dar-lhes a comida necessária?

24. Assim se manifesta este grande martírio, e não é uma dádiva pequena de Deus. A Alma, se encontrando privada do prazer sensível que tinha, caminha apenas pela santa fé nas escuras, desérticas trilhas da perfeição. Saiba, entretanto, que nada pode ser obtido, a não ser por este doloroso, mas seguro caminho. Portanto, se esforce para ser constante e não recuar, embora possa lhe faltar discurso na prece. Enquanto isto, creia firmemente, Esteja quieto e silente, e persevere com paciência, se você deseja ser feliz e alcançar a divina união, o eminente descanso e a suprema paz interior.

# CAPÍTULO IV

*A ALMA NÃO DEVE SE AFLIGIR, NEM INTERROMPER*

*A PRECE, PORQUE SE VÊ ENVOLTA PELA ARIDEZ*

25. Você saberá que existem dois tipos de prece: uma, meiga, deleitosa, amável e repleta de sentimentos; a outra obscura, seca, desolada, sujeita à tentação, e tenebrosa. A primeira é para os iniciantes, a segunda para os experientes que estão progredindo à perfeição. Deus dá a primeira para ganhar as Almas, a segunda para purificá-las. Com a primeira ele as trata como crianças, com a segunda começa a agir como se fossem homens feitos.

26. Esta primeira via, que Deus costuma dar aos iniciantes, pode ser chamada de vida animal. Ela pertence àqueles que percorrem a estrada da devoção sensível. Ao fim, tendo sido agraciados com este pequeno gosto, como o homem natural com um objeto sensível, eles podem aderir à vida espiritual. A segunda é chamada a vida do homem, e pertence àqueles que não ligam para os prazeres sensíveis. Eles lutam e guerreiam contra as suas próprias paixões, para que assim conquistem e obtenham a perfeição, sendo isto a apropriada ocupação do homem.

27. Convença-se de que a aridez e a ardência são os instrumentos do seu benefício, pois elas nada mais são do que o resultado do desejo por coisas sensíveis. Este é o obstáculo que impede o voo de quase todos os homens espirituais. Ele até os faz recuar e abandonar a prece. Isto pode ser visto nas muitas Almas que só perseveram quando experimentam a consolação sensível.

28. Saiba que o Senhor faz uso do véu da aridez para que não possamos saber o que ele esta obrando em nós. Por isso, seja humilde. Se nós sentíssemos e soubéssemos o que ele está obrando em nossas Almas, a satisfação e a presunção iriam estragá-lo. Nós imaginaríamos estarmos realizando algo bom e nos consideraríamos muito próximos de Deus. Isto seria nossa ruína.

29. Assente isto como solo firme em seu coração. Pois, para se trilhar o caminho interior, toda a sensibilidade deve primeiro ser removida. O meio que Deus utiliza para isto é a aridez. Com ela, ele também retira a reflexão, ou a forma pela qual a Alma vê o que está fazendo. Este é o único impedimento que obstrui o avanço. Deus se comunica e opera nela.

30. Você não deve, então, se afligir ou pensar que não está colhendo nenhum fruto, porque, vindo de uma comunhão ou de uma oração, você não teve a experiência dos vários sentimentos, uma vez que isto é um embuste manifesto. O agricultor planta em um tempo e colhe em outro. Assim Deus, nas ocasiões e em seu próprio tempo, as

ajudará a resistirem as tentações. Quando você menos esperar, Ele dará a ti santos propósitos e desejos mais efetivos para servi-lo. Para isto, você não deve se permitir ser transportado pela violenta sugestão do inimigo. Ele irá invejosamente persuadi-lo de que você não está fazendo nada, e que está perdendo tempo, para que assim você negligencie a prece. Eu irei declarar a você alguns dos infinitos frutos, os quais a Alma colhe desta grande aridez.

31. O primeiro é perseverar na prece, de cujo fruto brotam muitas outras vantagens.

- II. Você descobrirá um asco pelas coisas do mundo. Pouco a pouco, isto tenderá a sufocar os maus desejos da sua vida passada e produzirá outros novos do Deus vivo.
- III. Você refletirá sobre muitas fraquezas sobre as quais você antes não refletiu.
- IV. Quando você estiver próximo de cometer algum mal, você encontrará uma advertência em seu coração, a qual o impedirá da sua execução. Em outros momentos, o seu coração o impedirá de falar, lamentar ou se vingar. Isto o retirará de alguns pequenos prazeres terrenos, de uma ou outra ocasião ou conversação, nas quais anteriormente você entrava com grande paz e segurança, sem a menor resistência ou remorso da consciência.
- V. Após você ter caído em uma falta leve por fraqueza, você sentirá uma reprovação em sua Alma. Isto o irá afligir imensamente.
- VI. Você sentirá dentro de si desejos de sofrer e de fazer a vontade de Deus.
- VII. Você sentirá uma inclinação para a virtude e uma paz maior ao vencer a si mesmo e conquistar as dificuldades das paixões e dos inimigos que o embarçam no caminho.
- VIII. Você se conhecerá melhor e também irá se sentir confundido. Você sentirá em si uma alta estima por Deus, acima de todos os entes criados, desprezo pelas criaturas, e uma firme resolução em não abandonar a prece, embora saiba que esta se provará ser o mais cruel martírio.
- IX. Você estará sensível a uma grande paz em sua Alma, ao amor à humildade, à confiança em Deus, à submissão e à abstração de todas as criaturas, e, finalmente, aos pecados que você omitiu desde que se exercitou na prece. Também experimentará muitos sinais de que o Senhor está trabalhando em sua Alma (embora você não o saiba) através da prece árida. Embora você não o sinta enquanto está orando, você o sentirá no momento certo, quando ele julgar conveniente.

32. Todos esses, e muitos outros frutos, são como botões novos que brotam da prece. Você não deve desistir porque eles lhe parecem ser áridos, porque você não vê

fruto neles, e não vê neles vantagem alguma. Seja constante e persevere com paciência. Pois, embora você não o saiba, a sua Alma tira proveito disto.



## CAPÍTULO V

*TRATANDO DO MESMO ASSUNTO, DECLARANDO QUANTOS MUITOS CAMINHOS  
DE DEVOÇÃO EXISTEM, E COMO A DEVOÇÃO SENSÍVEL DEVE SER DISPOSTA;  
E PARA QUE A ALMA NÃO ESTEJA OCIOSA, EMBORA ELA NÃO RACIOCINE*

33. Existem dois tipos de devoção: uma essencial e verdadeira; a outra acidental e sensível. A essencial é a prontidão da mente para fazer o bem, cumprir os mandamentos de Deus e realizar todas as coisas que pertencem a seu serviço. Por causa da fragilidade humana, nem tudo é realmente feito como o desejado. Esta é a verdadeira devoção, embora não seja acompanhada por prazer, doçura, deleite, e nexos por lágrimas. Antes se realiza com tentação, aridez, e escuridão.

34. A devoção é acidental e sensível (S. Bern. Ser. 1 *de Nat. Dom. Suarez in Molin de Oration. c. 6.*) quando o bem desejado é atendido com uma prazerosa brandura do coração, doçura de lágrimas, ou outras afeições sensíveis. Ela não deve ser buscada. Não, antes é mais seguro apartar a vontade do que se guiar por ela. Porque ela é geralmente perigosa, é um grande obstáculo ao progresso e avanço no caminho interior. Portanto, nós devemos apenas abraçar a devoção verdadeira e essencial, a qual está sempre acessível ao nosso poder, visto que todo aquele que cumpre a sua obrigação pode adquiri-la com a assistência da graça divina. Isto pode ser obtido com Deus, com Cristo, com os mistérios, com a virgem, e com os santos.

35. Alguns pensam que quando a devoção e o prazer sensível são dados eles são favores de Deus, e que, deste momento em diante, eles o têm, e que toda a sua vida será vivida na busca deste deleite. Mas isto é um engodo. Isto nada mais é do que uma consolação da natureza, e uma reflexão pura pela qual a Alma contempla o que faz, e que impede a ação, ou a possibilidade de fazer qualquer coisa, e a aquisição da verdadeira luz, e o dar um passo no caminho da perfeição. A Alma é um espírito puro e não é sentida. Logo, os atos internos e os atos da vontade, que são da Alma e espirituais, não são sensíveis. Por isto, a alma não sabe se vive, ou na maior parte se é sensível quando age.

36. Disto você pode inferir que a devoção e o prazer sensível não são de Deus, nem do espírito, mas um produto da natureza. Portanto, você não deve se guiar por ela, mas desprezá-la, e com firmeza perseverar na prece, direcionando-se à conduta de Deus. Ele será para você luz na aridez e na escuridão.

37. Não pense que, quando você se encontrar seco e obscurecido com a fé e o silêncio na presença de Deus, que você nada está realizando, ou que está ocioso ou perdendo tempo. Não esperar em Deus, conforme o dito de São Bernardo (Tom. 5. *in*

*Fract. de vit. solit. c.8. p.90*), é a grande ociosidade: *Otiosum non est cacare Deo: inimo negotiorum omnium hoc est*. E em outra parte ele diz que a ociosidade da Alma é o obrar da obra de Deus. *Hoc negotium magnum est negotium*.

38. Não diga que a alma está ociosa. Embora ela não opere ativamente, ainda assim o Espírito Santo opera nela. Além disto, ela não está sem nenhuma atividade porque ela opera apenas espiritualmente, de forma simples e íntima. E isto para ser atenta a Deus, aproximar-se dele, seguir suas inspirações interiores, receber suas divinas influências, adorá-lo em seu próprio centro íntimo, reverenciá-lo com as piedosas afeições da vontade, jogar fora as muitas e fantásticas imaginações e, com brandura e desprezo, vencer as muitas tentações. Eu digo que todos estes são atos verdadeiros, simples, e totalmente espirituais, e imperceptíveis através da grande tranquilidade com a qual a Alma os exerce.

## CAPÍTULO VI

*A ALMA NÃO DEVE ESTAR INQUIETA, POR SE VER ENVOLTA PELA ESCURIDÃO,  
PORQUE ELA É UM INSTRUMENTO PARA A SUA MAIOR FELICIDADE*

39. Existem dois tipos de escuridão: uma infeliz e a outra alegre. A primeira é a que surge do pecado, e é infeliz porque leva o Cristão ao precipício eterno. A segunda é a que o Senhor tolera para poder estar na Alma, para fundamentá-la e assentá-la na virtude. Esta é alegre porque ilumina a Alma, fortifica-a e comunica-lhe uma luz maior. Você não deve se lastimar e se perturbar, nem se desconsolar, ao ver-se obscurecido e entrevado, julgando que Deus, e também a luz que você antes experimentou, falharam com você. Você deve antes, nesse momento, perseverar com constância na prece, uma vez que isto é um sinal manifesto de que Deus, em sua infinita misericórdia, pretende conduzi-lo à via interior e ao feliz caminho ao paraíso. Quão feliz você será, se o abraçar com paz e resignação, como sendo o instrumento da perfeita quietude, da verdadeira luz e de todo o seu bem espiritual.

40. Saiba, então, que o mais reto, mais perfeito e seguro caminho de aprimoramento é o caminho da escuridão. Nele o Senhor colocou o seu próprio trono, “e ele fez da escuridão o seu lugar secreto” (Salmo 18). Através dele, a luz supernatural, que Deus infunde na alma, cresce e aumenta. Nele a sabedoria e o forte amor são gerados. Pela escuridão a Alma é aniquilada, e as espécies que embaraçam a reta visão da verdade divina são consumidas. Por este meio, Deus introduz a Alma através do caminho interno na prece do descanso, e na perfeita contemplação que tão poucos experimentaram. Finalmente, pela escuridão o Senhor purga os sentidos e a sensibilidade que embaraçam o progresso místico.

41. Veja então se a escuridão não deve ser querida e abraçada. O que você deve fazer ao se encontrar nela é crer que está diante do Senhor e em sua presença. Mas você deve fazer isto com doce e quieta atenção, não com o desejo de conhecer alguma coisa, nem de buscar delicadezas, doçura ou devoções sensíveis, e nem qualquer outra coisa além da boa vontade e prazer de Deus. De outra forma, durante toda a sua vida você andarás apenas em círculos, e não avançará um passo sequer em direção à perfeição.



## CAPÍTULO VII

*PARA QUE NO FIM A ALMA ALCANCE A SUPREMA PAZ INTERIOR, É  
NECESSÁRIO QUE DEUS A PURGUE AO SEU MODO, PORQUE OS EXERCÍCIOS  
E MORTIFICAÇÕES, A QUE ELA MESMA SE ENTREGA, NÃO SÃO SUFICIENTES*

42. Tão logo você se decida mortificar os seus sentidos externos, você poderá avançar em direção à alta montanha da perfeição e à união com Deus. A sua divina majestade irá colocar a sua mão para purgar as suas más inclinações, os seus desejos desordenados, a sua vã complacência, o seu amor próprio e orgulho; e outros vícios ocultos, os quais você desconhece e mesmo assim reinam nas partes interiores da sua Alma, e impedem a união divina.

43. Você nunca alcançará este feliz estado, embora se mortifique com atos externos de mortificação e resignação, até que Deus o purgue internamente e o discipline em seu próprio caminho, pois Ele apenas conhece as faltas secretas que devem ser purgadas. Se você perseverar com constância, ele não irá apenas purgá-lo das afeições e apegos aos bens temporais e naturais, mas em seu próprio tempo irá purificá-lo também com o sobrenatural e o sublime. Tais são as comunicações interiores, os interiores enlevos e êxtases, e outras graças infusas nas quais a Alma descansa e se alegra.

44. Deus fará tudo isto em sua Alma por meio da cruz da aridez, se você livremente der o seu consentimento através da resignação, e caminhar através destes caminhos desérticos e escuros. Tudo o que você deve fazer é nada fazer de sua própria escolha. A submissão da sua liberdade é o que você deve procurar. Resigne-se quietamente em tudo o que o Senhor achar adequado para mortificá-lo internamente e externamente. Este é o único meio pelo qual a Alma se torna capaz de receber as divinas influências, enquanto você sofre as tribulações internas e externas com humildade, paciência e quietude; e não através das penitências, disciplinas e mortificações que você pode impor a si mesmo.

45. O agricultor deposita maior estima nas plantas que lança ao solo, do que nas que brotam por si mesmas, porque estas nunca alcançam o amadurecimento conveniente. Da mesma forma, Deus estima, e se agrada mais, com a virtude que ele planta e infunde na Alma (ao ser submersa em seu próprio vazio, calma e quieta, recolhida em seu próprio interior, e sem qualquer escolha) do que todas as outras virtudes que a alma pretende adquirir por sua própria escolha e esforço.

46. Portanto, a você concerne apenas preparar o seu coração, como um papel em branco, no qual a divina sabedoria possa imprimir palavras de seu próprio agrado.

Quão grande trabalho será para a sua Alma permanecer por horas em prece, surda, resignada e humilde, sem agir, conhecer, ou desejar entender qualquer coisa.

# CAPÍTULO VIII

## *UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO*

47. Com novos esforços você irá se exercitar, mas de uma forma diferente, para receber as divinas e secretas operações, e para ser polido e purificado pelo Senhor. Este é o único meio pelo qual você se tornará limpo e purgado da sua ignorância e dissolução. Entretanto, saiba que você será precipitado em um amargo mar de sofrimentos de dores internas e externas. Este tormento irá penetrar nas partes mais íntimas, tanto da sua Alma quanto do seu corpo.

48. Você experimentará ser abandonado pelas criaturas. Sim, também por aqueles de quem você mais esperou ajuda e compaixão nas suas dificuldades. Os canais das suas faculdades estarão tão secos que você não conseguirá formar qualquer raciocínio; não, nem mesmo conceber um bom pensamento sobre Deus. Os céus lhe parecerão ser de bronze, e você não receberá nenhuma luz deles. Nem irá confortá-lo o pensamento de que, em tempos passados, tanta luz e tanta devota consolação se derramaram sobre a sua Alma.

49. Os inimigos invisíveis irão persegui-lo sem escrúpulos, com sugestões lascivas e pensamentos impuros, com incentivos para a impaciência, o orgulho, a ira, amaldiçoando e blasfemando o nome de Deus, os seus sacramentos e sagrados mistérios. Você achará em si uma grande indiferença, repugnância e enfado das coisas de Deus. Você achará obscuridade e escuridão em seu entendimento, uma fraqueza, confusão e estreiteza de coração, uma frieza e debilidade da vontade em resistir, que uma palha lhe parecerá como sendo uma viga. A sua desolação será tão grande que você irá pensar que não há mais um Deus para você, e que você se tornou incapaz de conceber um bom desejo. Você continuará fechado em constantes dificuldades e angústias como entre dois muros, sem esperança de jamais sair de tão horrenda opressão.

50. Mas não tema. Tudo isto é necessário para purgar a sua Alma, e fazê-la conhecer o seu próprio mistério e sensivelmente perceber a aniquilação de todas as paixões, e de todos os apetites desordenados com os quais ela se regozijava. Finalmente, o Senhor poderá lhe refinar e purificar, do seu próprio modo, com estes tormentos internos. Não irá você atirar o Jonas <sup>1</sup> dos sentidos ao mar para que desta forma então possa procurá-lo? Com todas as suas disciplinas exteriores e mortificações você nunca verá a verdadeira luz, e não dará um passo em direção à perfeição. Você

---

<sup>1</sup> N.T.: “Jonas”, nesse caso, assume o sentido de algo que transmite azar, um ícone de mau agouro.

parará no início, e a sua Alma não irá alcançar o amável descanso e a suprema paz interior.

# CAPÍTULO IX

*A ALMA NÃO DEVE SER INQUIETADA, NEM DEVE RECUAR NO CAMINHO*

*ESPIRITUAL, PORQUE SE ENCONTRA ASSALTADA PELAS TENTAÇÕES*

51. Nossa própria natureza é tão vil, orgulhosa e ambiciosa, tão cheia de seus próprios apetites, seus próprios julgamentos e opiniões, que, se as tentações não a restringissem, ela se arruinaria sem remédio. Por isto, vendo a nossa miséria e perversa inclinação, e por isto movido de compaixão por ela, o Senhor permite que sejamos assaltados por diversos pensamentos contra a fé, por tentações horríveis, e por violentas e dolorosas sugestões de impaciência, orgulho, gula, luxúria, ira, blasfêmia, maldição, desespero e um infinito número de outras coisas, para que possamos nos conhecer e ser humildes. Com essas horríveis tentações, a infinita bondade humilha o nosso orgulho e então nos dá o mais completo remédio.

52. Toda a nossa retidão (como Isaias Cap. 64 diz) é “como farrapos imundos”, através dos quais são vistas as máculas da vaidade, da presunção e do amor-próprio. É, portanto, necessário que seja purificada com o fogo da tribulação e da tentação, para que possa estar limpa, pura, perfeita e agradável aos olhos de Deus.

53. Por tudo isto, o Senhor purifica a Alma que ele chama e quer para si, com a áspera fila de tentações com as quais ele lustra a ferrugem do orgulho, da avareza, da ambição, da presunção e da autoconsideração. Com as mesmas ele torna humilde, pacífica e exercita a Alma, fazendo-a conhecer a sua própria miséria. Por estes meios, ele purifica e despoja o coração para que todas as suas operações possam ser puras e de valor inestimável.

54. Quando sofrem estes dolorosos tormentos, muitas Almas se atormentam, afligem e inquietam. Parece a elas que começaram a sofrer as punições eternas ainda nesta vida. Se por infortúnio elas buscam um confessor inexperiente, ele as põe em uma confusão e perplexidade ainda maiores, ao invés de reconfortá-las.

55. Para que você não perca a paz interior, é necessário acreditar na bondade da divina misericórdia, mesmo que ela o humilhe, aflija e tente, uma vez que, por estes meios, a Alma chega a um conhecimento mais profundo de si mesma, reconhecendo-se como a pior, mais ímpia e abominável de todas as Almas viventes, e, com humildade e submissão, enoja-se de si mesma. Quão felizes seriam as Almas se ficassem quietas e acreditassem que todas estas tentações são causadas pelo Diabo, e recebidas da mão de Deus, para o seu ganho e proveito espirituais.

56. Mas você dirá que isto não é o trabalho do Diabo, quando ele o molesta por meio das criaturas, mas que é o efeito das faltas e da malícia do seu próximo, que o

molesta e lhe causa injúria. Saiba que esta é mais uma astuta e oculta tentação; porque, embora Deus não deseje o pecado de outrem, mesmo assim ele quer o seu efeito em você. O problema que uma falta de outrem lhe causa, é para que ele o veja aperfeiçoado pelo benefício da paciência.

57. Você nunca recebeu uma injúria de outro homem? Existem aí duas coisas. O pecado do que o faz, e a punição que você sofre. O pecado é contra a vontade de Deus e o desagrada, embora ele o permita. A punição está de acordo com a sua vontade. Mas ele o quer para o seu próprio benefício. Por isto, você deve recebê-la como se fosse de sua própria mão. A paixão e a morte de nosso Senhor Cristo foram o efeito da maldade e do pecado de Pilatos. Ainda assim, é certo que Deus desejou a morte do seu próprio filho para a nossa redenção.

58. Considere como o Senhor faz uso da falta de outrem para o bem da sua própria Alma. Como é grande a Divina Sabedoria, que pode examinar as profundezas dos meios secretos e extraordinários, e as ocultas sendas pelas quais ele guia a Alma que quer ver purgada, transformada e divinizada.

# CAPÍTULO X

## ONDE SE TRATA DO MESMO ASSUNTO

59. Para que a Alma possa ser a habitação do Rei celestial, é necessário que ela seja pura e sem máculas. Por isso o Senhor a purifica como ouro na fornalha das terríveis e aflitivas tentações. É certo que Alma não ama, e nem crê, mais do que quando é afligida e atormentada por tais tentações. Creia ela ou não, concordando ou não, estas dúvidas e medos que a assediam nada mais são do que a singularidade do amor.

60. Os efeitos que permanecem na Alma tornam isto muito claro. Em geral, estes são um desgosto de si mesmo junto ao mais profundo conhecimento da grandeza e onipotência de Deus. Há uma grande confiança de que o Senhor irá livrar a Alma de todo risco e perigo. A Alma crê e confessa com um vigor de fé muito maior, pois é Deus que lhe dá força para suportar os tormentos dessas tentações. Seria naturalmente impossível resistir um quarto de hora sequer considerando-se a força e a violência com as quais algumas vezes eles atacam.

61. Você deve, então, saber que a tentação é a sua maior felicidade; e quanto mais ela o assedia, mais você deve regozijar em paz. Não se entristeça, mas agradeça a Deus o favor que ele lhe faz. Em todas estas tentações e odiosos pensamentos, o remédio que funciona é desprezá-las com firme negligência. Nada aflige mais o orgulhoso Diabo do que ver-se desconsiderado e desprezado com todas as coisas que ele nos sugere. Portanto você deve lidar com ele como se não o percebesse, e manter-se em paz sem queixas, sem multiplicar as razões e respostas. Nada é mais perigoso do que disputar com argumentos com ele, que está sempre pronto a derrotá-lo.

62. Os santos, ao se aproximarem da santidade, passam por este lúgubre vale da tentação. Quanto mais santos eles são, maiores são as tentações que enfrentam. E mais, após terem os santos atingido a santidade e a perfeição, o Senhor os faz sofrer com tentações ainda mais vívidas, para que suas coroas possam ser as maiores e o espírito da vanglória seja derrotado, ou impedido de neles entrar. Desta forma, as tentações os mantêm seguros, humildes e solícitos nas suas condições.

63. Finalmente, você deve saber que a maior tentação é não ser tentado. Por isto é que você deve se sentir feliz quando ela o assalta. Resista com resignação, paz e constância. Porque se você vai servir a Deus e chegar à sublime região da paz interior, você deve passar pela tempestuosa trilha da tentação, colocar esta pesada armadura, lutar na violenta e cruel guerra e, nesta fornalha ardente, polir, purgar, renovar e purificar a si mesmo.



# CAPÍTULO XI

*DECLARANDO A NATUREZA DO RECOLHIMENTO INTERNO, E INSTRUINDO A  
ALMA COMO EIA DEVE COMPORTAR-SE NELE, E NA BEM-AVENTURANÇA  
ESPIRITUAL, QUANDO O DIABO SE ESFORÇA PARA PERTURBÁ-LA*

64. O recolhimento interno é fé e silêncio na presença de Deus. Por isso, você deve estar acostumado a recolher-se na sua presença com afetuosa atenção, como alguém que se entrega a Deus, e a ele se une, com reverência, humildade e submissão. Contemple-o no mais interior recesso da sua Alma sem forma, semelhança, modo ou figura. Contemple-o na visão e natureza gerais de uma amorosa e obscura fé, sem qualquer distinção de perfeição ou atributo.

65. Lá você deve prestar atenção com uma sincera consideração, uma tranquila atenção, cheio de amor em direção ao mesmo Senhor. Você deve resignar-se e entregar-se em suas mãos. No fim, ele poderá dispor de você conforme a sua boa vontade e prazer. Não reflita sobre si mesmo, não, nem na própria perfeição. Aqui você deve calar os sentidos. Confie em Deus com todo o carinho da sua bem-aventurança, e não se importe em nada com os afazeres desta vida. Finalmente, a sua fé será pura, sem representações ou semelhanças; simples, sem argumentar, e universal, sem distinções.

66. A prece do recolhimento interno pode ser bem representada por aquela luta que, conforme dizem as Escrituras, o patriarca Jacó sustentou com Deus até o nascer do dia. E ele o abençoou. Portanto a Alma deve perseverar e lutar com as dificuldades que ela irá encontrar no recolhimento interno, sem desistir, até que o Filho da luz interior comece a surgir, e o Senhor dê a sua benção.

67. Tão logo você se entregue a Deus neste caminho interior, o Inferno inteiro irá conspirar contra você. Uma única Alma, internamente retirada de sua própria presença, faz maior guerra contra o inimigo do que mil outras que caminham externamente. O Diabo tira uma infinita vantagem de uma Alma interiorizada.

68. No momento do recolhimento, da paz e da resignação da sua Alma, Deus se agrada mais das várias impertinências, atribulações e feios pensamentos que você terá, do que dos bons propósitos e dos elevados sentimentos. Saiba que o esforço que você faz para resistir aos pensamentos é um impedimento, e levará a sua Alma a uma grande ansiedade. A melhor coisa a ser feita é dissipá-los suavemente, para assim conhecer a sua própria miséria, e poder fazer pacificamente uma oferenda das suas tribulações a Deus.

69. Você não pode se livrar da angústia dos pensamentos, ter qualquer luz, conforto ou sentimento espiritual. Mesmo assim não fique aflito, ou abandone o recolhimento, porque eles são os laços do inimigo. Resigne-se nessa hora com vigor, perdue com paciência, e desta forma persevere. A sua alma será aperfeiçoada internamente.

70. Você acredita que, quando retorna da prece sentindo-se seco, da mesma forma que a começou, é por que lhe faltou preparação, e dela não tirou nenhum proveito? Isto é uma falácia. O fruto da verdadeira prece não consiste em aproveitar a luz ou em ter conhecimento das coisas espirituais. Uma vez que estes podem ser encontrados no intelecto especulativo, sem verdadeira virtude e perfeição, ele [o fruto da prece] consiste apenas em suportar com paciência, e perseverar na fé e em silêncio, acreditando estar na presença de Deus, e voltando o seu coração para ele com tranquilidade e pureza de mente. Assim, enquanto persevera desta forma, você terá a única preparação e disposição que é agora necessária, e irá colher infinitos frutos.

71. O conflito é muito comum neste recolhimento interno. Por um lado, ele irá privá-lo da sensibilidade, para testá-lo, humilhá-lo e purgá-lo. Por outro, inimigos invisíveis irão assaltá-lo com contínuas sugestões para atormentá-lo e inquietá-lo. A própria Natureza, aparentemente, irá atormentá-lo. Ela é sempre um inimigo para o espírito. Ao privá-la dos prazeres sensíveis, ela se enfraquece, tornando-se melancólica e cheia de enfado. Como resultado, ela sente nos exercícios espirituais um inferno, particularmente no da prece. Por isto, ela se torna extremamente impaciente para pôr a eles um fim, através do desassossego do pensamento, da lassidão do corpo, do sono inoportuno e da falta de sujeição dos sentidos. Cada um destes precisa obter a sua própria cota de prazer. Feliz será você se puder perseverar em meio a este martírio!

72. A grande doutora e mestra mística, Santa Teresa, confirma tudo isto em sua doutrina celestial, na carta que escreveu ao Bispo de Osmia, para instruí-lo na forma de se conduzir na prece, e contra a variedade de pensamentos perturbadores que nos atacam nesse momento. Lá ela diz (8. do seu *Epistolário*): “Existe uma necessidade de se sofrer o tormento de uma legião de pensamentos, imaginações inoportunas e impetuosidades de caprichos naturais, não só da Alma na aridez e desunião que a aflige, mas também do corpo. Isto é ocasionado pela falta de submissão ao espírito, a qual ele deve ter”.

73. Estes são chamados de aridez nos assuntos espirituais, mas são muito proveitosos se forem abraçados e suportados com paciência. Qualquer um que se acostume a sofrê-los sem lamentar-se irá deste labor tirar grande vantagem. É certo que no recolhimento o Diabo frequentemente ataca a Alma mais duramente, com um batalhão de pensamentos para desconcertar a sua quietude e aliená-la da mais doce e segura conversação interna. Ele faz surgir horrores para que ela a abandone, reduzindo-a a um estado tal que ela experimenta o mais rigoroso tormento.

74. “Os pássaros, que são os demônios, sabendo disto (diz a Santa na carta citada acima), bicam e molestam a alma com imaginações, pensamentos atormentadores e interrupções. Estes o Diabo traz nesta hora, transportando o

pensamento, distraíndo-o de uma coisa a outra. Quando ele terminar de atacar os seus corações, não será pequeno o fruto da prece, se pacientemente sofrerem todos esses tormentos e importunações. Isto é uma oferta de si mesmo em um total sacrifício de fogo, ou seja, ser todo consumido no fogo da tentação, sem poupar nenhuma parte”. Veja como esta mestra celestial nos encoraja a sofrer e suportar os pensamentos e tentações. Desde que você não os aceite, eles dobram o seu proveito.

75. Tantas vezes quantas você se exercitar calmamente para rejeitar esses vãos pensamentos, o Senhor colocará coroas sobre a sua cabeça. Embora possa lhe parecer que não está fazendo nada, não se deixa enganar. Pois um bom desejo, com firmeza e constância na prece, é muito agradável ao Senhor.

76. “Por este motivo (conclui a Santa), permanecer sem proveito sensível não é perda de tempo, mas um grande ganho, quando se trabalha sem interesse e apenas pela glória de Deus. Embora possa parecer que trabalha em vão, ainda assim isto não ocorre. É como com as crianças, que trabalham e laboram sob o poder de seus pais. Embora à noite elas não recebam o soldo pelo trabalho do dia, no final do ano elas são plenamente recompensadas”. No fim, você verá como a santa confirma o nosso documento com a sua preciosa doutrina.



# CAPÍTULO XII

## UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO

77. Deus não ama aquele que mais faz, que mais ouve, ou que mostra a maior afeição, mas o que mais sofre, se ele ora com fé e reverência e acredita que está em sua divina presença. A verdade é tirar da Alma a prece dos sentidos e da natureza, como um rigoroso martírio. O Senhor se regozija. Ela estará alegre em sua paz, se estiver quieta e resignada. Não use prece vocal nessa hora, porque, embora ela possa ser boa e santa, usá-la é manifestar a tentação. Por ela o inimigo pretende fazer crer que Deus não fala ao seu coração, porque você não tem sentimentos, e que você está perdendo tempo.

78. Deus não tem consideração pela multidão de palavras, mas pela pureza da intenção. Nessa hora, o seu maior contentamento e glória é pôr a Alma em silêncio, desejosa, humilde, quieta e resignada. Continue, persevere, ore e guarde a sua paz. Pois aonde você não encontrar sentimento, você encontrará uma porta pela qual pode entrar no seu próprio vazio. Saiba que você não é nada, que você não pode fazer nada; e que você não tem sequer um bom pensamento.

79. Quantos começaram esta feliz prática da prece e do recolhimento interno e a abandonaram. Eles alegam que não sentiram nenhum prazer, que perderam tempo, que os seus pensamentos os atrapalharam, e que a prece não é para eles. Ao mesmo tempo, não encontram nenhum sentimento para com Deus, ou qualquer habilidade para raciocinar ou discursar. Ao invés disto, eles deviam ter acreditado, guardado silêncio e tido paciência. Isto tudo nada mais é do que, com ingratidão, correr atrás dos prazeres sensíveis, permitindo-se serem levados pelo amor-próprio, procurando a si mesmos e não a Deus; isto porque eles não podem suportar uma pequena dor e a aridez, sem pensar no infinito desperdício que sustentam. Em contraste, eles receberiam uma recompensa eterna pelo menor ato de reverência para com Deus feito na aridez e na esterilidade.

80. O Senhor ensinou três coisas de grande valor e consequência para o recolhimento interno à venerável Mãe Francesca Lopez de Valenza, uma religiosa da Ordem Terceira de São Francisco: *Em primeiro lugar, um quarto de hora de prece, com recolhimento dos sentidos e faculdades, e com resignação e humildade, faz maior bem para a Alma do que cinco dias de exercícios penitenciais, látegos, disciplinas, jejuns, e dormir em tábuas, porque estas são mortificações do corpo; e com o recolhimento a Alma é purificada.*

81. *Em segundo, é mais agradável à divina majestade ter a Alma em quieta e devotada prece pelo espaço de uma hora, do que partindo em grandes peregrinações.*

*Na prece ela beneficia a si mesma e aqueles por quem ora, deleita a Deus e torna-se merecedora de uma glória elevada. Geralmente na peregrinação a Alma é distraída, os sentidos desviados, com uma debilitação da virtude, além de muitos outros perigos.*

82. *Em terceiro, a prece constante mantém o coração sempre direcionado a Deus, e a Alma, para ser interiorizada, deve antes agir com a afeição da vontade, do que com o labor do intelecto.* Tudo isto deve ser observado em sua vida.

83. Quanto mais a Alma se regozija no amor sensível, menor deleite Deus nela tem. Pelo contrário, quanto menos a Alma se regozija no amor sensível, mais Deus nela se deleita. E saiba que fixar a vontade em Deus, restringindo os pensamentos e tentações, com a maior tranquilidade possível, é o mais alto grau da prece.

84. Eu vou concluir este capítulo não o enganando com o erro vulgar daqueles que dizem que, neste recolhimento interior, na prece ou no descanso, as faculdades não operam, e que a Alma está ociosa e totalmente inativa. Isto é uma falácia manifesta, daqueles que têm pouca experiência. Ela opera não por meio da memória, ou pela segunda operação do intelecto, que é o julgamento; ou pela terceira, que é o discurso ou raciocínio. Ela opera pela primeira e principal operação do intelecto, que é a simples apreensão, iluminada pela santa fé e auxiliada pelas dádivas divinas do Espírito Santo. A vontade é mais apta a continuar um ato do que multiplicar vários. O ato do intelecto e o da vontade são, tão simples, imperceptíveis e espirituais, que dificilmente a Alma os conhece e muito menos reflete sobre eles.

# CAPÍTULO XIII

## *O QUE A ALMA DEVE FAZER DURANTE O RECOLHIMENTO INTERIOR*

85. Você deve orar de forma que possa se entregar totalmente e com perfeita resignação nas mãos de Deus, exercendo um ato de fé, e crendo estar na divina presença. Depois, coloque-se em santo descanso com quietude, silêncio e tranquilidade. Esforce-se por todo um dia, por todo um ano, e por toda a sua vida, para continuar este primeiro ato de contemplação com fé e amor.

86. Não é sua tarefa multiplicar esses atos, ou repetir as afeições sensíveis, porque elas impedem a pureza do perfeito e espiritual ato da vontade. Além disto, esses doces sentimentos são imperfeitos (em virtude da reflexão pela qual são feitos, o autocontentamento, e a consolação externa pela qual são buscados, a Alma é arrastada para as faculdades externas). Não há necessidade de se renová-los, como o místico Falcon expressou com excelência na seguinte analogia.

*87. Se uma joia dada a um amigo já está em suas mãos, não é preciso repetir tal doação já feita, repetindo-lhe diariamente: Senhor, eu lhe dou esta joia. Senhor, eu lhe dou esta joia, mas se ele a deu, e não quer dele tirá-la, considerando-se que ele não a tome, e não deseja tomá-la, então ele certamente a deu a ele.*

88. Da mesma forma, tendo uma vez se dedicado e amorosamente se resignado à vontade de Deus, não há nada mais a ser feito além de se continuar o mesmo, sem repetir novos e sensíveis atos, considerando-se que você não retome a joia uma vez dada, ao cometer alguma falta notável contra a vontade divina. Você deve continuar a exercitar-se externamente no trabalho de sua vocação e posto. Pois assim você realiza a vontade de Deus e caminha em contínua e virtual oração. “Sempre ora (disse Teofilatos) quem faz boas obras, e não negligencia a prece, a não ser quando deixa de ser justo”.

89. Você deve, então, desconsiderar todas essas sensibilidades, para que no fim a sua alma possa estar estabelecida, e adquira o hábito do recolhimento interior. Isto é tão efetivo, que só a resolução de ir orar já desperta uma vivida presença de Deus. Esta é a preparação para a prece que deve ser feita. Melhor dizendo, não é nada além do que uma mais eficiente constância na prece contínua, na qual a pessoa contemplativa deve se firmar.

90. Com que perfeição a venerável Mãe de Cantal, a filha espiritual de São Francisco de Sales, praticou esta lição. Em sua Vida estão as seguintes palavras, escritas para o seu mestre: “Muito amado Pai, eu não posso realizar ato algum, parece-me sempre que esta é a mais firme e segura disposição. O meu espírito na sua parte

superior é uma muito simples unidade. Ele não é unido, pois quando vai realizar atos de união (os quais ele frequentemente procura), ele encontra dificuldades e claramente percebe que não pode se unir, mas ser unido. A Alma faria uso dessa união, para o serviço das matinas, da santa missa, da preparação para a comunhão, e o dar as graças. Ou seja, ela estaria por todas as coisas nessa muito simples unidade do espírito, sem refletir em nada mais”.

91. Em outra ocasião, ela escreveu para o mesmo santo estas palavras: “Esforçando-se para realizar mais alguns atos especiais com minhas simples intuição, total resignação e aniquilação em Deus, sua divina bondade me censurou e deu-me o entendimento de que isto procedia apenas do meu amor-próprio, e que, portanto, eu ofendia a minha Alma”.

92. Por isto, você não será enganado, e saberá o que é o perfeito e espiritual caminho da prece. Esteja avisado sobre o que deve ser feito com o recolhimento interior. Você saberá que, no fim, o amor deverá ser perfeito e puro. E conveniente suprimir a multiplicação dos atos sensíveis e ardentes enquanto a Alma continua quieta e descansando no silêncio interior. Porque a doçura, o deleite e os doces sentimentos, os quais a Alma experimenta na vontade, não são puros espíritos, mas atos misturados com a sensibilidade da natureza. Nem é isto amor perfeito, mas sim prazer sensível, o qual distrai e machuca a Alma, como o Senhor disse à venerável Mãe de Cantal.

93. Quão feliz e quão bem aplicada sua Alma será, se, retirando-se dentro de si mesma, lá ela encolhe-se em seu próprio nada, tanto em seu centro quanto em sua parte superior, sem ligar para o que faz, se recolhe-se ou não; se caminha bem ou mal; se opera ou não, sem considerar, pensar, ou se importar com qualquer coisa sensível? Nesta hora o intelecto crê com um ato puro, a vontade ama com perfeito amor sem qualquer tipo de impedimento. Ela imita este puro e contínuo ato de intuição e amor, o qual os santos dizem que os abençoados no céu têm, sem nenhuma outra diferença além de que eles veem uns aos outros lá face a face, e a Alma aqui através do véu de uma fé obscura.

94. Ó quão poucas são as Almas que alcançam este perfeito caminho da prece, porque elas não penetram o suficiente no seu recolhimento interior e no místico silêncio, e porque não se livram da reflexão imperfeita e do prazer sensível! Que a sua alma, sem premeditada advertência mesmo de si mesma, possa entregar-se na prece a esta santa e espiritual tranquilidade, e dizer com Santo Agostinho em suas Confissões lib.9. cap.10: *Sileat animal mea, et transeat se, non se cogitando!* Que ela esteja silente e nada faça, esqueça a si mesma, e mergulhe nesta obscura Fé. Quão segura e a salvo ela estará, embora possa parecer-lhe estar inativa e nada fazendo enquanto ainda inacabada.

95. Resumirei esta doutrina com uma letra que a iluminada Mãe de Cantal escreveu a sua irmã e grande servidora de Deus. Ela disse: “A divina bondade concedeu-me este caminho de prece, que com uma única visão de Deus, eu me senti totalmente dedicada a ele, absorvida e repousada nele. Ele ainda prolongou para mim

esta graça, embora a ela eu me opusesse com minha infidelidade, dando espaço ao medo e me julgando inútil nesse estado. Por esta razão, desejando fazer algo de minha parte, eu quase arruinei a tudo. E no presente eu me encontro algumas vezes assaltada pelo mesmo medo, embora não na prece, mas em outros exercícios nos quais sempre estou desejosa de me aplicar um pouco. De qualquer forma, eu sei muito bem que ao executar tais atos eu saí de meu próprio centro. Eu vejo particularmente esta simples visão de Deus, que é ainda o meu único remédio e ajuda em todos os problemas”.

96. “E certamente se eu tivesse seguido o meu impulso interno, eu não teria feito uso de nenhum outro meio em qualquer outra coisa, e isto sem exceção. Quando penso em fortificar a minha alma com artes, argumentos e resignações, eu então me exponho a novas tentações e dificuldades. Além disto, eu não posso fazê-lo sem grande violência, a qual me deixa exausta e seca, e isto me impele a rapidamente voltar a esta singela resignação, sabendo que Deus, desta forma, me faz ver que isto é a sua vontade e prazer. Uma parada total deve ser imposta às operações da Alma, porque ele quer todas estas coisas feitas pela sua própria atividade divina. Alegrementemente, ele nada mais deseja de mim, do que esta visão em todos os exercícios espirituais, e em todas as dores, tentações e aflições que possam surgir em minha vida. A verdade é que, quanto mais quieta eu mantiver o meu espírito por estes meios, melhor irão se suceder as coisas comigo. Minhas cruces e aflições subitamente desaparecem. Muitas vezes meu abençoado pai São Francisco de Sales me assegurou disto”.

97. “Nossa falecida Madre Superiora encorajou-me firmemente a persistir neste caminho e não temer a nada, nesta visão simples de Deus. Ela me disse que isto era o suficiente, e que quanto maior a nudez e quietude em Deus, maiores a doçura e a fortaleza que a Alma recebe. Esta deve se esforçar para se tornar pura e simples, de forma que ela não tenha nenhum outro suporte além de Deus”.

98. “Para este propósito eu lembro que alguns dias depois Deus me comunicou uma iluminação que causou tal impressão em mim que foi como se eu tivesse claramente o visto. Foi que eu nunca deveria olhar para mim mesma, mas caminhar com os olhos fechados, apoiando-me no meu amado, sem me esforçar para ver ou conhecer o caminho, pelo qual ele me guia; nem fixar os meus pensamentos em qualquer coisa, nem implorar favores dele; mas, enquanto incompleta em mim mesma, descansar total e sinceramente nele”. Assim escreveu essa iluminada e mística senhora, cujas palavras dão crédito e autorizam a nossa doutrina.



# CAPÍTULO XIV

*DECLARANDO COMO A ALMA COLOCANDO-SE NA PRESENÇA DE DEUS,  
COM PERFEITA RESIGNAÇÃO, POR UM PURO ATO DE FÉ, CAMINHA  
SEMPRE EM CONTEMPLAÇÃO VIRTUAL E ADQUIRIDA*

99. Você me dirá (como muitas Almas me disseram) que, embora com perfeita resignação tenha se posto na presença de Deus, através da pura fé, como já foi mencionado, mesmo assim você não se tornou merecedor e nem progrediu, porque os seus pensamentos são tão distraídos que você não consegue se fixar em Deus.

100. Não se desconsolle, pois você não perde tempo e nem mérito. Nem tampouco desista da prece, por achar que ela não é necessária. Durante todo o tempo do seu recolhimento você deve ativamente pensar em Deus. É suficiente que você tenha sido atento no início, desde que você não descontinue o seu propósito, nem revogue a sua atenção atual. Quem ouve a missa, e diz o ofício divino, cumpre sua obrigação muito bem, pela virtude desta atual atenção primária, embora após isto ele não persevere ou mantenha os seus pensamentos presentemente fixados em Deus.

101. Isto o angélica Doutor São Tomás confirma, nas seguintes palavras (2. 2. quaest. 82. art. 13, ad. I.): “A primeira atenção, pensando em Deus apenas quando ora, tem força e valor o suficiente para fazer a prece verdadeira, impetratória e meritória durante todo o resto do tempo em que ela continua, embora não haja contemplação atual de Deus”. Veja-se se o santo poderia falar mais claramente para o nosso propósito!

102. No julgamento deste santo, a prece ainda continua, embora a imaginação possa vagar por um infinito número de pensamentos, desde que ela não se consinta nisto, nem mude de lugar, nem interrompa a prece e nem mude a sua primeira intenção de estar com Deus. É certo que ele não a mudará, enquanto não deixar o seu lugar. Logo segue-se em sã doutrina que se deve perseverar na prece, embora a imaginação, seja carregada por vários e involuntários pensamentos. O santo diz na passagem já citada: “Qualquer um que ore em espírito e verdade vai à prece com o espírito e a intenção de orar, embora depois pela miséria e fragilidade dos pensamentos ela seja desviada. *Evagatio vero mentis quae fit praeter propositum, orationis fructum non tollit*”.

103. Por fim, você irá dizer que não se lembra de quando está na presença de Deus. Frequentemente você dirá a ele: *Senhor, você está em mim? Eu me entregarei totalmente a você*. A resposta é que não há necessidade disto, visto que você pretende rezar e que com esta finalidade veio a este lugar. A fé e a intenção são suficientes,

estas sempre continuam. Sim, quanto mais simples for a recordação, sem palavras ou pensamentos, mais pura, espiritual, interior e digna ela é de Deus.

104. Não seria impertinente e desrespeitoso, se, ao estar na Presença de um Rei, você dissesse a toda hora, *Senhor, eu creio, Sua Majestade está aqui?* É exatamente a mesma coisa. Pelo olho da pura fé a Alma vê Deus, crê nele e na sua presença. Então, quando a Alma acredita, ela não precisa dizer, *Meu Deus, você está aqui?* Ela precisa crer como ela crê, vendo que, quando o tempo da prece chega, a fé e a intenção guiam e a conduzem a contemplar Deus, através da pura fé e da perfeita resignação.

105. Portanto, enquanto você não retrata esta fé e intenção de estar resignado, você sempre caminha em fé e resignação e, conseqüentemente, na prece e na contemplação virtual e adquirida, embora você não o perceba, não se lembre, nem exerça novos atos e reflexões sobre isto. Siga o exemplo de um Cristão, de uma esposa e de um monge. Embora eles exerçam novos atos e lembranças, um relacionado a sua profissão, dizendo, *Sou um monge*; a outra relativo ao seu matrimônio, afirmando, *Eu sou uma esposa*; e o terceiro em razão de seu batismo, declarando, *Sou Cristão*; eles não cessam nunca de estarem um batizado, a outra casada e o terceiro professado. O Cristão está apenas obrigado a fazer boas obras na confirmação de sua fé e a acreditar mais com o coração do que com a boca. A esposa deve dar demonstrações da fidelidade que ela prometeu ao seu marido. O monge deve dar demonstrações da obediência que professou ao seu superior.

106. Da mesma forma, uma vez que a Alma interior está resolvida a acreditar que Deus está nela, ela não mais desejará e nem agirá, a não ser através de Deus. Ela deve descansar satisfeita na fé e na intenção em todos os seus trabalhos e exercícios, sem formar ou repetir novos atos da mesma fé, e nem de tal resignação.

# CAPÍTULO XV

## *UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO*

107. Esta verdadeira doutrina serve não apenas para a hora da prece, mas também após ela ter terminado, à noite ou de dia, em todas as horas e em todas as funções diárias da sua vocação, do seu dever e condição. Se você me disser que muitas vezes esquece, durante todo um dia, de renovar a sua resignação, eu responderei que você está enganado, embora lhe pareça que você dela está distraído, atendendo às ocupações de sua vocação, tais como o estudo, a leitura, a pregação, o comer, o beber, trabalhando e coisas semelhantes. Pois uma não destrói a outra. Nem ao assim proceder você negligencia fazer a vontade de Deus, e nem a continuar em prece virtual, como diz São Tomás.

108. Porque estas coisas não são contrárias a sua vontade, nem contrárias a sua resignação, é certo que Deus deseja que você coma, estude, esforce-se, trabalhe, etc. Ao realizar esses exercícios, que se conformam com sua vontade e prazer, você não sairá de sua presença, e nem da sua resignação.

109. Mas se na prece, ou fora dela, você se distrair ou desviar voluntariamente, submetendo-se deliberadamente a ser transportado a qualquer paixão, então será bom, para você voltar a Deus, retornar para a sua divina presença e renovar a pureza da fé e da resignação. Entretanto, não é preciso exercer estes atos quando se encontrar na aridez, porque a aridez é boa e santa. Ela não pode, por mais severa que seja, tirar da Alma a divina presença, que está estabelecida na fé. Você nunca deve chamar a aridez de distração, porque nos iniciantes ela é a falta de sensibilidade e nos proficientes a abstração pela qual você a suporta com constância, descansando quietamente em seu próprio vazio. A sua Alma se tornará mais e mais interiorizada, e o Senhor obrará maravilhas nela.

110. Esforce-se, então, quando retornar da prece, para que a ela novamente volte e não se distraia, nem se desvie. Se entregue com total resignação à vontade divina, confiando nele como a um pai amoroso, para que assim Deus faça consigo e com tudo o que é seu de acordo corre o prazer celeste dele. Nunca revogue esta intenção. Embora esteja ocupado com os afazeres da condição em que Deus o colocou, ainda assim você estará em prece na presença de Deus, e em perpétua resignação. Por isto, São João Crisóstomo (Super, 5. da Tércia.) disse: “O homem justo não deixa de orar, a não ser que deixe de ser justo. Sempre reza, quem sempre faz o bem. O bom desejo é uma prece. Se o desejo é contínuo, assim também é a oração”.

111. Você entenderá tudo o que foi dito por este exemplo claro. Quando um homem inicia uma jornada para Roma, todo o passo que ele dá em seu progresso é

voluntário. Não obstante, não é preciso que, a cada passo, ele expresse o seu desejo, ou exerça um novo ato de vontade, dizendo *Eu vou à Roma*. Pela virtude da sua primeira intenção em viajar à Roma, a mesma vontade permanece nele. Ele prossegue sem então redizer, embora não sem a intenção. Você achará claro, além disto, que este viajante, com uma única e explícita expressão de vontade e de intenção, viaja, conversa, ouve, vê, raciocina, come, bebe e faz muitas outras coisas, sem nenhuma interrupção de sua primeira intenção, e nem da sua presente jornada à Roma.

112. Assim é com a Alma contemplativa. Tendo o homem uma vez tomado a resolução de fazer a vontade de Deus e de estar em sua presença, ele ainda perseverará neste ato desde que não o revogue, embora ele ouça, fale, coma, ou faça qualquer outro bom trabalho ou função exterior da sua vocação ou qualidade. São Tomás de Aquino (*Contra Gentiles*, 13. c. 138. *Un 2.*) expressa tudo isto em poucas palavras: *Non enim oportet... quod qui propter deum aliquod inter arripuit, in qualibet parte inneris de Deo cogite actu.*

113. Você dirá que todos os Cristãos caminham neste exercício, pois têm fé. Embora eles não sejam interiorizados, alguns podem cumprir esta doutrina – especialmente os que seguem o caminho externo da meditação e da argumentação. É verdade que todos os Cristãos têm fé, mais particularmente os que meditam e ponderam. Mas a fé dos que avançam pelo caminho interior é muito diferente, porque é uma fé viva, universal e indistinta. Em consequência, ela é mais prática, ativa, efetiva e iluminada, tanto quanto o Espírito Santo ilumina a Alma que a isto está bem disposta. A Alma está sempre melhor disposta quando mantém a mente em recolhimento, e proporcionalmente ao recolhimento a ilumina o Espírito Santo. Embora seja verdade que Deus comunica alguma luz na meditação, ela é tão escassa e diversa da que ele comunica à mente recolhida em uma fé pura e universal, que as duas [meditação e argumentação] nada mais são do que duas ou três gotas de água em relação ao oceano. Na meditação, duas ou três verdades particulares são comunicadas à Alma. Mas no recolhimento interior e no exercício da fé pura e universal, a sabedoria de Deus é um abundante oceano, que é comunicado neste conhecimento obscuro, simples, geral e universal.

114. Da mesma forma, a resignação é mais perfeita nessas Almas, porque ela brota da fortaleza interior e infusa, que cresce como o exercício interior da fé pura, com o silêncio e a resignação. Sobre isto ainda é dito: do modo em que as dádivas do espírito de Deus crescem nas Almas contemplativas. Pois, embora essas dádivas divinas sejam encontradas em todos os que estão em estado de graça, contudo, estes estão como se estivessem mortos. Eles não têm força e estão em um estado infinitamente diferente do que o que reina nas pessoas contemplativas, em virtude das suas ilustração, vivacidade e eficácia.

115. Por tudo isto, esteja persuadido de que a Alma interiorizada, acostumada a ir diariamente em certas horas à prece, e com a fé e a resignação que eu lhe mencionei, caminha continuamente na presença de Deus. Todos os santos, peritos e mestres místicos ensinam esta importante e verídica doutrina, porque todos eles tiveram um único e mesmo mestre, que é o Espírito Santo.

## CAPÍTULO XVI

*UM CAMINHO PELO QUAL SE PODE ENTRAR NO RECOLHIMENTO INTERIOR,*

*ATRAVÉS DA MUITO SANTA HUMANIDADE DE NOSSO SENHOR CRISTO*

116. Existem dois tipos de homens espirituais diametralmente opostos um ao outro. Um diz que os mistérios da paixão de Cristo devem sempre ser meditados e considerados. O outro vai ao extremo oposto e ensina que a meditação sobre os mistérios da vida, da paixão e da morte do nosso Salvador não é uma prece, nem mesmo uma recordação dos mesmos. Apenas a elevada exaltação para Deus, cuja divindade contempla a Alma em quietude e silêncio, deve ser chamada de prece.

117. É certo que o nosso Senhor Cristo é o guia, a porta, e o caminho; como ele mesmo afirmou (João 14.): “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Antes que a Alma seja digna de entrar na presença da divindade e a ela se unir, ela deve ser lavada com o precioso sangue do redentor e adornada com os ricos mantos da sua paixão.

118. Nosso Senhor Cristo com a sua doutrina e exemplo é o espelho, o guia da Alma, o caminho e a única porta pela qual nós entramos nestes pastes da vida eterna e no vasto oceano da divindade. Disto resulta que a recordação da paixão e morte do nosso Salvador não deve ser totalmente descartada. Não, é certo também que, em qualquer alta elevação da mente a que a alma possa ser erguida, ela não deve separar-se de forma alguma da sua muito santa humanidade. Mas disto não se deve deduzir que a Alma acostumada ao recolhimento interior não pode mais raciocinar. Ela deveria sempre estar meditando e considerando (como dizem os outros espiritualistas) os mais santos mistérios do nosso Salvador. É bom e santo meditar, e agradaria a Deus que todos os homens deste mundo, o fizessem. Além disto, a Alma que medita raciocina e considera com mais facilidade. Ela deve ser deixada só nesse estado, e não empurrada para um mais alto, se na meditação ela encontra sustento e proveito.

119. Pertence apenas a Deus e não ao guia espiritual promover a Alma da meditação à contemplação. Se Deus, através de sua graça especial, não a chama para este estado de oração, o guia nada pode fazer com toda a sua sabedoria e instruções,

120. Assim, para se encontrar o meio seguro, e se evitarem estes dois extremos, o de se afastar totalmente a recordação da humanidade e o de tê-la o tempo todo em mente, nós devemos supor que existem dois modos de se atender à santa humanidade, para que se entre na divina glória, que é o Cristo, o nosso bem-estar. O primeiro é considerar os mistérios e meditar nas ações da vida, paixão e morte do nosso Salvador. O segundo é pensar nele pela aplicação do intelecto, da fé pura ou da memória.

121. Quando a Alma procede de forma perfeita, e se interioriza por meio do recolhimento interior, tendo meditado por algum tempo nos mistérios dos quais já havia sido informada, então ela retém a fé e o amor. Assim, a palavra encarnada caminha de acordo com os seus preceitos. Ela está apta por si mesma a fazer qualquer coisa que ele inspire, embora esta nem sempre esteja diante dos seus olhos. E como se dissesse a um filho que ele nunca deveria esquecer o seu pai. Não se quer que ele o tenha sempre em mente, mas apenas que o tenha sempre na memória, para que na hora e local apropriados ele esteja pronto a cumprir a sua obrigação.

122. Então, a Alma que tiver entrado no recolhimento interior, com a opinião e aprovação de um guia experiente, não terá necessidade de entrar pela primeira porta da meditação nos mistérios. Ela está sempre meditando neles. Isto não é feito sem grande fadiga do intelecto. E tampouco tem ela necessidade de tais raciocínios, uma vez que estas apenas objetivam obter-se a crença daquilo de que elas já entraram na posse.

123. O mais nobre, espiritual e apropriado caminho para as Almas que são proficientes no recolhimento interior entrarem através da humanidade de Cristo nosso Senhor e entreterem uma recordação dele, é o segundo modo, vendo a humanidade e a paixão como simples atos de fé e amor, e neles refletindo como sendo o tabernáculo da divindade. O início e o fim da nossa salvação é Jesus Cristo, que nasceu, sofreu e morreu uma morte vergonhosa por nossa causa.

124. Este é o caminho que faz a Alma interior progredir. Esta santa, piedosa, rápida e instantânea recordação da humanidade não pode ser obstáculo para os que se encontram no curso do recolhimento interior, a não ser quando a alma entra na prece e se vê dela se retirar. Neste caso, será mais apropriado continuar a recordação e o excesso mental. Mas, não se vendo retirar-se, a simples e rápida recordação da humanidade da divina palavra não seria impedimento ao mais alto e elevado, à mais abstrata e transformada Alma.

125. Este é o caminho que Santa Teresa recomenda ao contemplativo. Ela rejeita as doutrinas tumultuosas de alguns escolásticos. Este é o reto e seguro caminho, livre de perigos, que o Senhor ensinou a muitas Almas, para que alcancem o repouso e a santa tranquilidade e contemplação.

126. Que a Alma, quando entrar em recolhimento, coloque-se no portão da divina misericórdia, que a amigável e doce lembrança da cruz e paixão da palavra que se fez homem, e que por amor morreu. Que ela esteja ali com humildade, resignada à vontade de Deus em tudo o que agrada divina majestade com ela fazer. Se essa doce e santa lembrança logo cair em esquecimento, não há necessidade de se fazer nova repetição, mas deve ela continuar em silêncio e quietude na presença do Senhor.

127. De forma maravilhosa São Paulo favorece esta doutrina na epístola que escreveu aos Colossenses. Nela ele exorta-os e a nós a que, onde quer que comamos, bebamos, ou façamos qualquer outra coisa, nós os devamos fazer no nome e por causa de Jesus Cristo. *Omne quod cumq; faritis in verbo, aut in opere, omnia in nomine Jesu Christi facite, gratias agente Deo & Patri per ipsum*, Deus concede que comecemos com Jesus Cristo, e que nele, e por ele apenas, alcancemos a perfeição.

# CAPÍTULO XVII

## *SOBRE O SILÊNCIO MÍSTICO E INTERIOR*

128. Existem três tipos de silêncio – primeiro o das palavras, o segundo o dos desejos, e o terceiro o dos pensamentos. O primeiro é perfeito; o segundo mais perfeito; e o terceiro ainda mais perfeito. No primeiro, que é o das palavras, a virtude é adquirida. No segundo, para se vencer os desejos, a quietude é alcançada. No terceiro, o dos pensamentos, o recolhimento interior é ganho. Ao não falar, não desejar e não pensar, se chega ao verdadeiro e perfeito silêncio místico, no qual Deus fala com a Alma, e comunica-se com ela no abismo de sua própria profundidade, e lhe ensina a mais perfeita e exaltada sabedoria.

129. Ele a chama e guia à solidão interior e ao silêncio místico quando ele diz que falará a ela só na mais secreta e oculta parte do seu coração. Você deve se manter neste silêncio místico se deseja ouvir a doce e divina voz. Não basta para se receber este tesouro esquecer o mundo, ou renunciar aos seus próprios desejos e a todas as coisas criadas. Livre-se de todos os desejos e pensamentos, descansa neste místico silêncio. Abra a porta para que Deus possa se comunicar com você, unir-se a você, e transformar você dentro dele.

130. A perfeição da Alma não consiste em falar ou pensar muito em Deus, mas em amá-lo suficientemente. Este amor é alcançado por meio da perfeita resignação e do silêncio interior. Tudo consiste em obras. O amor de Deus tem apenas umas poucas palavras. Assim São João Evangelista (*Epíst. 1. cap. 3. v. 28.*) confirma e inculca: “Minhas pequenas crianças, não amemos em palavras, nem em línguas, mas em atos e verdade”.

131. Agora você está claramente convencido de que o perfeito amor consiste não em atos amorosos, nem em doces exclamações, nem mesmo nos atos interiores nos quais você fala a Deus que tem um infinito amor a ele, e que o ama mais do que a si mesmo. Pode ser que nesta hora você procure mais a si mesmo e ao amor-próprio, do que ao verdadeiro Amor de Deus. *Porque o Amor consiste em palavras, e não em belos discursos.*

132. Para que uma criatura racional possa entender o desejo secreto e a intenção do seu coração, é necessário que os expresse a ele em palavras. Mas Deus, que esquadrinha os corações, não precisa que você faça uma declaração e o assegure deles. Como diz o evangelista, ele não se satisfaz com o amor em palavras ou em línguas, mas com o que é verdadeiro e realizado. Do que vale dizer a ele, com grande zelo e fervor, o quanto você com perfeição e doçura o ama acima de todas as coisas, se diante de uma palavra áspera ou de uma leve injúria, você não se resigna, e nem se mortifica

por amor a ele? Esta é uma prova manifesta de que o seu amor era uma amor de palavras, e não de atos.

133. Esforce-se para ser resignado em todas as coisas com silêncio. Ao fazê-lo, sem dizer que o ama, você alcançará o mais perfeitamente quieto, efetivo e verdadeiro amor. São Pedro muito afetuosamente disse ao Senhor que, por sua causa, ele estava pronto, e desejoso de arriscar a sua vida. Mas diante da palavra de uma jovem, ele o negou, e ali terminou o seu zelo. Maria Madalena não disse uma palavra, e mesmo assim o Senhor a tomou com perfeito amor, tornou-se o seu defensor, dizendo o quanto ela havia amado. Então, é internamente e em mudo silêncio que as mais perfeitas virtudes da fé, esperança e caridade são praticadas. Não é preciso que você diga a Deus que o ama, que nele confia ou acredita. O Senhor sabe melhor do que você mesmo quais são as moções interiores do seu coração.

134. O quão bem foi este puro ato de amor entendido e praticado por este profundo e grande místico, o Venerável Gregório Lopez, cuja vida foi uma contínua prece, e um contínuo ato de contemplação, e de tão puro e espiritualizado amor a Deus que ele nunca se deixava levar pelas afeições e sentimentos sensíveis.

135. Tendo pelo espaço de três anos perseverado nesta exclamação, *Sua vontade seja feita no tempo e na eternidade*, repetindo tão frequentemente quanto sua respiração. Deus Todo-Poderoso descobriu nele este infinito tesouro do puro e contínuo ato de fé e amor com silêncio e resignação. Assim, ele veio a repetir isto durante os trinta e seis anos que ele viveu, e sempre continuou em seu homem interior o puro ato de amor, sem jamais proferir a menor petição, exclamação, ou qualquer outra coisa que fosse sensível, ou oriunda da natureza. Ó Encarnado Serafim, e deificado Homem! Quão bem você soube mergulhar no místico e interior silêncio, e distinguir entre o Homem externo e o interno?

# **LIVRO SEGUNDO**

**SOBRE O PAI ESPIRITUAL, E A OBEDIÊNCIA QUE  
LHE É DEVIDA; SOBRE O ZELO INDISCRETO,  
E A PENITÊNCIA INTERIOR E EXTERIOR**



# CAPÍTULO I

## *O MELHOR CAMINHO PARA FRUSTRAR O INIMIGO É SE SUBMETER A UM PAI ESPIRITUAL*

1. É de toda forma conveniente se escolher um mestre experimentado no caminho interior. Deus não fará com você tudo aquilo que fez por Santa Catarina de Siena, a quem tomou pela mão e imediatamente ensinou o caminho místico. Se no progresso da natureza existe a necessidade de um guia, quanto mais no progresso da graça? Se nos caminhos exteriores e visíveis precisa-se de um mestre, quanto mais no interior e secreto? Se assim é com a moral, a escolástica e a explosiva teologia que são ensinadas abertamente, quanto mais naquilo que é místico, secreto, reservado e obscuro? Se nas ações e práticas políticas e exteriores assim ocorre, quanto mais nas transações interiores com Deus?

2. Da mesma forma, um guia é necessário para se resistir e vencer a astúcia e os ardis de Satã. Santo Austin deu muitas razões para o porquê de Deus ter assim designado a sua igreja. Doutores e professores, homens de natureza semelhante, com outros de luz e doutrina, deveriam ter primazia. O objetivo principal é nos libertar da astúcia e sagacidade do inimigo. Se fôssemos deixados aos nossos próprios mandos e impulsos naturais na conduta de nossas ações, nós tropeçaríamos e nos confundiríamos a cada passo, e no final cairíamos de cabeça no fosso, como ocorre aos heréticos e aos orgulhosos. Se nos tivessem sido dados anjos como mestres, então os demônios teriam ofuscado nossos olhos, transformando-se em anjos de luz. Por isto, era conveniente que os guias e conselheiros dados a nós por Deus fossem homens como nós. E se um guia assim for experiente, ele deverá logo reconhecer os truques e sutilezas do Diabo. Uma vez vistos como seres imperfeitos, estes [os demônios] logo desaparecem.

3. Um pai espiritual deve vir da mão de Deus. e portanto sem [a necessidade de] prévia circunspeção e prece. Ele não é para ser escolhido, mas uma vez o sendo, não deve ser deixado, a não ser pela mais urgente das razões, tais como o desconhecimento dos caminhos e estados através dos quais Deus guia a Alma. De acordo com esta máxima verdadeira da filosofia, nenhum homem pode ensinar o que ele mesmo não sabe.

4. E se ele não concebe (como diz São Paulo) as coisas do espírito, ele será delas ignorante, pois elas devem ser examinadas espiritualmente, e ele carece de tal experiência. Mas o homem espiritualizado e experiente vê todas as coisas com clareza, e as julga como elas são. Se ele não tem experiência, é esta uma razão capital para que se o deixe, e se escolha outro mais experiente. Sem alguém assim, a Alma não terá proveito.

5. Para se passar de um mau estado para outro bom não há necessidade de conselho. Mas para mudar o que é bom em algo melhor precisa-se de tempo, prece e advertência. Qualquer coisa que for a melhor em si mesma não é a melhor para todos em particular. Nem tudo o que é bom para um é bom para todos. *Nun omnibus omnia expediunt*. Alguns são chamados para o caminho exterior e ordinário, outros para o interno e extraordinário, e todos não estão no mesmo estado. Existem muitas e variadas pessoas que se engajam no caminho místico, e é impossível a alguém dar um passo nestas secretas e internas sendas sem um guia experiente, porque, ao invés de nelas ir corretamente, ele antes desabarará em um precipício.

6. Quando uma Alma caminha com temor, duvidando se caminha em segurança, e claramente almejando se livrar desses medos e dúvidas, o caminho mais seguro é se submeter a um Pai Espiritual. Através desta luz interior ela claramente descobre o que é tentação, e o que é inspiração, e aquilo que distingue as moções que brotam da natureza, do Diabo e da própria Alma. Elas devem ser totalmente submetidas àquele que tem experiência e pode descobrir os empenhos, os ídolos e os maus hábitos que impedem o voo da Alma. Desta forma, não só ela será libertada das armadilhas do Diabo, mas progredirá mais em um ano do que teria progredido em mil com outros guias sem experiência.

7. Na vida do iluminado pai, Frade John Tauler, é relatado que um leigo, que diante dele se apresentou em um estado de perfeição, disse de si mesmo que, tendo se retirado do mundo, e desejoso de ser santo, se dedicou a uma grande abstinência, até que no fim se encontrou extenuado e enfraquecido. Ele adormeceu e ouviu uma voz celestial que lhe disse: *Homem, se você voluntariamente matar a si mesmo antes do tempo, você mesmo pagará muito caro por isto*. Aterrorizado, ele saiu em grande desespero e fez saber o caminho que havia tomado, e da sua abstinência, a um santo anacoreta, o qual, pelas graças do céu, o libertou da ilusão diabólica. Ele lhe disse que seguira esse caminho de abstinência para poder agradar a Deus. Quando o anacoreta perguntou, com o conselho de quem? Ele respondeu que de ninguém. O anacoreta então retrucou que isso era uma manifesta tentação do Diabo. Desse momento em diante, ele abriu os seus olhos e, conhecendo a sua própria perdição, viveu sempre sob a direção de um pai espiritual. Ele mesmo afirmou que no espaço de sete anos este lhe comunicou uma luz muito maior do que a que todos os livros impressos poderiam ter feito.

# CAPÍTULO II

## *UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO*

8. Existe uma vantagem ainda maior em se ter um mestre no caminho místico, do que a recebida no uso de livros espirituais. Um mestre prático nos ensina no momento apropriado o que deve ser feito. Mas em um livro pode-se cair em algo que é menos apropriado e, desta forma, a instrução necessária fica faltando. Através dos livros místicos os homens criam muitas noções falsas em si mesmos. A Alma pensa saber, quando na realidade não sabe, e julga estar mais adiantada no caminho místico do que na verdade está. Disto se originam muitos prejuízos e perigos.

9. É certo que a leitura frequente de livros místicos que não se fundamentam na prática, mas apenas na luz especulativa, traz mais danos do que benefícios. Ela confunde, ao invés de iluminar as Almas. Ela as enche de noções discursivas que muito as confunde. Embora elas sejam anúncios da luz, elas vêm de fora, tornam as faculdades obtusas e as enchem de ideias ao invés de esvaziá-las, para que Deus possa preenchê-las com Si mesmo. Muitas pessoas leem continuamente nesses livros especulativos porque não querem se submeter àquele que pode lhes dizer que tal leitura não lhes é conveniente. Pois não há dúvida de que, se elas se submeterem, e o guia for um homem de experiência, ele não lhes permitirá mais fazê-lo. Então elas progrediriam e não se importariam mais com tais estudos, como o fazem as Almas que se submeteram, tendo luz e progredindo. Daí resulta que muito contribui, para a quietude interior e a segurança, ter um guia experiente que possa governar e instruir com verdadeira luz. Assim a Alma não será iludida pelo Diabo e nem pelos seus próprios julgamentos e opiniões. Entretanto, nós não condenamos a leitura dos livros espirituais em geral, visto que aqui falamos em particular dessas Almas puramente interiorizadas e místicas, para quem este livro foi escrito.

10. Todos os santos e místicos mestres confessam que a segurança de uma Alma mística consiste em uma cordial submissão ao seu Pai Espiritual, comunicando a ele tudo o que se passa em seu interior. Portanto, aquele que vive de acordo com a sua própria opinião, sem se aplicar a um diretor espiritual (embora se considere, e seja reputado, como espiritualizado), se opõe à doutrina dos santos, e das Almas iluminadas. Quanto mais a Alma estiver iluminada e unida a Deus, mais humilde, submissa, sujeita e obediente ao guia espiritual ela estará. Como prova desta verdade, eu relatarei o que o Senhor disse para Dona Marina d'Escobar. Está registrado em sua *Vida* que, quando estava doente, ela perguntou ao Senhor se deveria ficar em silêncio, e omitir o relato ao seu pai espiritual sobre as coisas extraordinárias que ocorreram em sua Alma, para que não se cansasse e nem incomodasse ao mesmo pai. Ao que o

senhor respondeu: *Não dar um relato delas ao seu Pai Espiritual não seria bom por três razões. Primeiro, porque assim como o ouro é testado na fornalha, e o valor das pedras conhecido ao serem lapidadas, assim a Alma é purificada, e o seu valor conhecido, quando o ministro de Deus a testa com a lapidação. Segundo, para que se evite o erro seria conveniente que estes assuntos fossem governados de acordo com a ordem instituída por Deus em sua igreja, nas escrituras e na doutrina dos santos. Terceiro, para que as graças que a divina Majestade mostra aos seus servos e às Almas puras não fiquem ocultas, mas se tornem manifestas, para que os fiéis possam ser encorajados a servirem ao seu Deus, e este seja glorificado entre eles.*

11. Na mesma obra ela apresenta as seguintes palavras, que confirmam a verdade mencionada: “Por estar doente, meu confessor me ordenou que não lhe fizesse uma revelação completa de todas as coisas que me ocorreram. No meio tempo, eu confessei-me a mim mesmo, mas com alguma prudência. Eu lamentei a minha condição com o Senhor, a de que eu não tinha a quem comunicar os meus assuntos. Sua majestade me respondeu: Você já tem alguém que supre a sua necessidade de um confessor; conte a ele tudo o que acontece com você. Eu imediatamente repliquei: Assim não, assim não, Senhor. Por quê? – disse o Senhor. Porque o meu confessor me ordenou que eu não desse um relato de tudo, e eu devo obedecê-lo. Sua majestade disse a mim: Você me agradou com esta resposta, e para que eu a ouvisse, eu disse o que você ouviu. Faça assim, mas ainda pode você informá-lo de algumas coisas se ele mesmo lhe perguntar”.

12. O que Santa Teresa disse de si mesma vem bem a calhar aqui: “Sempre (diz ela) que o Senhor comandava qualquer coisa a mim, se o meu confessor dissesse o contrário, eu me voltava ao Senhor e lhe dizia que eu devia obedecer ao meu confessor. Depois disto, sua majestade retornava a ele para que ele mesmo me comandasse aquilo de novo”. Esta é uma boa e verdadeira doutrina, que traz segurança às Almas, e dissipa as ilusões do Diabo.

# CAPÍTULO III

## *O INDISCRETO ZELO DAS ALMAS E O DESORDENADO*

### *AMOR AO NOSSO PRÓXIMO PERTURBAM A PAZ INTERIOR*

13. “Não há sacrifício mais agradável a Deus (diz São Gregório, em *Ezekiel, Hom.* 10.) do que o ardente zelo das Almas”. Para este ministério o eterno Deus enviou seu próprio Jesus Cristo para o mundo, e desde então tem sido este o mais nobre e sublime dos ofícios. Mas se o zelo for indiscreto, ele traz um notável obstáculo ao progresso do espírito.

14. Tão logo você encontrar algumas novas e fervorosas luzes em seu interior, você irá querer dedicar-se completamente ao bem das Almas. Entretanto isto é infrequente, e nada além do amor-próprio, que você julga ser puro zelo. O amor-próprio algumas vezes põe as vestes de um desejo desordenado, de uma complacência vã, ou de uma afeição industriosa e de uma estima apropriada. Todos estes são inimigos da paz da Alma.

15. Nunca é benéfico amar o seu próximo em detrimento de seu próprio bem-estar espiritual. Agradar a Deus na pureza deve ser o único propósito de suas obras. Deve isto ser o seu único desejo e pensamento. Esforce-se para moderar o seu fervor desordenado; para que a tranquilidade e a paz interior possam reinar em sua Alma. O verdadeiro zelo das Almas, pelo qual você deve lutar, deve ser o verdadeiro amor do seu Deus. Este é o frutuoso, eficaz e verdadeiro zelo, que realiza maravilhas nas Almas, ainda que com silenciosas Vozes.

16. São Paulo recomendou-nos primeiro cuidar de nossas próprias Almas, antes da do nosso próximo. “Cuide de si e de sua doutrina”, disse ele em sua epístola canônica (I *Tim.* 4.). Não se esforce para fazer demais. Quando o momento for conveniente e você puder ser útil ao seu próximo, Deus irá chamá-lo e irá ajudá-lo na função que melhor lhe couber. Este pensamento compete apenas a ele, e a você cabe continuar em seu descanso, desapegado, e totalmente resignado à vontade e prazer divinos. Não pense que nesta condição você está ocioso. Está suficientemente ocupado quem se encontra sempre disposto a realizar a vontade de Deus. Aquele que cuida de si mesmo por causa de Deus faz tudo, porque um ato puro de resignação interior vale mais do que cem mil exercícios feitos pela vontade própria.

17. Embora a cisterna seja capaz de reter muita água, ainda assim ela deve estar vazia, até que o favor do céu a encha com a chuva. Repouse, Alma abençoada, esteja quieta, humilde e resignada a qualquer coisa que a Deus agrade fazer com você. Conforme-se totalmente à sua vontade. Nisto se encontra a perfeição, visto que aquele

que faz a vontade de Deus é filho de sua mãe, e irmão do Filho mesmo de Deus (Mat. 12.).

18. Não pense que Deus estima mais aquele que muito faz. Mais amado é aquele que é mais humilde, mais fiel e resignado, e mais corresponde à sua própria inspiração interior, e à vontade e prazer divinos.

# CAPÍTULO IV

## *UMA SEQUÊNCIA DO MESMO ASSUNTO*

19. Deixe que todos os desejos se conformem à vontade deste Deus que pode fazer brotar água da rocha seca. Ele muito se desagrada com estas Almas que, ao ajudarem os outros antes do tempo, defraudam a si mesmas, deixando-se levar pelo zelo indiscreto e pela vã complacência.

20. Assim como aconteceu com o servo de Elias (2 Reis, c.4) que foi enviado pelo profeta, para que com seu cajado levantasse uma criança morta, e que por causa de sua complacência não teve sucesso. Ele foi reprovado por Elias. De maneira semelhante, o sacrifício de Caim a Deus foi rejeitado, mesmo sendo ele o primeiro que ofertou a Deus neste mundo, e isto por causa da vanglória de ter sido o primeiro, antes mesmo de seu próprio pai Adão.

21. De maneira semelhante, os discípulos de nosso Senhor Cristo foram infectados por este mal. Eles sentiram uma vã alegria quando expulsaram os Demônios, e por causa disto foram duramente reprovados pelo seu mestre celestial. Antes de Paulo pregar aos gentis o evangelho do reino dos céus, ele era já um vaso escolhido, um cidadão do céu. Ele foi escolhido por Deus para o seu ministério. Era necessário testá-lo e humilhá-lo colocando-o na prisão. Tornar-se-ia você um pregador, sem passar pela prova dos homens e dos demônios? E poderia você se considerar um grande ministro, e dar frutos, sem passar pela ígnea prova da tentação, da tribulação e da passiva purgação?

22. Cabe mais a você estar quieto e resignado em uma santa cela, do que fazer muitas e grandiosas coisas segundo os seus próprios julgamento e opinião. Não pense que os atos heroicos que os grandes santos realizaram, e realizam, na igreja, são obras de suas próprias diligências. Pois todas as coisas espirituais, tanto quanto as temporais, até o balançar da última folha, são pela divina providência decretados por toda a eternidade. Aquele que realiza a vontade de Deus faz todas as coisas. A isto deve a sua Alma se esforçar, descansando em perfeita resignação a qualquer coisa que agrade a Deus dispor em você. Perceba-se indigno de tão alto ministério como o de guiar as Almas ao céu, e então você não colocará nenhum obstáculo ao descanso, à paz interior e ao voo celestial da sua Alma.



# CAPÍTULO V

## *LUZ, EXPERIÊNCIA E O DIVINO CHAMADO SÃO NECESSÁRIOS PARA SE GUIAREM AS ALMAS NO CAMINHO INTERIOR*

23. Você pensará com grande confiança que está em condição de guiar Almas no caminho do espírito. Talvez isto seja uma secreta vaidade, um orgulho espiritual e uma clara cegueira. Além disto, você verá que a elevada função requer luz sobrenatural, total abstração a outras qualidades que eu mencionarei nos capítulos seguintes. A graça de um chamado também é necessária. Sem ela, tudo é vaidade, confiança e autoestima. Embora isto seja uma coisa boa e santa, guiar almas e conduzi-las à contemplação, como sabe você que Deus o quer ver assim empenhado? E embora você saiba (o que também não é simples) ter uma grande luz e experiência, qual é a evidência que você tem de que o Senhor quer que siga esta profissão?

24. Este ministério é de tal importância que não compete a nós tomá-lo, antes que assim agrade a Deus, por meio de nossos guias espirituais e superiores, colocarnos nele. De outra forma, seria um pesado prejuízo para nós, embora proveitoso ao nosso próximo. Do que nos vale ganhar o mundo inteiro para Deus, se a nossa Alma por isto sofrer detrimento?

25. Por mais evidente que possa parecer a você que a sua Alma é dotada de luz interior e experiência, ainda assim a melhor coisa que você pode fazer é manter-se quieto e resignado em sua própria nulidade, até que Deus o chame para o benefício das Almas. Isto pertence apenas a ele, que conhece a sua suficiência e abstração. Não cabe a você fazer este julgamento e nem investir-se deste ministério. Se você for governado pela sua própria opinião e julgamento em um assunto de tão alto interesse, o amor-próprio irá cegá-lo, arruiná-lo e iludi-lo.

26. Se a experiência, a luz e a suficiência não são o bastante, sem a graça de um chamado, para qualificar alguém a este emprego, quanto mais não o será sem sequer a suficiência? Como será, então, sem a luz interior, ou sem a experiência adequada? Estas são dádivas não comunicadas a todas as Almas, mas para as abstraídas e resignadas, e as que avançaram até a perfeita aniquilação pela via de terríveis tribulações e passiva purgação. Esteja persuadida, ó Alma bendita, que todos os trabalhos que nesta profissão não são governados pelo verdadeiro zelo, jorrando do puro amor e saídos de uma Alma purgada, cobrem a Alma com vaidade, amor-próprio e orgulho espiritual.

27. Quantos homens seguros de si, esvaziando e abstraindo as suas próprias Almas, tomam este ministério por seu próprio julgamento e desejo. Ao invés de

agradarem a Deus (embora possam fazer algum bem aos seus próximos), eles se enchem com terra, palha e presunção. Esteja quieto e resignado. Renuncie ao seu próprio julgamento e desejo. Afunde no abismo de sua própria insuficiência e vacuidade. Pois apenas aí você encontrará Deus, a verdadeira luz, a sua felicidade e a perfeição maior.

# CAPÍTULO VI

## *INSTRUÇÕES E CONSELHOS AOS CONFESSORES E DIRETORES ESPIRITUAIS*

28. O mais elevado e proveitoso ministério é o de confessor e diretor espiritual. Os danos são irreparáveis se a tarefa não for bem realizada.

29. A escolha de um patrono para este ministério deve ser feita com prudência. Deverão ser escolhidos os santos aos quais se tem a maior devoção.

30. O principal e mais seguro atestado é se esforçar no interno e contínuo retiro, pois assim se andará bem nos exercícios e nas obrigações do seu próprio estado e chamado, particularmente no de confessor. Quando a Alma está recolhida interiormente, ela é impelida a esses exercícios externos e necessários. É Deus quem ilumina e trabalha nelas.

31. Na conduta das Almas interiorizadas, atestados não são dados a elas, a não ser com indulgência e prudência. Os obstáculos que impedem as influências de Deus existem apenas para serem tirados do caminho. De qualquer forma, é necessário enfrentá-los com o santo conselho do *Sacretum meum mihi*.

32. Muitas Almas pensam que todos os confessores são capazes de tratar dos assuntos interiores. Além de isto ser um erro, a experiência mostra que se trata de um grave prejuízo comunicá-los aos [confessores] que não o são. Embora Deus os tenha colocado no caminho interior, ainda assim eles não conhecem estes assuntos, nem os aconselham às Almas, por falta de experiência. Desta forma, eles impedem o progresso à contemplação, incentivando-as de maneira forçada a meditem, embora não o consigam fazer. Desta forma, eles as confundem e arruinam, ao invés de ajudá-las em seus voos. Deus quer que elas avancem para a contemplação, mas eles as arrastam à meditação, porque desconhecem qualquer outro caminho.

33. Se um confessor deseja colher frutos, ele não deveria tomar a iniciativa de procurar alguma Alma para guiar. Cabe a elas se aproximarem por conta própria. Nem todas devem ser admitidas, especialmente se forem mulheres, pois não é de se esperar que tenham a disposição necessária. Não se fazer de mestre, nem desejar parecer como tal, é uma forma excelente de se fazer o bem.

34. O confessor deve fazer pouco uso do nome de *filha*, pois este é muito perigoso. Deus é ciumento e este epíteto demasiado amoroso.

35. As obrigações que um confessor aceita fora de sua confissão devem ser poucas. Deus não quer que ele se torne um agente de negócios. Se fosse possível, ele não deveria ser visto a não ser em seu confessionário.

36. Um padrinho, ou o executor do testamento e da última vontade de um homem, não deve nunca ser aquele que foi o seu confessor por toda a sua vida, porque isto traz muitas perturbações para a Alma – todas contrárias à perfeição de tão alto ministério.

37. O confessor ou diretor espiritual nunca deve visitar as suas filhas espirituais, mesmo no caso de doença, a menos que ele deva ser enviado à parte dela que está doente.

38. Se o confessor procurar um recolhimento interior e exterior, suas palavras serão (embora ele não saiba) como brasas acesas, incendiando as Almas.

39. Na confissão, a sua reprovação deve geralmente ser doce e gentil, embora no púlpito seja severa e rigorosa. Numa deve colocar a meiguice de uma ovelha; na outra deve ser furioso como um leão. Quão poderosa é a doce reprimenda aos penitentes! Na confissão, eles já estão tocados, mas, no púlpito, sua cegueira e obstinação torna necessário que se os assuste. Mas aqueles que vêm [ao confessor] indispostos, e procuram a absolvição forçosamente, devem ser persuadidos e reprovados com rigor.

40. Após ter sido feito todo o possível em prol do benefício das Almas, não se deve procurar os frutos desta obra, porque o Diabo sutilmente faz com que estes pareçam ser seus e não de Deus. Ele nos assalta com os inimigos capitais da aniquilação, que são a presunção e a vã complacência. O confessor deve sempre ver estes como sendo a sua morte espiritual.

41. Embora com frequência ele veja que as Almas não avançam e que as que estão edificadas perdem o espírito, ele não deve se inquietar com isto, mas conservar-se em paz como os anjos guardiões. Que ele então crie coragem interiormente com o sentido de sua própria sinceridade, porque algumas vezes Deus o faz passar por coisas como estas com outras finalidades.

42. O confessor deve evitar, e persuadir as Almas sob sua condução a também evitarem, todo o tipo de exterioridade, porque isto é muito detestado por Deus.

43. Embora ele não deva ordenar que as Almas comunguem, e nem tome delas qualquer comunhão, mesmo que por prova ou mortificação (uma vez que existem infinitos meios de se as testar e mortificar sem um grande prejuízo), mesmo assim ele não deve ser mesquinho com essas Almas, quando se mostrarem movidas por um verdadeiro Desejo, porque Jesus Cristo não suporta ser calado.

44. A experiência nos mostra que é muito difícil cumprir uma penitência quando esta é grande; e imoderada. É sempre melhor que seja de alguma forma proveitosa e moderada.

45. Se o pai espiritual demonstrar uma afeição maior por uma filha de alguma forma singular, e por isto causar grande perturbação nas outras, aí ele deve usar de prudência e privacidade. Ele não deve falar a nenhuma delas com particularidade, porque o Diabo adora causar conflitos com os guias de Almas, e faz uso de suas próprias palavras para perturbar os outros.

46. O contínuo e principal exercício das Almas puramente místicas deve se dar no Homem interior. Ele produzirá no isolamento a destruição do amor-próprio e as encorajará a perdurar nas mortificações interiores. Através destas, o Senhor as limpa, aniquila e aperfeiçoa.

47. O desejo de revelações costuma ser um grande embaraço para a Alma interiorizada, especialmente nas mulheres. Um sonho ordinário é por elas qualificado de visão. É preciso mostrar aversão por todos estes obstáculos.

48. Embora o silêncio seja uma coisa difícil para as mulheres observarem, em relação às coisas que o diretor lhes ordena, mesmo assim ele deve procurar obtê-lo. Não é bom que as coisas inspiradas a ele por Deus possam se tornar motivo para a censura.



# CAPÍTULO VII

*ONDE SE TRATA DO MESMO ASSUNTO; DISCUTINDO OS INTERESSES QUE ALGUNS  
CONFESSORES E DIRETORES ESPIRITUAIS TÊM; NO QUAL SE DECLARAM AS  
QUALIDADES QUE DEVEM TER PARA O EXERCÍCIO DA CONFISSÃO, E  
TAMBÉM PARA SE GUIAREM AS ALMAS ATRAVÉS DO CAMINHO INTERIOR*

49. O confessor deve encorajar os penitentes à prece, especialmente quando eles frequentemente se apresentam aos seus pés e fazem saber os desejos que têm pelo bem espiritual.

50. A máxima que o confessor mais deve observar, para não cair na perdição, é não aceitar nenhum tipo de presente, mesmo que todo o mundo lhe seja ofertado.

51. Embora haja uma abundância de confessores, mesmo assim eles não são todos adequados. Alguns sabem muito pouco, outros são por demais ignorantes; outros procuram o aplauso das gentes; alguns buscam favores dos penitentes, alguns presentes destes; alguns estão cheios de ambição espiritual e procuram crédito e fama, juntando uma multidão de filhos espirituais ao seu redor; outros simulam sua maestria e comando afetadamente; outros emulam as visões e revelações de seus filhos espirituais. Ao invés de desprezarem isto, o que é o único modo de lhes assegurar a humildade, eles os elogiam, para que não os deixem e escrevam suas experiências para que possam ostentá-las. Tudo isto é o amor-próprio e a vaidade desses guias. Trata-se de um grande dano para o proveito das Almas. E isto apesar de ser certo que todos esses fatos e interesses apenas sirvam para impedir que o uso e o exercício dos seus ofícios tragam alguma vantagem e proveito. Para que se realmente obtenha isto, é preciso ter uma liberdade total de tais coisas, cujo fim e o objetivo devem ser apenas a glória de Deus.

52. Existem outros confessores que com calma e leveza de coração creem, aprovam e elogiam todos os espíritos. Outros caem no extremo oposto, condenando sem nenhum tipo de reserva todas as visões e revelações. Tais coisas não devem nem ser totalmente creditadas e nem por inteiro condenadas. Existem outros que estão tão enamorados pelo espírito de suas filhas espirituais que qualquer coisa que elas sonhem, por mais enganosa que seja, eles a reverenciam como sendo mistérios de fato! Que quantidade de misérias são conhecidas na igreja por causa destes fatos! Existem também outros confessores que ostentam o garbo da cortesia mundana e da civilidade, mas têm pouco cuidado pelo santo local do confessionário. Eles discursam com seus penitentes sobre coisas vãs, supérfluas e distrativas, as quais estão longe da decência que o sacramento requer e da disposição que seria adequada para se receber a graça

divina. Eles fazem discursos particulares sobre os afazeres domésticos de seus penitentes, ao invés de acusá-los de seus pecados. A partir daí, a pouca devoção que eles trazem ao sacramento torna-se vazia e sem qualquer serventia. Algumas vezes acontece de muitos penitentes estarem desejosos de se confessarem, mas estarem muito ocupados com seus próprios assuntos. Quando veem tal demora, eles [os confessores] ficam incomodados e tristes, e perdem a paciência. Eles perdem a presente disposição da mente com a qual haviam se preparado para receber tão salutar sacramento. Daí é que a miscelânea destes assuntos distrativos, supérfluos e vãos, não apenas os fazem perder o seu tempo precioso, mas também prejudica o santo local do sacramento, a disposição do penitente que confessou e dos outros que aguardam para se confessarem. Todos esses fatos são danosos e merecedores de serem corrigidos.

53. Para a confissão existem algumas pessoas aptas, mas para o governo dos espíritos no caminho místico, existem tão poucos (diz o Padre João Dávila) que, em mil, você talvez encontre um. São Francisco de Sales diz: “Um entre dez mil”. E o iluminado Thauler diz: “Que em cem mil, é difícil achar um mestre espiritual experiente”. A razão é que existem muitos poucos que se dispõem a receber a ciência mística. *Pauci ad eam recipiendam se disponunt*, disse Henry Arpius (Lib 3. Part. 3 Cap. 22.). Aproveusse a Deus que não fosse assim a verdade. Pois, então, não existiriam tantos enganos no mundo, e existiriam mais santos e menos pecadores.

54. Quando o guia espiritual deseja efetivamente que tudo esteja de acordo com a virtude, o amor que eles [os penitentes] têm por Deus é puro e perfeito, e com poucas palavras e argumentos eles irão colher uma grande porção de benefícios.

55. Se a Alma interior, quando está se purificando das paixões, e em momento de abstração, não tiver um guia certo para refreá-la no recolhimento e na solidão, às quais a sua inclinação e grande propensão a leva, ela não estará apta e nem será capaz dos exercícios da confissão, da pregação e do estudo, e nem os da sua própria obrigação, estado e vocação.

56. Portanto, o diretor habilidoso deve considerar cuidadosamente quando os poderes destas Almas começarem a ser empregados por Deus, para que não seja dado a elas livre acesso à solidão. Ele deve comandar a Alma a não se omitir nos exercícios exteriores de seu estado, tais como o estudo e outros afazeres. Embora estes possam parecer distrativos, eles não são contrários ao seu chamado. Por estar a Alma tão abstraída na solidão é que ela se encontra tão voltada para o seu recolhimento, e está em tal grau removida da sua exterioridade, que se ela depois [de ter abandonado seus afazeres] novamente se dedicar, ela o fará com esforço e dificuldade, e com prejuízo de seus poderes, e da força e da saúde de sua mente. Isto é consideravelmente doloroso e digno da consideração dos diretores espirituais.

57. Mas se estes não têm experiência, eles não saberão quando a abstração está formada e, ao mesmo tempo, pensado dar um santo conselho, as encorajarão ao recolhimento, e neles elas encontrarão a destruição. Como é necessário que o guia seja experiente no caminho místico e espiritual!

# CAPÍTULO VIII

## *CONTINUA O MESMO ASSUNTO*

58. Aqueles que sem experiência governam Almas dirigem-se à escuridão, e não alcançam o entendimento dos estados da Alma em suas operações interiores e sobrenaturais. Eles apenas sabem que, às vezes, a Alma está bem e que ela tem luz; e que em outros momentos ela está na escuridão. Mas o que são estes estados, e qual é a raiz da qual crescem estas mudanças? Eles não sabem e não entendem, nem podem verificar através de livros, até encontrarem experimentalmente em si mesmos, na fornalha onde a verdadeira e efetiva luz é feita.

59. Se o próprio guia não passou pelas secretas e dolorosas vias da caminhada interior, como ele pode compreendê-las e aprová-las? Não será pequeno o favor se a Alma encontrar pelo menos um guia experiente para fortalecê-la nas insuperáveis dificuldades, e assegurá-la nas contínuas dúvidas desta viagem. De outra forma, ela jamais chegará ao santo e precioso monte da perfeição, sem uma extraordinária e singular graça.

60. O diretor espiritual que vive desinteressadamente se interessa mais pela solidão interior do que pelo emprego das Almas. Se qualquer mestre espiritual se desagrada quando uma Alma o deixa por causa de outro guia, isto é um claro sinal de que ele não vive desinteressadamente, ou procura apenas a glória de Deus, mas sim a sua própria estima.

61. A mesma perda e o mesmo mal surgem quando o diretor está secreta e diligentemente trazendo para a sua direção alguma Alma que está sob o governo de um outro guia. Isto é um notável malefício. Pois se ele se considera melhor diretor do que o outro, ele é um orgulhoso. E, se o faz sabendo ser pior do que o outro, ele é então um traidor para Deus, para essa Alma e para si mesmo, sob o pretexto de buscar a melhoria e o bem para os seus próximos.

62. Da mesma forma existe outra considerável aflição que se encontra nos mestres espirituais. Esta é que eles não toleram que as Almas por eles guiadas se comuniquem com outros, embora estes sejam mais santos, estudados e experientes do que eles mesmos. Tudo isto é interesse, amor-próprio e autoestima. Eles não permitem, assim, que as Almas se aliviem e desabafem por receio de perdê-las. Que não seja dito que os seus filhos espirituais procuram em outros a satisfação que não encontram neles! Na maior parte, por causa destes fins imperfeitos, impedem eles que as Almas progridam.

63. De todas estas, e mais outras infinitas imputações, o diretor estará livre, uma vez que tenha alcançado a voz interior de Deus através das tribulações, tentações e da purgação passiva. Esta voz interior de Deus opera inumeráveis e maravilhosos efeitos na Alma que dá lugar a ela, escuta-a, e dela se agrada.

64. Isto é de tão grande eficácia que ele rejeita a honra mundana, a presunção, a ambição espiritual, o desejo da fama e o desejo de ser grandioso, a presunção de ser um homem único, e o pensamento de que sabe todas as coisas. Ele dá adeus aos amigos, à amizade, às visitas, às cartas de cumprimento, ao comércio com as criaturas, ao interesse nos filhos espirituais, à maestria e ao trabalho. Ele afasta a inclinação excessiva ao confessionário, à afeição desordenada ao governo das Almas, que faz o homem pensar que é apto a este serviço. Isto tudo move o amor-próprio, a autoridade, a presunção, a busca de vantagens, fazendo então um espetáculo com as cartas que escreve, e exibindo as escritas por seus filhos espirituais, para fazer saber que grande artífice ele é. Ele inveja os outros mestres e professores, e procura maus frequentadores para o seu confessionário.

65. Finalmente, a voz interior de Deus na Alma do diretor gera um valor humilde, gera solidão e silêncio, e o esquecimento dos amigos, dos relacionamentos e dos filhos espirituais. Ela o faz se esquecer deles, a não ser quando eles estão falando consigo. Portanto, alguém assim faz um maior bem no silêncio, do que mil outros que fazem um grande estardalhaço com a infinidade dos seus documentos.

## CAPÍTULO IX

*MOSTRANDO COMO UMA SIMPLES E PRONTA OBEDIÊNCIA É O ÚNICO MEIO DE SE CAMINHAR SEGURAMENTE NA VIA INTERIOR, E DE SE PROCURAR A PAZ INTERIOR*

66. É necessário à sua resolução negar a sua vontade e obedecer a Deus de bom grado, seja através do laço indissolúvel do seu voto, feito pelas mãos do seu superior na sua religião, ou pelo livre atar de si mesmo pela dedicação de sua vontade a um guia espiritual experiente, que tenha as qualidades mostradas nos capítulos anteriores.

67. Você jamais alcançará a montanha da perfeição, qualquer outro alto trono de paz interior, se você for apenas governado pela sua própria vontade. Este cruel e feroz inimigo de Deus e de sua Alma deve ser conquistado. A sua própria direção e o seu próprio julgamento devem ser submetidos e depostos como rebeldes, e reduzidos a cinzas pelo fogo da obediência. Aí será visto como em uma pedra de toque se o amor que você segue é o seu próprio ou o divino. Neste holocausto devem ser o seu próprio julgamento e a sua própria vontade aniquilados e trazidos à sua última substância.

68. Uma vida comum sob a obediência vale mais do que a em que, sob a sua própria vontade, se faz uma grande penitência. Obediência e sujeição, além de serem livres dos enganos de Satã, são o verdadeiro holocausto que pode ser sacrificado a Deus no altar do seu coração. Este fato levou um grande servo de Deus a dizer: “É melhor recolher esterco sob obediência, do que ser apanhado no terceiro céu levado por sua própria vontade”.

69. Você descobrirá que a obediência é um caminho ligeiro para se alcançar rapidamente a perfeição. É impossível para a Alma obter a verdadeira paz por si mesma, se ela não nega e vence os seus próprios julgamento e rebeldia. E o meio de se negar e vencer o próprio julgamento é estar pronto, em todas as coisas, a obedecer aquele que está no lugar de Deus com resolução. O coração permanece livre, seguro e aliviado por tudo o que sai, com verdadeira submissão, da sua boca aos ouvidos do pai espiritual. (*Effundite coram illo corda vestra*; Pl. 61). Portanto o meio mais efetivo, de se avançar no caminho do espírito, é se imprimir no coração a noção de que o diretor espiritual ocupa o lugar de Deus, e tudo o que ele ordenar e disser, é dito e ordenado pela boca divina.

70. O Senhor frequentemente manifestava à venerável Madre Ana Maria de São José, uma Monja Franciscana, que ela devia antes obedecer ao seu pai espiritual do que a Si mesmo. À venerável Irmã Catherine Paulucci, o Senhor também disse um dia: “Você deve seguir o seu pai espiritual com uma verdade pura e sincera como se você viesse a mim, e não questione se ele está ou não atento. Mas você deve pensar que ele

e governado pelo Espírito Santo, e que ele está em meu lugar” (*Sua Vida*, Livro 2 Cap. 16.). Ele ainda disse: “Quando as Almas observarem isto, eu não permitirei que ninguém seja enganado por ele”. Quão divinas são estas palavras, dignas de serem impressas nos corações dessas Almas que desejam avançar na perfeição!

71. Deus revelou à Lady Marina de Escobar que, se o nosso Senhor Cristo tivesse, ele próprio, lhe comunicado algo, e o seu Pai espiritual dissesse não, ela estava obrigada a obedecer ao seu pai espiritual. E um santo desceu do céu para lhe dar a explicação disto, que era: Que na primeira [comunicação] poderia haver engano, mas na segunda não.

72. O Espírito Santo nos avisa a todos (em Prov. Cap.3) que nos não nos aconselhemos e nem confiemos em nossa própria sabedoria: *Ne innitaris prudentiae tuae*. E diz por Tobias que, para se agir corretamente nunca se deve governar a si mesmo pelo seu próprio julgamento, mas sempre consultar a mente e o julgamento dos outros (Cap. 4. 14: *Consilium semper a sapiente perquire.*). Embora o pai espiritual possa errar ao dar um conselho, você nunca errará ao aceita-lo e ao segui-lo, porque você estará agindo sabiamente: *Qui iudiceo alterius operatur, prudenter operatur*. E Deus não permite que os diretores errem para que se preserve mesmo que através de milagres o tribunal visível do pai espiritual que conhece, com toda a segurança, qual é a vontade divina.

73. Além disto, esta é a doutrina comum de todos os Santos, de todos os doutores e mestres do espírito. Cristo nosso Senhor deu crédito e segurança a isto quando disse que o pai espiritual deveria ser entendido e obedecido como a si mesmo: *Qui vos audit, mea audit* (São Lucas 10). E isto mesmo quando as suas obras não corresponderem a suas palavras e conselhos. Isto é manifestado por São Mateus Cap. 1: *Quaecunque dixerint vobis facite, secundum autem opera eorum nolite facere*.

# CAPÍTULO X

## UMA CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUNTO

74. A Alma que observa a santa obediência, como diz São Gregório (3. *Lib. in Jó*, Cap. 13), possui todas as virtudes. Ela é recompensada por Deus por sua humildade e obediência, que ilustra e ensina o seu guia, a cujo direcionamento ela deve (por estar ele no lugar de Deus) em tudo se submeter. Ela descobre de maneira livre, clara, fiel e simples todos os pensamentos, todas as obras, inclinações, inspirações e tentações que existem em si mesma. Desta forma, o Diabo não pode enganá-la. Ela se torna segura ao dar um relato de suas ações para Deus sem receios, tanto das ações que ela comete quanto das que omite. Deve ser visto que, qualquer um que caminhe sem um guia, se não for enganado, estará disto muito próximo, porque a tentação lhe parecerá inspiração.

75. Você deve saber que, para ser perfeito, não basta obedecer e honrar os superiores. Mas também é preciso obedecer e honrar os inferiores.

76. Portanto, para tornar a obediência perfeita, a Alma deve ser voluntária e se encontrar pura, pronta, animada, interiorizada, cega e perseverante; voluntária deve ser sem força ou medo; pura, sem interesse e respeito mundanos, ou amor-próprio; mas dedicada apenas a Deus. Ela deve estar pronta, sem replicar, desculpar-se ou se atrasar; animada, sem aflição interior e com diligência. Ela deve estar interiorizada, porque tudo isto não deve ser apenas algo exterior e aparente, mas deve vir da mente e do coração. Ela deve estar cega, sem o seu julgamento próprio; mas, submetendo este julgamento, com a sua vontade, àquele que a comanda, sem questionar a intenção, a finalidade, ou a razão da obediência, e perseverando com firmeza e constância até a morte.

77. De acordo com São Boaventura (*tract. 8. Collationum*): “A obediência deve ser imediata e sem demora: devotada sem severidade; voluntária sem contradição; simples sem exame; perseverante sem descanso; ordenada sem confundir-se; agradável sem inquietação; valente sem covardia: e universal sem exceção”. Lembre-se, ó Alma bendita! que embora você tenha a intenção de fazer a vontade divina, com toda a sua diligência, você jamais encontrará o caminho, a não ser através da obediência. Quando um homem está resolvido a governar a si mesmo, ele está perdido e enganado. Embora a Alma tenha sinais muito profundos de que se trata de um bom espírito que lhe fala, mesmo assim ela deve se submeter ao julgamento do seu diretor espiritual, para que não seja confundida por um mau espírito. Assim diz Gerson (*Tracto. de dist. vergar. Num. 19*) e muitos outros mestres do espírito.

78. Esta doutrina é confirmada pelo caso de Santa Teresa. A Santa Madre, vendo que Lady Catherine de Cordona levava uma vida de grande e rígida penitência no deserto, resolveu imitá-la, contrariando o julgamento de seu pai espiritual, que a proibiu disto. Então o Senhor lhe disse (em sua *Vida* 366): “De forma alguma deve você fazer isto, filha. Você tem assegurado o bom caminho. Você vê toda a penitência que Catherine fez. Mas eu dou maior valor à sua obediência”. Deste momento em diante ela prometeu obedecer ao seu pai espiritual; e no capítulo 26 de sua *Vida*, nós vemos que Deus frequentemente lhe dizia para não omitir-se de se comunicar com o seu pai espiritual, com toda a sua Alma, e de lhe relatar as graças que ele nela operou, e que ela deveria sempre cuidar de obedecê-lo em tudo.

79. Você vê como Deus está sempre pronto a assegurar, com argumentos e exemplos, esta celestial e importante doutrina, através da Sagrada Escritura, dos santos e dos doutores. O seu propósito é extirpar totalmente os enganos do inimigo.

# CAPÍTULO XI

## *QUANDO, E EM QUE COISAS, ESTA OBEDIÊNCIA DIZ RESPEITO À ALMA INTERIOR*

80. Para que você saiba quando a obediência é mais necessária, eu vou avisá-lo que é quando você encontrar as horríveis e inoportunas sugestões do maior inimigo sobre você. Será quando você enfrentar a maior escuridão, a angústia, a aridez, o abandono; quando você se encontrar mais assediado pelas tentações, pela ira, ódio, blasfêmia, luxúria, pelo praguejar, pelo tédio, desespero, impaciência e desolação; então, será muito necessário que você acredite e obedeça a um experiente diretor. Repouse em seu santo conselho, para que você não se deixe levar pela forte persuasão do inimigo. Ele o fará crer em uma aflição e em uma pesada deserção, que você se encontra perdido e rejeitado por Deus, que você está fora do seu favorecimento e que a obediência não lhe traz nenhum benefício.

81. Você se achará cercado por escrúpulos problemáticos, pesares, angústia, tristeza, martírio, desconfiança, pelo esquecimento das criaturas, e outros problemas tão amargos que as suas presentes aflições lhe parecerão confortos passados e os seus atuais tormentos incontestáveis. Ó Alma bendita! Quão feliz você ficará se então acreditar no seu guia, e se submeter e obedecer a ele. Então, você caminhará de forma segura pelo caminho secreto e interior da noite escura. De qualquer forma, parecerá a você viver em erro, e que está pior do que nunca, porque você não vê nada em sua Alma, além de abominação e sinais de condenação.

82. Você chegará a pensar que está possuído por um mau espírito, porque os sinais deste exercício interior e desta terrível tribulação parecem ser tão ruins quanto às invasões das fúrias infernais e dos demônios. Portanto, cuide de crer firmemente erre seu guia, pois a verdadeira felicidade consiste em sua obediência.

83. Você deve levar em consideração que, quando o Diabo vê uma Alma negar-se totalmente e se submeter à obediência do seu diretor, ele lança um bizarro rugido por todo o inferno, para impedir este bem infinito e este santo sacrifício. Por estar cheio de inveja e fúria, ele costuma causar conflitos entre os dois, inspirando a Alma com enfado, raiva, aversão, resistência, desconfiança e ódio contra o guia. Algumas vezes ele faz uso de sua língua para lhe lançar muitas reprovações. Mas se o diretor for experiente, ele rirá de todas estas sutis armadilhas e diabólicas astúcias. Embora o Diabo possa persuadir as Almas em tal estado com diversas sugestões, para que não creiam em seu diretor, e para que elas não o obedeçam, e nem tenham progresso com ele, mesmo assim elas devem crer e crer o bastante para obedecerem, embora isto não lhes traga satisfação.

84. Você pedirá ao seu guia alguma liberdade, ou irá comunicar a ele alguma graça recebida. Se ele negar essa liberdade, ou rejeitar a graça para que você não se torne orgulhoso, você irá se esquivar do seu conselho, e o deixará. Isto é um sinal de que o favor era falso e que o seu espírito corre perigo. Mas se você acreditar e obedecer a ele quando ele claramente o desagradar, isto é um sinal de que você está vivo e não mortificado. Desta forma, você tirará proveito desta violenta e eficiente medicação. Embora a sua parte inferior esteja atormentada e se ressinta, ainda assim a parte superior da sua Alma o abraça, e estará humilde e mortificada porque sabe que esta é a vontade divina. E, embora você não o saiba, ainda assim a satisfação vai aumentando em sua Alma, assim como a confiança que você tem no seu guia.

85. Você deve saber que o meio de se negar o amor-próprio e de não se deixar levar pelo próprio julgamento, é submetê-lo totalmente, com verdadeira submissão, ao conselho do médico espiritual. Se ele impede o seu prazer, ou ordena aquilo que você não deseja, milhares de falsas e inúteis razões imediatamente se apresentam ante o seu santo conselho. O espírito que não está mortificado e nem tem cego o seu julgamento, é inimigo irreconciliável para a pronta e cega obediência, e para a paz da Alma.

86. Então, é preciso vencer a si mesmo e aos seus sentimentos apressados e desprezar todas estas falsas e mentirosas razões, obedecendo, segurando a sua língua e executando o santo conselho. Este é o caminho para extirpar o seu próprio apetite e o seu próprio julgamento.

87. Por esta razão, os antigos pais, como experientes e habilidosos mestres do espírito, exercitavam os seus discípulos de diversas e extraordinárias maneiras. Para alguns, eles ordenavam que plantassem alfaces com as folhas para baixo; a outros que regassem árvores secas e murchas; ainda a outros, que vestissem e despissem suas roupas muitas vezes. Todos estes são maravilhosos e efetivos estratagemas, para se testar a obediência simples e cortar as ervas daninhas da sua própria vontade e do julgamento pelas suas raízes.

# CAPÍTULO XII

## *ONDE SE TRAIA DO MESMO ASSUNTO*

88. Saiba que você não pode dar um passo no caminho do espírito, até que se esforce para conquistar este feroz inimigo, que é o seu próprio julgamento. A Alma que não conhecer esta ferida jamais será curada. O homem doente que conhece a sua doença sabe com certeza que, embora esteja sedento, não é bom que beba. Embora a medicação receitada para ele seja amarga, ainda assim ela lhe é proveitosa. Por isto, ele não confia no seu apetite, e não confia em seu próprio julgamento, mas se sujeita a um médico habilidoso, obedecendo-o em todas as coisas como sendo o meio de alcançar a sua recuperação e cura. O conhecimento de que está doente o ajuda a não confiar em si mesmo, mas a seguir o sábio julgamento do seu médico.

89. Todos nós estamos doentes com a doença do amor-próprio e do nosso próprio julgamento. Nós estamos cheios de nós mesmos. Nós estamos sempre desejando coisas prejudiciais a nós, e aquilo que nos faz bem é desagradável e penoso. É, portanto, necessário, para aquele que está doente, usar os meios de recuperação que não são críveis ao nosso próprio julgamento e sentimentos destemperados. Acredite no sábio julgamento do habilidoso médico espiritual, sem réplica ou desculpa, desprezando as razões aparentes do amor-próprio. Assim, se nós o obedecemos, nós certamente nos recuperaremos, e este nosso amor, que é o inimigo de nosso sossego, paz, perfeição e espírito, será derrotado.

90. Com quanta frequência irá o seu julgamento enganá-lo? E quantas vezes irá você mudar o seu julgamento com vergonha, depois de ter confiado em si mesmo? Se algum homem o enganasse duas ou três vezes, você confiaria nele novamente? Por que você, então, deposita confiança em seu próprio julgamento, que o enganou tantas vezes? Ó Alma bendita, não acredite mais, sujeite-se com verdadeira submissão e siga cegamente esta obediência.

91. Você se sentirá muito satisfeito por ter um guia experiente e irá estimá-lo com grande alegria. Será de pouca valia se você confiar no seu próprio julgamento mais do que no seu conselho, e não se submeter em toda a verdade e simplicidade.

92. Suponha que um grande homem esteja sofrendo de uma perigosa doença. Ele tem em sua casa um famoso e hábil médico que rapidamente identifica o seu mal, as causas, as condições e o seu estado. Sabendo com certeza que esta doença deve ser tratada com várias cauterizações, ele ordena o uso de lenitivos. Agora, não causarão estes uma grande desordem? Se é certo que os lenitivos não ajudarão em nada e que a cauterização é o procedimento adequado, por que ele não a aplica? Porque, embora a pessoa doente queira a sua melhora imediata, o médico conhece melhor o seu ofício.

Pois o homem não está em disposição de suportar um tratamento mais forte, e por isto o sábio homem lhe ordena tomar lenitivos, porque, embora estes não o irão levantar, todavia impedirão que a doença se torne mortal.

93. Do que adianta se, tendo você o melhor diretor do mundo, não quer a ele se submeter verdadeiramente? Embora ele seja um homem de habilidade e conheça o agravo e o remédio, ele pode não aplicar o remédio apropriado. Cabe a você, então, ainda mais, negar a sua vontade. Porque ele conhece o seu espírito e o seu coração, e sabe que estes não estão dispostos a deixar as enfermidades do seu próprio julgamento serem removidas, e, se for assim, você não será nunca curado. Será um milagre se ele puder manter você na graça com um inimigo tão feroz da sua Alma sobre você.

94. Se o seu diretor for um homem sábio, ele irá desdenhar toda a sorte de favores. Se o seu espírito não estiver bem baseado, creia em seu diretor, obedeça-o e aceite o seu conselho. Com este desdém, se o espírito for dissimulado e da parte do maligno, o seu secreto orgulho, formado por aquele que falsifica estes espíritos, logo será conhecido, Mas se o Espírito for real, embora você encontre aborrecimento nesta humilhação, ela servirá a você de uma forma extraordinariamente benigna.

95. Se a Alma se deleita na estima e em ter os favores que recebe de Deus tornados públicos; se ela não obedece e não acredita em seu diretor, que tem pouca consideração por eles; tudo então será mentira e engano, pois o Diabo é o anjo que transforma a si mesmo. A Alma vê que o habilidoso diretor despreza estes engodos, se for maligno o espírito. Ele [o espírito maligno] recolhe a afeição fingida que mostrou ao diretor e se esforça para, pouco a pouco, dele se afastar, procurando por outro que aceite os seus enganos. Pois o orgulhoso nunca pode se manter na companhia daqueles que o humilham. Mas, por outro lado, se o espírito for verdadeiro e de Deus, por estes meios o amor e a constância aumentam continuamente. Ela [a Alma] deseja muito mais o seu próprio desprezo, pelo qual a clareza e a sinceridade do espírito se tornam qualificadas e sem engano.

# CAPÍTULO XIII

## *A COMUNHÃO FREQUENTE É UM MEIO EFETIVO DE SE RECEBER TODAS AS VIRTUDES E, EM PARTICULAR, A PAZ INTERIOR*

96. Existem quatro coisas mais necessárias para se atingir a perfeição e a paz interior. A primeira é a prece; a segunda, a obediência; a terceira, a comunhão frequente; a quarta, a mortificação. E agora, já que já tratamos da prece e da obediência, será conveniente tratarmos também da comunhão,

97. Você deve saber que existem muitas Almas que privam a si mesmas do infinito benefício desse precioso alimento. Elas julgam não estarem suficientemente preparadas e que nada menos do que uma pureza angélica é necessária para isto. Se você tem uma finalidade pura e um verdadeiro desejo de realizar a vontade de Deus, sem procurar a devoção sensível ou a sua própria satisfação, venha com confiança, porque você está, então, adequadamente disposto.

98. Todas as dificuldades, todos os escrúpulos, todas as tentações, dúvidas, medos, resistências e contradições devem ser rompidas nesta rocha do desejo pela vontade divina. E a melhor preparação para a Alma é se comungar sempre, porque uma comunhão dispõe à outra. Assim, eu irei mostrar os dois caminhos da preparação. O primeiro é para as Almas exteriores que têm bom desejo e vontade. O segundo é para as espiritualizadas que vivem internamente e têm uma luz e um conhecimento maiores de Deus, dos seus mistérios, das suas operações e sacramentos.

99. A preparação das Almas exteriores é se confessar e se retirar do convívio com as criaturas. Antes da comunhão devem se pôr em silêncio e considerar o que será recebido, e por quem. Vai ela ao maior dos ofícios do mundo, que é receber o grandioso Deus. Que singular favor e a própria pureza condescender em ser recebida pela fé (!), a majestade pela vileza (!), o criador pela criatura!

100. A segunda preparação, para as Almas interiores e espiritualizadas, deve ser o esforçar-se por viver com grande pureza e autonegação, em um retirar-se universal do mundo, através da mortificação e do recolhimento contínuos. Quando elas caminham desta forma, elas não têm necessidade de qualquer outra preparação, porque as suas vidas são uma contínua e perfeita preparação.

101. Se você não conhece estas virtudes em sua Alma, pela mesma razão você deve com frequência se aproximar da mesa soberana para recebê-las. Nunca deixe que o impeça o perceber-se vazio, defeituoso e frio. A comunhão frequente é o remédio que cura estas doenças e aumenta a virtude. Pela mesma razão é que, quando você está doente, deve ir ao médico, uma vez que se encontra com frio e com febre.

102. Se você se aproximar com humildade, com o desejo de fazer a vontade divina, e com a licença do seu confessor, você poderá recebê-la todo dia, e todo dia você irá melhorar mais e mais. Nunca tema ver-se sem este amor afetado e sensível, que alguns dizem ser necessário. Esta afeição sensível não é perfeita, e geralmente é dada a Almas fracas e amáveis.

103. Você dirá que se sente indisposto, sem devoção, sem fervor, sem o desejo pelo divino alimento, a ponto de perguntar com que frequência você deve tomá-lo? Acredite, com certeza, que nenhuma destas coisas irá impedi-lo ou machucá-lo, enquanto você perseverar com firmeza neste propósito, de não pecar; e você se determinará a evitar toda ofensa. Se você confessar todas as de que se lembra, não duvide que está bem preparado para se aproximar da divina e celestial mesa.

# CAPÍTULO XIV

## *SEGUE COM O MESMO ASSUNTO*

104. Você deve saber que neste indescritível sacramento Cristo se une à Alma, a qual se torna una com aquele cujas fineza e pureza são as mais profundas e admiráveis, e as mais dignas de consideração e agradecimentos. Grande foi a pureza dele ao ser feito homem, maior do que a de morrer ignominiosamente na cruz por nossa causa. A doação inteira e total de si ao homem neste sacramento não admite comparação. Este é um favor singular e de infinita pureza, porque não há mais nada a ser dado, nem mais nada a ser recebido. Se nós pudéssemos apenas compreender isto! Se nós pudéssemos ao menos conhecê-lo!

105. Sendo o que é, Deus se comunica à minha Alma! Deus deseja uma união recíproca com ela, que por si só é apenas miséria! Ó Almas, se nós pudéssemos apenas nos alimentar nesta mesa celestial! Ou se nós pudéssemos nos consumir neste fogo ardente! Se nós pudéssemos nos tornar um e o mesmo espírito com este senhor soberano! Quem nos impede? Quem nos ilude? Senhor! Quem nos impede? Quem nos ilude? Quem nos afasta de nos consumirmos como salamandras no fogo divino desta santa mesa?

106. É verdade, ó Senhor, que você, ao entrar em mim, encontra uma criatura miserável; mas, ao mesmo tempo, você permanece em glória e brilho, em si mesmo. Recebe-me, portanto, ó meu Jesus, em si, em sua beleza e majestade. Eu sou infinitamente contente por minha vileza não poder prejudicar a sua beleza. Você entra em mim sem sair de si. Você permanece em meio ao seu brilho e a sua magnificência, apesar de estar na minha escuridão e miséria.

107. Ó minha Alma, quão grande é a sua vileza! (Jó Cap. 7) Quão grande a sua pobreza! O que é o homem, Senhor, para que se importe tanto com ele? Para que o visite e o engrandeça? O que é o homem, para que coloque tanta estima sobre ele, desejando deleitar-se com ele e nele habitar pessoalmente com a sua grandeza? Como, ó Senhor, pode uma criatura miserável receber uma majestade infinita? Humilhe-se, ó minha Alma, até a mais profunda nulidade. Confesse a sua falta de valor. Olhe para a sua miséria e perceba as maravilhas que o amor divino suporta para estar nesta incompreensível miséria, para poder se comunicar e se unir a você.

108. Grandeza de amor pela qual o amigoso Jesus se encontra na pequenez do seu hóspede, onde de certa forma se sujeita ao homem, no qual se entrega totalmente e se sacrifica por ele ao pai eterno! Ó Soberano Senhor, mantenha com força o meu coração, para que ele nunca mais volte à liberdade imperfeita, mas que totalmente aniquilado possa morrer para o mundo e permanecer unido com você.

109. Se você reunir todas as virtudes no mais alto grau, venha, Alma bendita, venha com frequência a esta muito santa mesa, pois aí todas elas se encontram. Coma, ó minha Alma, desta comida divina, coma e continue, venha com humildade, venha com fé para se nutrir deste alvo e divino pão. Pois esta é a marca das Almas e de onde o amor tira as suas setas, dizendo: Venha, ó Alma, e coma esta saborosa comida, se você quer receber a pureza, a caridade, a castidade, a luz, a força, a perfeição e a paz.

## CAPÍTULO XV

*DECLARANDO QUANDO AS PENITÊNCIAS ESPIRITUAIS E CORPORAIS DEVEM SER USADAS, E QUÃO DANOSAS ELAS SÃO QUANDO UTILIZADAS INDISCRETAMENTE, DE ACORDO COM OS SEUS PRÓPRIOS JULGAMENTO E OPINIÃO*

110. É sabido que existem algumas Almas que, para fazerem um grande avanço na santidade, tornam-se nesta muito atrasadas ao fazerem penitências indiscretas. Isto inclui aquelas que tentam cantar mais do que permitem as suas forças, as que se esforçam até a exaustão, prejudicando-se ao invés de melhorarem.

111. Muitas caíram nesse precipício, por falta de submeterem os seus julgamentos aos seus pais espirituais. Elas imaginam que, a não ser que se entreguem a rígidas penitências, jamais poderão ser santas, como se a santidade consistisse apenas nisso. Elas dizem que aquele que pouco planta, pouco colhe. Elas nada plantam além do amor-próprio, com as suas indiscretas penitências, ao invés de arrancá-lo pela raiz.

112. Mas a pior parte destas penitências indiscretas é que, através do uso destas inúteis e estéreis severidades, é gerada, e torna-se habitual, certa amargura do coração para consigo mesmo e para com os próximos. Isto é algo ainda mais estranho ao verdadeiro espírito da santidade. Elas não sentem a doçura do jugo de Cristo ou a doçura da caridade, mas apenas a aspereza das penitências. Por isto, suas naturezas tornam-se amarguradas. Disto, resulta que estes homens tornam-se exasperados com os seus vizinhos, marcando e reprovando em demasia as suas faltas e os considerando muito imperfeitos, por os verem seguir um caminho menos rigoroso do que os seus. Daí, eles se tornam orgulhosos do exercício de suas penitências, vendo que poucos agem como eles, pensando serem melhor do que os seus companheiros. Portanto, eles muito caem por causa de suas virtudes. E tornam-se invejosos daqueles que julgam menos penitentes e mais favorecidos por Deus. Isto é uma prova clara de que eles fixam a sua confiança em suas próprias diligências.

113. A prece é o alimento da Alma. A Alma da prece é a mortificação interior. Pois, por mais que as penitências corporais e todos os outros exercícios que punem a carne sejam bons, santos e dignos de louvor (desde que moderados pela discrição de acordo com o estado e a qualidade ele cada um, e pelo auxílio do julgamento do diretor espiritual), ainda assim, se eles não crescem a partir do interior, eles nunca trarão nenhuma virtude, mas apenas vaidade e o vento da vã-glória. Agora, portanto, você saberá quando deverá dar mais atenção às penitências exteriores.

114. Quando a Alma começa a se retirar do mundo e do vício ela deve domar o corpo com rigor, para que ele se submeta ao espírito e siga a lei de Deus com

facilidade. Cabe, então, a você manejar as armas do látego, do jejum e da disciplina para tirar da carne as raízes do pecado. Mas quando a Alma entra no caminho do espírito, abraçando a mortificação interior, o castigo corporal deve ser relaxado, porque já há perturbação suficiente no espírito. O coração se enfraquece, o peito sofre, o cérebro está cansado, todo o corpo se ressentido e sofre por causa das funções da Alma.

115. Portanto, o hábil e sábio diretor deve considerar bem, e não dar vazão à realização destes excessos corporais e destas penitências exteriores às Almas que já se encontram neste estado, as quais ele conduz ao grande amor de Deus, que elas concebem no recolhimento interior, obscuro e purificador. Não é bom gastar o corpo e o espírito ao mesmo tempo e nem quebrar as suas forças através de rigorosas e excessivas penitências, já que eles já estão alquebrados pela mortificação interior. Por este motivo é que Santo Inácio de Loyola diz muito claramente em seus exercícios que, no caminho da purificação, penitências externas são necessárias, mas que, no caminho da iluminação, elas devem ser moderadas; e mais ainda no caminho unitivo.

116. Mas você irá argumentar que os santos sempre se valeram de severas penitências. Eu respondo que eles não o fizeram com indiscrição, e nem seguindo o seu próprio julgamento, mas de acordo com a opinião de seus superiores e dos seus diretores espirituais, que lhes permitiram o uso. Eles os sabiam estarem sendo movidos internamente pelo Senhor a esses rigores, para confundir a miséria dos pecadores com seus exemplos, ou por várias outras razões. Outras vezes, eles permitiram que eles as empregassem para diminuir o fervor dos seus espíritos e contrabalançar os seus êxtases. Estes são motivos particulares e não uma regra geral para todos os casos.

# CAPÍTULO XVI

## *A GRANDE DIFERENÇA ENTRE AS PENITÊNCIAS EXTERIORES E INTERIORES*

117. Saiba que as mortificações e penitências que alguns tomam para si mesmos são leves (embora elas possam ser as mais rigorosas, como até então tem ocorrido) em comparação com as que se recebe de outras mãos. Nas primeiras se entra por sua própria iniciativa, a qual abate o pesar, quanto mais voluntária for. Mas no fim ele faz apenas aquilo que deseja. Com as segundas tudo o que é suportado é doloroso, e também doloroso é o caminho que se suporta, por assim dizer, pela vontade de outro.

118. Isto é o que o Cristo nosso Senhor disse a São Pedro (São João 21.18). Quando você é jovem e um iniciante na virtude, você se prepara e se mortifica. Quando vai para escolas superiores e deve ser proficiente na virtude, outro deve prepará-lo e mortificá-lo. E então, se você irá me seguir com perfeição, negando totalmente a si mesmo, você deve deixar a sua cruz e tomar a minha, ou seja, se contentar que outro o crucifique.

119. Não deve haver diferença entre este e aquele, entre o seu pai e o seu filho, o seu amigo e o seu irmão. Estes devem ser os primeiros a mortificar você, ou a se erguer contra você, seja com ou sem razão, pensando ser a virtude da sua Alma engano, hipocrisia ou imprudência, e colocando pesados obstáculos no caminho dos seus santos exercícios. Isto e muito mais irá cair sobre si se você de coração servir ao Senhor e se purificar em suas mãos.

120. Tenha como coisa certa o fato de que, por melhores que sejam estas mortificações e penitências exteriores, as quais você toma por conta própria, elas não purificam a Alma e nem purgam as paixões interiores, que impedem a contemplação perfeita e a divina união.

121. É muito fácil mortificar o corpo através do espírito, mas não o espírito através do corpo. Isto também é verdadeiro quanto à mortificação interior. É a mortificação do espírito que mais lhe concerne. Conquiste as suas paixões e arranque o seu próprio julgamento e o seu amor próprio, para labutar mesmo até a morte sem se poupar de forma alguma, embora a Alma já esteja no mais alto estado. E, portanto, a principal diligência deve ser a mortificação interior, porque a mortificação exterior e corporal não basta, embora seja boa e santa.

122. Embora um homem possa receber as punições de todos os homens, e realizar as mais rudes penitências que jamais foram feitas na igreja de Deus, se ele não nega a si mesmo e não se mortifica com a mortificação interior, ele estará muito longe de atingir a perfeição.

123. Uma boa prova desta verdade é o que aconteceu a Santo Henrique Suson. Após vinte anos de rigorosa disciplina, látego e grande abstinência, das quais basta ler a respeito para se eriçarem os cabelos, Deus lhe comunicou luz através de um êxtase. Assim, ele atingiu o conhecimento de que ainda não havia nem começado. E até que o Senhor o mortificasse com tentações e grande perseguições, ele não pode alcançar a perfeição (sua *Vida*, cap. 23). Por isto, você deve saber com clareza a diferença entre as penitências exteriores e interiores, e as mortificações internas e externas.

## CAPÍTULO XVII

*COMO A ALMA DEVE SE CONDUZIR DIANTE DAS FALTAS QUE  
COMETE PARA QUE NÃO SE PERTURBE, MAS TIRE DELAS PROVEITO*

124. Quando você cair em uma falta, seja ela qual for, não se perturbe e nem se aflija por causa disto. Este é o efeito de nossa natureza frágil, contaminada pelo pecado original, tão inclinada ao mal que necessita de uma graça e de um privilégio muito especiais, como ocorreu para que a virgem santa fosse isenta dos pecados veniais.

125. Quando você cai em uma falta ou em uma negligencia, e perturba e censura a si mesmo, isto é um sinal manifesto de que um secreto orgulho ainda reina em sua Alma. Acreditava você que não poderia mais cair em faltas e fraquezas? Se Deus permite algumas falhas, mesmo nos homens mais santos e perfeitos, é para lhes deixar alguma lembrança do tempo em que eles eram iniciantes e para mantê-los mais seguros e humildes. É para que possam sempre pensar que não estão nunca separados deste estado e que ainda mantêm as faltas dos seus inícios.

126. Por que você se maravilha quando cai em alguma falta ou fraqueza leves? Humilhe-se. Conheça a sua miséria agradeça a Deus por ele tê-lo preservado dos infinitos pecados nos quais você infalivelmente cairia, e teria caído, de acordo com a sua inclinação e apetite. O que pode se esperar do escorregadio chão da nossa natureza, além de cepos, sarças e espinhos? É um milagre da graça divina não cairmos a todo instante em inumeráveis faltas. Nós ofenderíamos ao mundo inteiro se Deus não nos contivesse continuamente com sua mão.

127. O inimigo comum o fará acreditar, tão logo você caia em alguma falta, que não está bem firme no caminho do espírito, mas que, ao invés disto, você carinha em erro. Você não se reformou com sinceridade. Você não fez uma boa confissão geral. Você não tem verdadeiro pesar. Portanto, você está fora de Deus e do seu favor. Se algumas vezes você cometer uma falta venial novamente, por infortúnio, quantos medos, sustos, confusões, desencorajamentos e argumentações várias o Diabo irá colocar em seu coração? Ele mostrará que você emprega o seu tempo em vão, que na prática não faz nada; que a sua prece não traz benefício; que você não se dispõe para poder receber o santo sacramento; que você não se mortifica, como promete todo dia a Deus; que a prece e a comunhão sem mortificação são mera vaidade. Por tudo isto, ele o fará descrer da divina graça, lhe mostrando a sua própria miséria e fazendo dela um gigante, colocando em sua cabeça que todo dia a sua Alma torna-se pior, ao invés de melhorar, uma vez que com tanta frequência ela repete estas faltas.

128. Ó Alma bendita, abra os seus olhos. Não se deixe levar pelos enganosos e ilusórios truques de Satã. Ele procura a sua ruína e covardia, com estas mentirosas e aparentes razões. Corte todos esses discursos e considerações e feche a porta contra esses vãos pensamentos e diabólicas sugestões. Largue de lado esses terrores vãos e remova essa timidez, conhecendo a sua miséria e confiando na misericórdia divina. E se amanhã você cair novamente, como fez hoje, confie mais uma vez nesta suprema e mais do que infinita bondade, que é tão pronta a esquecer as suas faltas e a nos receber em seus braços como um filho querido.

# CAPÍTULO XVIII

## ONDE SE TRATA DO MESMO ASSUNTO

129. Em todos os momentos, portanto, deve você, quando se vir em falta, sem perder tempo ou fazer discursos sobre a queda, banir o medo vão e a covardia, sem se perturbar ou censurar. Reconheça as suas faltas com humildade, olhando para a sua miséria, envolvendo-se com uma amorosa confiança no Senhor, indo à sua presença, pedindo perdão comovidamente e sem a balbúrdia das palavras. Mantenha-se sereno ao assim agir. Não argumente se ele o perdoou ou não, retornando então para os seus exercícios e recolhimentos, como se não tivesse pecado.

130. Não seria um mero tolo aquele que, correndo em um torneio contra outros, e caindo durante a sua melhor carreira, ficasse no chão a chorar, se afligindo com discursos sobre a sua queda? Homem (eles lhe diriam), não perca tempo. Levante-se e retome o seu curso. Pois aquele que se levanta rapidamente e continua a sua corrida é como se não tivesse caído.

131. Se você tem um desejo de alcançar um alto grau de perfeição e de paz interior, você deve usar a arma da sua confiança na divina bondade noite e dia, e sempre que você cair. Você deve exercitar esta humilde e amorosa conversação com total confiança na misericórdia divina em todas as faltas, imperfeições e quedas que possa cometer, tanto por advertência como por inadvertência.

132. E embora você caia cora frequência, e veja a sua pusilanimidade, esforce-se para ter coragem e não se afligir. Aquilo que Deus não fez em quarenta anos às vezes ele faz em um instante, através de um mistério particular, para que assim vivamos submissos e humildes, e saibamos que é o trabalho de sua poderosa mão que nos livra de nossos pecados.

133. Em sua sabedoria infável, Deus também deseja que, não apenas pelas virtudes, mas também pelos vícios e paixões, com os quais o Diabo busca e pretende nos atirar ao fosso sem fundo, nós construamos uma escada para subir ao céu. *Ascendamus etiam per vitia & passiones nostras*, diz Santo Austin (Serm. 3. de Ascens.). Para que não façamos veneno do remédio e vícios das virtudes, ao nos tornarmos vãos por elas. Deus quer que façamos virtudes dos vícios, nos curando pela mesma coisa que nos machuca. Assim diz São Gregário: *Quia ergo nos de medicamento vulnus facimus, facit ille de vulnere medicamentum, ut qui virtute percutimur, vitio curemor* (Lib. 37. c.9)

134. Por meio de pequenas quedas, o Senhor nos faz saber que a sua majestade é que nos livra das maiores. Com isto, ele nos mantém humildes e vigilantes, o que a

nossa orgulhosa natureza muito precisa. Portanto, embora você deva andar com grande cuidado para não cair em alguma falta ou imperfeição, se você se vir cair uma, ou mil vezes, você deve fazer uso do remédio que lhe dei, qual seja, uma amorosa confiança na misericórdia divina. Estas são as armas com as quais você deve lutar e conquistar a covardia e os pensamentos vãos. Este é o meio que você deve utilizar para não perder tempo, não se perturbar e colher os benefícios. Este é o tesouro com o qual você deve enriquecer a sua Alma. E, finalmente, por este meio você deve subir a alta montanha da perfeição, da tranquilidade e da paz interior.

# **LIVRO TERCEIRO**

**SOBRE OS MARTÍRIOS ESPIRITUAIS COM OS QUAIS  
DEUS PURGA AS ALMAS; SOBRE A CONTEMPLAÇÃO,  
INFUSA E PASSIVA; SOBRE A PERFEITA RESIGNAÇÃO,  
A HUMILDADE INTERIOR, A SABEDORIA DIVINA, A  
VERDADEIRA ANIQUILAÇÃO E A PAZ INTERIOR**



# CAPÍTULO I

## *A DIFERENÇA ENTRE O HOMEM EXTERIOR E O INTERIOR*

1. Existem dois tipos de pessoas espirituais: o interior e o exterior. O exterior procura Deus através do discurso, da imaginação e da consideração. Eles se esforçam principalmente para obterem a virtude através de muitas abstinências, da maceração do corpo e da mortificação dos sentidos. Eles aplicam a si mesmos rigorosas penitências, cobrindo-se com cilício, castigando a carne pela disciplina, suportando o silêncio e suportando a presença de Deus. Eles o formam dentro de si mesmos, com as suas ideias sobre ele, ou com o uso de suas imaginações; às vezes como um pastor, às vezes como um médico, às vezes como um pai e senhor. Eles se deleitam em falar continuamente com ele, muitas vezes em fervorosos atos de amor. Tudo isto é arte e meditação. Desta forma, eles almejam a grandeza. Pelo poder das mortificações voluntárias, eles buscam afeições sensíveis e mornos sentimentos. Eles pensam que Deus reside neles apenas quando eles os sentem. Este é o caminho externo dos iniciantes. Embora seja bom, não se alcança a perfeição através dele. Isto é apenas um passo em sua direção. A experiência nos mostra que, após cinquenta anos neste exercício externo, muitos se encontram vazios de Deus e cheios de si mesmos. Eles são homens espirituais apenas no nome.

2. Existem outros verdadeiramente espiritualizados que passaram do início do caminho interior, o qual conduz à perfeição e à união com Deus. O Senhor os chamou do caminho exterior para este com a sua infinita misericórdia, antes deles mesmos se exercitarem. Estes homens retiraram-se para a parte interior de suas Almas com verdadeira resignação, para as mãos de Deus, se lançando totalmente fora e se esquecendo de si mesmos. Eles sempre se apresentam com o espírito erguido diante da presença de Deus através da pura fé, sem formarem dele imagens, formas ou figuras. Eles têm uma grande segurança, fundamentada na tranquilidade e no descanso interior. Neste encontro e entretenimento infuso, o espírito aspira com tanta força que faz com que a Alma, o coração, o corpo e todos os seus poderes se contraíam internamente.

3. Uma vez que eles já passaram pela mortificação interior e foram purificados por Deus através do fogo da tribulação, por infinitos e horríveis tormentos, todos foram por sua mão ordenados neste caminho. Essas Almas são mestras de si mesmas, porque se encontram inteiramente subjugadas e negadas. Isto as faz viver com grande repouso e paz interior. Embora em várias ocasiões elas sintam resistência e tentações, elas rapidamente se tornam vitoriosas. Por serem já Almas experimentadas, e por estarem imbuídas com a força divina, as moções de suas paixões não podem durar muito para elas. Apesar de que as veementes tentações e tormentosas sugestões do

inimigo possam durar por um longo tempo ao seu redor, elas são todas conquistadas com ganho infinito. O próprio Deus luta dentro delas.

4. Essas Almas já procuraram para si mesmas a grande luz e o verdadeiro conhecimento de Cristo nosso Senhor, tanto de sua divindade quanto de sua humanidade. Elas exercitam o conhecimento infuso com um quieto silêncio em recolhimento interior, na parte superior de suas Almas. Elas têm o espírito livre de imagens e representações exteriores, com um amor que é puro e desligado das criaturas. Elas se erguem das ações exteriores para o amor da humanidade e da divindade. Tanto quanta elas desfrutam, elas esquecem. Em toda via elas descobrem que amam o seu Deus com todo o coração e espírito.

5. Essas benditas e sublimes Almas não têm prazer em nada que seja do mundo, exceto no seu desprezo e na solidão, e em serem esquecidas e abandonadas por todos. Elas vivem tão desinteressadamente e apartadas que, embora recebam continuamente muitas graças espirituais, as suas inclinações não se alteram. Elas permanecem exatamente como se não as tivessem recebido. Elas sempre mantêm uma grande desconsideração e desprezo por si mesmas no mais profundo dos seus corações. Elas estão sempre humildes diante da profundidade de seus próprios desmerecimentos e vilanias. Da mesma forma, elas estão sempre quietas, serenas, possuídas por uma constância da mente, em extraordinário favor e graça, mesmo nos mais rigorosos e amargos tormentos. Não existem novidades que as animem, nem sucesso que as entristeçam. A tribulação nunca as perturba. Nem a comunicação divina e contínua as tornam vãs e afetadas. Elas permanecem sempre cheias de santo e filial temor, em uma paz maravilhosa, constante e serena.

# CAPÍTULO II

## *CONTINUA O MESMO ASSUNTO*

6. No caminho exterior elas cuidam em realizar em atos contínuos todas as virtudes, uma após a outra, para alcançar as suas realizações. Elas pretendem purgar as imperfeições com um empenho proporcional à sua destruição. Elas se preocupam em arrancar pela raiz um interesse após o outro, com um exercício diferente e contrário. Embora elas se esforcem muito, elas não alcançam nada. Nós não podemos fazer nada que não seja imperfeição e miséria.

7. Mas no caminho interior e na amorosa hospitalidade da divina presença, o Senhor é que trabalha, estabelecendo a virtude, arrancando os interesses, destruindo as imperfeições e removendo as paixões. Quando a ocasião se apresenta, isto liberta inesperadamente a Alma, que parte sem pensar em nada além do bem que Deus, em sua infinita misericórdia, preparou para ela.

8. Deve ser sabido que essas Almas, embora sejam perfeitas, uma vez que têm a verdadeira luz de Deus, por esta mesmo conhecem profundamente as suas próprias misérias, fraquezas e imperfeições, e, embora o que elas ainda queiram é chegar à perfeição, em direção da qual caminham, elas se afligem e se detestam. Elas se exercitam em um amoroso temor a Deus, e desprezam a si mesmas, com verdadeira esperança em Deus e com desconfiança em si mesmas. Quanto mais elas se humilham com verdadeiro desprezo e conhecimento de si mesmas, mais elas agradam a Deus, e chegam a um singular respeito e veneração em sua presença. De todas as boas obras que elas realizam e de tudo o que elas continuamente sofrem, tanto dentro quanto fora, a nada elas dão tanta consideração quanto a estarem diante da divina presença.

9. Os seus contínuos exercícios são entrar em si mesmas e em Deus, com quietude e silêncio. Aí estão seus centros, as suas habitações e os seus deleites. Elas dão maior consideração a este recolhimento interior do que a conversarem com Deus. Elas se retiram neste secreto e íntimo centro da Alma, para conhecer Deus e receber a sua divina influência com grande temor e amorosa reverência. Se elas saem deste estado, é apenas para conhecer e desprezar a si mesmas.

10. Mas saiba que poucas são as Almas que alcançam este feliz estado. Poucas são as que desejam abraçar o desprezo e suportar serem refinadas e purificadas. Desta forma, embora existam muitas que entram neste caminho interior, é raro que uma Alma nele continue, e não pare na entrada. O Senhor diz à Alma: este Caminho interior é trilhado por poucos. Ele é de uma Graça tão elevada, que ninguém o merece. Poucos caminham nele, porque ele nada mais é do que a morte dos sentidos. Existem

poucos que o desejem tanto a ponto de serem aniquilados, tendo esta disposição na qual tão soberana dádiva se fundamenta.

11. Com isto, você irá se desenganar, e saberá com perfeição a grande diferença que existe entre o caminho externo e o interno, e quão diferente é a presença de Deus que surge da meditação, daquele que sobrenaturalmente surge do recolhimento interior, infuso e da contemplação passiva. Por fim, você saberá a grande diferença que existe entre o homem exterior e o interior.

## CAPÍTULO III

*OS MEIOS DE SE OBTER A PAZ INTERIOR NÃO SÃO O DELEITE DOS SENTIDOS*

*E NEM A CONSOLAÇÃO ESPIRITUAL, MAS A NEGAÇÃO DO AMOR PRÓPRIO*

12. É palavra de São Bernardo que servir a Deus nada mais é do que fazer o bem e suportar o mal. Aquele que busca ir à perfeição através da doçura e da consolação está enganado. Você não deve desejar nenhuma outra consolação de Deus além de perder a sua vida por causa dele, em um estado de verdadeira obediência e sujeição. O caminho de Cristo nosso Senhor não é o da doçura e nem o da suavidade, e nem nos convida ele para tais coisas, seja por suas palavras ou por seus exemplos, quando diz: “Aquele que quiser vir depois de mim, que negue a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mateus 24.26). A Alma que for se unir ao Cristo deve se conformar com ele, seguindo-o no caminho do sofrimento.

13. Você mal terá começado a provar a doçura do divino amor na prece quando o inimigo, com a sua enganosa habilidade, irá inflamar em seu coração o desejo pelo deserto e pela solidão, para que você, sem o estorvo de ninguém, alce as velas para uma contínua e deleitosa prece. Abra os seus olhos e considere que este conselho e desejo não se conformam com o verdadeiro conselho de Cristo nosso Senhor, que não nos convidou a seguir a doçura e o conforto de nossa própria vontade, mas sim a negar a nós mesmos, dizendo: *Abneget semetipsum*. Como se ele dissesse àquele que o fosse seguir e chegar à perfeição, que partisse totalmente a sua própria vontade, se submetendo inteiramente ao jugo da obediência e da sujeição por meio da autonegação, que é a verdadeira cruz.

14. Existem muitas Almas dedicadas a Deus que recebem de suas mãos grandes pensamentos, visões e elevações mentais e, mesmo assim, o Senhor mantém longe delas a graça de operarem milagres, de compreenderem os segredos ocultos e a previsão de futuras contingências, como ele faz com outras Almas que constantemente passaram por tribulações, tentações e pela verdadeira cruz, em um estado de perfeita humildade, obediência e sujeição.

15. Quão grande felicidade é para a Alma ser sujeitada e subjugada, que grande riqueza é ser ela pobre! Que grande honra é ser desprezada! Que altura é ser rebaixada! Que conforto é ser afligida! Que crédito de conhecimento é ser reputada como ignorante! E, finalmente, que felicidade das felicidades é ser crucificada com Cristo! É esta a sorte que o apóstolo glorificou: *Nos autem gloriari oportet in cruce Domini nostri Jesu Christi* (Gal. 6.14). Que outros se jactem em suas riquezas, dignidades, deleites e honras. Para nós não existe mais alta honra do que ser negado, desprezado e crucificado com Cristo.

16. Mas que grande pesar é o fato de que mal exista uma Alma que despreze os prazeres espirituais e que deseje ser negada por Cristo, abraçando a sua cruz com amor: *Multi sunt vocati; pauci vero electi*, (Mateus 22), diz o Espírito Santo. Muitos são os que são chamados para a perfeição, mas muito poucos a alcançam. São poucos os que abraçam a cruz com paciência, constância, paz e resignação.

17. Negar a si mesmo em todas as coisas, se submeter ao julgamento de outra pessoa, mortificar continuamente todas as paixões interiores, aniquilar-se em todos os aspectos, seguir sempre aquilo que for contrário à sua própria vontade, apetite e julgamento, são coisas que poucos podem fazer. Muitos são os que as ensinam, mas poucos são os que as praticaram.

18. Muitas Almas tomaram, e retomam diariamente, este caminho; e perseveram enquanto mantêm o doce sabor do seu fervor primitivo. Mas esta doçura e este prazer sensível dificilmente se mantêm, mas antes, ao encararem a aflição de uma perturbação, de uma tentação e da desolação (que são coisas necessárias para que o homem suba a alta montanha da perfeição), elas vacilam e voltam atrás. Isto é um claro sinal de que elas procuravam a si mesmas, e não a Deus ou à perfeição.

19. Possa agradecer a Deus que as Almas que têm luz que foram chamadas ao caminho interior e que, por não serem constantes na desolação, na tribulação e na tentação, voltaram atrás, não sejam lançadas na escuridão exterior, com aquele que não possui a veste do matrimônio; embora ele tenha sido um servo, contudo, por não ter sido disposto, abandonou-se ao amor-próprio.

20. Este monstro deve ser derrotado. Esta besta de sete cabeças do amor-próprio deve ser decepada, para que se alcance o topo da montanha da paz. Este monstro põe em toda parte a sua cabeça. Algumas vezes nos relacionamentos, que estranhamente atrapalham com suas conversas. Algumas vezes ele surge com a boa aparência de gratidão e de passional afeição, e de total falta de restrições para com o confessor; algumas vezes em uma afeição às mais sutis vanglórias espirituais e temporais, e às finuras da honra. Todas estas coisas são muito próximas. Algumas vezes ele inclina aos prazeres espirituais, mostrando-se ávido das dádivas de Deus e de suas graças livremente dadas. Algumas vezes ele deseja excessivamente a conservação da saúde, e isto com um disfarce, para ser bem usado em seu próprio benefício e conveniências. Algumas vezes ele parece se agradecer com curiosas sutilezas; e, finalmente, ele se inclina com uma notável propensão ao seu próprio julgamento e opinião em todas as coisas. Suas raízes estão estreitamente fixadas em sua própria vontade. Todas estas coisas são efeitos do amor-próprio e, se não forem negadas, é impossível para um homem atingir o ápice da perfeita contemplação, o mais elevado, o mais feliz grau da amorosa união e o sublime trono da paz interior.

# CAPÍTULO IV

*SOBRE OS DOIS MARTÍRIOS ESPIRITUAIS, COM OS*

*QUAIS DEUS LIMPA A ALMA QUE UNE A SI MESMO*

21. Agora você deve saber que Deus usa dois caminhos para limpar as Almas que ele quer iluminadas, para uni-las mais intimamente a si mesmo. O primeiro (do qual trataremos neste e no capítulo seguinte) é o das amargas águas das aflições, das angústias, das tristezas e dos tormentos interiores. O segundo é o do ardente fogo do amor inflamado, um amor impaciente e faminto. Algumas vezes ele faz uso de ambos nestas Almas que ele quer preencher com a perfeição. Algumas vezes ele as submete a uma dura série de tribulações e de amarguras, internas e externas, queimando-as com o Fogo de rigorosas tentações. Algumas vezes ele as põe no crucifixo de um Amor ansioso e desconfiado, fazendo-as se atirarem a ele com poderoso impulso. Porque como apenas um poder como o do Senhor pode iluminar e unir a Alma, é que são tão grandes o tormento e a purgação. Todo o conhecimento e união com Deus surge do sofrimento, que é a verdadeira prova do amor.

22. Se você pudesse compreender o grande bem da tribulação! É o que destrói os pecados, limpa a Alma e produz paciência. Isto na prece a inflama, a engrandece e a coloca no exercício do mais sublime ato de caridade. Isto rejubila a Alma, a traz para perto de Deus, a chama e dá entrada para o Céu. É ela também que testa os verdadeiros servos de Deus, e os torna doces, valentes e constantes. É o que faz com que Deus os ouça com rapidez. *Ad dominum, cum tribulare, clamavi et exaudivit me.* É ela que as aniquila, refina e aperfeiçoa. Finalmente, é o que, a partir do terreno, torna as Almas celestiais; do humano, divinas; transformando-as e as unindo de uma forma admirável com a humanidade e divindade do Senhor. Foi bem dito por Santo Agostinho que a vida da Alma sobre a terra é tentação. Bendita é a Alma que é sempre contrariada, se ela resiste com constância à tentação. Este é o meio que o Senhor utiliza para humilhá-la, para aniquilá-la e a esgotar, para mortificá-la, para negá-la, para inquietá-la e a preencher com as dádivas divinas. Por este meio de tribulações e tentações ele a coroa e transforma. Convença-se de que a tentação e a luta são necessárias para que a Alma se torne perfeita.

23. Ó Alma bendita, se você souber como se manter constante e quieta no fogo da tribulação, e se deixar apenas ser lavada com as amargas águas da aflição, quão rapidamente você se encontrará rica de dádivas celestiais. Quão rapidamente a bondade divina irá fazer um rico trono em sua Alma, e uma boa habitação para que você se refresque e alivie nela!

24. Saiba que este Senhor tem o seu repouso em nenhum outro lugar além das Almas quietas, nas quais o fogo da tribulação e das tentações queimaram as borras das paixões, e as amargas águas das aflições lavaram as sujas manchas dos apetites desordenados. Em uma palavra, o Senhor não repousa em parte alguma, a não ser onde a quietude reina e o amor-próprio foi banido.

25. Mas você ou jamais chegará a este feliz estado, apesar de ter obtido o melhor dos sentidos externos pela graça de Deus, ou irá encontrar em sua Alma o precioso pendur da paz Interior, até que se torne purificado das desordenadas paixões da concupiscência, da autoestima, dos desejos e pensamentos, por mais espirituais que estes sejam, e dos muitos outros interesses e vícios secretos que se encontram em sua Alma, obstruindo miseravelmente a pacífica entrada deste grande Senhor nela, que deseja se unir e transformar com você.

26. As verdadeiras virtudes adquiridas e não purificadas são um obstáculo para esta grande dádiva de paz à Alma. Além disto, a Alma é travada pelo desordenado desejo por dádivas sublimes, pelo apetite de sentir consolação espiritual, por buscar as infusas e divinas graças, entretendo-se com elas, e desejando mais, para usufruí-las, e, finalmente, pelo desejo de grandeza.

27. Quanto há na Alma para ser purificado se esta almeja chegar à montanha santa da perfeição e da transformação com Deus! Quão disposta, despida, negada, aniquilada deve a Alma estar, para que não impeça a entrada deste divino Senhor em si, e nem a sua contínua comunicação.

28. A disposição de se preparar a Alma para a entrada do divino é fundamental, mas deve ser necessariamente realizada pela sabedoria divina. Se um serafim não é suficiente para purificar a Alma, como uma Alma que é frágil, miserável e sem experiência pode ser capaz de purificar a si mesma?

29. Portanto, o próprio Senhor irá dispô-lo e prepará-lo passivamente, através de um caminho que você não entende, com o fogo da tribulação e do tormento interior, sem qualquer outra disposição da sua parte, além do consentimento à cruz interior e exterior.

30. Você encontrará dentro de si mesmo uma aridez passiva, uma escuridão, uma angústia, e contradições, contínua resistência, deserções interiores, horríveis desolações, contínuas e fortes sugestões, e veementes tentações do inimigo. Finalmente, você se verá tão afligido, que não será capaz de erguer o seu coração, estando cheio de tristeza e peso, e nem de realizar o menor ato de fé, esperança ou caridade.

31. Você se verá desamparado e sujeito às paixões da impaciência, da ira, da raiva, do praguejar, e dos apetites desordenados, parecendo a si mesmo a mais miserável criatura, o maior pecador no mundo, o mais detestado por Deus, provado e despojado de todas as virtudes, com um sofrimento infernal, vendo-se aflito e desolado, pensando ter perdido totalmente a Deus. Este será o seu golpe mais cruel e o seu mais amargo tormento.

32. Mas, embora você se veja tão oprimido, parecendo a si mesmo ser orgulhoso, impaciente e iracundo, estas tentações irão perder a força e o poder sobre você, elas não terão mais lugar na sua Alma, e isto por uma secreta virtude e uma soberana dádiva de força interior, que rege na sua parte mais íntima, conquistando as mais terríveis punições e sofrimentos e as mais fortes tentações.

33. Seja constante. Ó Alma bendita, seja constante. Pois isto não será como você imagina, e nem você estará mais próxima de Deus do que nestes casos de deserção. Pois embora o Sol esteja oculto pelas nuvens, ainda assim ele não muda de lugar e nem perde um mínimo que seja de seu brilho. O Senhor permite esta dolorosa deserção em sua Alma para purgá-la e poli-la, para limpá-la e despir-se de você mesmo; e isto para que você possa ser todo dele, e se entregue totalmente em suas mãos, enquanto toda a sua infinita bondade é totalmente dada a você, para que você se deleite. Pois apesar de você gemer, e se lamentar, e chorar, ainda assim ele está alegre e feliz na mais secreta e oculta parte da sua Alma.



# CAPÍTULO V

*COMO É IMPORTANTE E NECESSÁRIO, PARA A ALMA INTERIOR,*

*SOFRER CEGAMENTE ESTE PRIMEIRO MARTÍRIO ESPIRITUAL*

34. Com a finalidade de se tornar a Alma terrena celestial, e de se vir a este bem maior que é a união com Deus, é necessário que a Alma seja purificada no fogo da tribulação e da tentação. Embora seja uma máxima verdadeira, conhecida e provada que todos os que servem ao Senhor devem sofrer problemas e perseguições e tribulações, ainda assim as Almas felizes que são guiadas por Deus, através do caminho secreto da caminhada interior e da contemplação purgativa, devem sofrer ainda mais fortes e horríveis tentações, e tormentos mais amargos, do que os com que os mártires foram coroados na igreja primitiva.

35. Os mártires, apesar da rapidez dos seus tormentos, que dificilmente duravam mais do que alguns dias, eram confortados com uma clara luz e um auxílio especial, na esperança de uma recompensa clara e certa. Mas a Alma desolada que deve morrer em si mesma, que retira e limpa o seu coração, vê-se abandonada por Deus, cercada por tentações, escuridão, angústias, aflições, sofrimentos e rígidos e áridos provares da morte, estando a todo momento em dolorosos tormentos e em tremenda desolação, sem sentir o menor conforto. Trata-se de uma aflição tão grande que a dor desta parece ser nada mais do que uma morte prolongada e um martírio contínuo. Portanto, com grande razão pode ser dito que, embora tenham existido muitos mártires, ainda assim existem poucas Almas que seguem Cristo nosso Senhor com paz e resignação nestes tormentos.

36. Foram homens que os martirizaram. Mas Deus confortava as suas Almas. Agora é Deus que aflige e se oculta, e os demônios, como cruéis executores, têm mil maneiras de atormentar a Alma e o Corpo, o homem sendo inteiramente crucificado por dentro e por fora.

37. Os seus sofrimentos parecerão insuperáveis e as suas aflições além do poder do conforto, e que o céu não faz mais chover sobre você. Você se verá cercado pelo pesar e sitiado por tristezas interiores, pelas trevas das suas faculdades e pela fragilidade dos seus discursos. Fortes tentações, dolorosas descrenças e problemáticos escrúpulos irão afligi-lo. Nenhuma luz ou julgamento irá ajudá-lo.

38. Todas as criaturas lhe trarão aborrecimentos. Conselhos espirituais lhe serão dolorosos. A leitura de livros, por mais santos que sejam, não o confortará como de hábito. Se lhe falarem de paciência, o perturbarão extraordinariamente. O medo de perder a Deus por sua ingratidão e a necessidade de retorno irá atormentar a sua Alma.

Se você gemer e implorar o auxílio de Deus, você irá encontrar reprovação e desfavorecimento, ao invés de conforto, como se deu com outra mulher cananeia, a quem ele não deu nenhuma resposta de início, e depois a tratou como à criatura de que ele estava a falar.

39. E, embora neste momento, Deus não vá abandoná-lo, porque seria impossível viver um momento sequer sem a sua ajuda, ainda assim o socorro será tão secreto que a sua Alma não irá percebê-lo, ou ser capaz de esperança e consolação. Não, ela parecerá estar sem salvação, assim como as pessoas condenadas, e irá sofrer as dores do inferno (*Circumdederunt ut dolores mortis, & pericula inferni invenerunt me*, Sl. 114). Para tais pessoas, se uma violenta morte lhes mudasse o estado, isto seria um grande conforto. Mas (como acontece a esses) o fim de tais aflições e amarguras parecerá impossível.

40. Mas se você, ó Alma bendita, soubesse o quanta é amada e protegida por este divino Senhor, no meio dos seus vivos tormentos, você os acharia tão doces que seria preciso um milagre de Deus para que você continuasse a viver. Seja constante. Ó Alma feliz, seja constante e tenha boa coragem. Pois, por mais intolerável que você seja a si mesma, ainda assim você será protegida, enriquecida e amada pelo bem maior, como se ele não tivesse mais nada a fazer além de levá-la à perfeição, através dos altos passos do amor. Se você não desistir, mas perseverar com constância, sem abandonar o seu objetivo, saiba que você oferece a Deus o mais aceitável dos sacrifícios. Se este Senhor fosse capaz de sentir dor, mesmo assim ele não descansaria até ter completado esta amorosa união com a sua Alma.

41. Se a partir do caos do nada a sua onipotência produziu tantas maravilhas, o que fará ele em sua Alma, criada a sua imagem e semelhança, se você se mantiver constante, quieto e resignado, com o verdadeiro conhecimento de sua nulidade? Feliz a Alma que, mesmo quando perturbada, aflita e desconsolada, mantém-se firme, sem buscar o conforto exterior.

42. Não se aflija demais e nem se inquiete, porque estes afiados martírios podem continuar. Persevere na humildade e não saia de si em busca de auxílio. Pois todo o benefício consiste em estar silente, suportando, e mantendo a paciência com descanso e resignação. Aí você encontrará a força divina para ultrapassar tão dura contenda. Ele está dentro de você e luta por você. Ele é a própria força.

43. Quando você chegar a este doloroso estado de aterradora desolação, o choro e a lamentação não estarão proibidos à sua Alma, desde que, em sua parte superior, ela se mantenha resignada. Quem pode suportar a pesada mão de Deus sem lágrimas e lamentações? Mesmo este grande campeão, Jó, mesmo ele se lamentou. Assim fez Cristo nosso Senhor, em seu desamparo. Mas as suas lágrimas eram acompanhadas de resignação.

44. Não se aflija, embora Deus possa crucificá-lo e testar a sua fidelidade. Imite a mulher de Canaã que, ao ser rejeitada e injuriada, importunou e perseverou, humilhando-se diante dele, embora fosse tratada como foi. É preciso beber da taça e não desistir. Se as escamas fossem tiradas dos seus olhos, como o foram com São

Paulo, você veria a necessidade do sofrimento e da glória, como ele fez. Ele estimava mais ser crucificado do que ser apóstolo.

45. A sua boa fortuna consiste em não se deleitar, mas em sofrer com quietude e resignação. Santa Teresa apareceu, após a morte dela, a certa Alma e lhe disse que ela havia sido recompensada apenas por sua dor. Ela não havia recebido um grão de recompensa pelos muitos êxtases e revelações e confortos que havia desfrutado no mundo.

46. Embora este doloroso martírio, esta horrível desolação e esta passiva purgação sejam tão tremendos, que com razão recebem o nome de inferno entre os místicos divinos (por parecer ser impossível viver um momento sequer em tão cruel tormento, é dito, com grande razão, que aquele que o sofre, vive morrendo, e morre vivendo, em uma morte lenta), ainda assim saiba que é necessário que isto dure para que se alcance a doce, alegre e abundante riqueza da alta contemplação e da amorosa união. Não existe Alma santa que não tenha passado por este martírio espiritual e por este doloroso tormento. Nos dois últimos meses da sua vida o suportou o Papa São Gregório; por dois anos e meio, São Francisco de Assis; por cinco anos Santa Maria Maudlin de Pazzi; por quinze anos Santa Rosa de Peru, e após tantos milagres, que espantaram ao mundo, São Dominique os sofreu até meia hora antes de sua feliz partida.



# CAPÍTULO VI

## *CONTINUA O MESMO ASSUNTO*

47. O outro, mais proveitoso e meritório, martírio das Almas já avançadas na perfeição e na contemplação profundas, é um fogo de amor divino que queima a Alma e a faz sofrer com este mesmo amor. Às vezes, a ausência do seu amado a aflige. Às vezes, o doce, ardente e bem-vindo peso da amorosa e divina presença a atormenta. Este doce martírio sempre a faz suspirar, às vezes por desfrutar e ter o amado pelo prazer de tê-lo, outras vezes, se ele não se manifesta, pela ardente ansiedade de procurá-lo, encontrá-lo e se alegrar com ele; tudo isto é desejar, sofrer e morrer por amor.

48. Possa você vir a receber a contrariedade dos acidentes que uma Alma enamorada sofre! O combate, por um lado, tão terrível e forte; mas tão doce, brando e amistoso, pelo outro! O martírio tão penetrante e afiado com o qual o amor atormenta; e a cruz tão dolorosa e doce, que nunca irás pensar em dela se libertar enquanto viver!

49. Tanto quanto aumentam a luz e o amor, aumenta também o pesar, ao ver ausente este bem a que tanto ama. Senti-lo próximo é alegrar-se; e nunca tê-lo conhecido e possuído, consome a sua vida. Ele tem comida e água próximas de sua boca, mas, ao mesmo tempo em que as deseja, não pode se satisfazer. Ele se vê tragado e afogado no oceano do amor, enquanto a poderosa mão que pode salvá-lo está perto; e, mesmo assim, ela não o faz; nem sabe ele quando irá vir, aquele que ele tanto deseja.

50. Algumas vezes ele ouve a voz interior do seu amado que o corteja e chama; e um suave e delicado sussurro que vem do secreto da sua Alma, aonde reside, que o penetra fortemente, como se fosse derretê-lo e dissolvê-lo, ao ver o quão próximo ele o tem dentro de si mesmo, e quão longe ele se encontra, pois não pode vir a possuí-lo. Isto o intoxica, o humilha, o assusta e o enche com insatisfação. Por isto é dito que o amor é forte como morte, pois ele mata como ela o faz.



# CAPÍTULO VII

## *A MORTIFICAÇÃO INTERIOR E A PERFEITA RESIGNAÇÃO*

### *SÃO NECESSÁRIAS PARA SE OBTER A PAZ INTERIOR*

51. A mais sutil flecha que é lançada pela natureza contra nós o é para nos induzir aquilo que é ilegal, com a pretensão de que seja necessário e útil. Quantas Almas deixaram-se levar, e perderam o espírito, por causa desta pecaminosa armadilha! Você jamais provará o delicioso maná [*Quod nemo novit, nisi qui accipit*, (Apoc. cap. 2.)] a não ser que vença com perfeição a si mesmo, até morrer para si. Aquele que não se esforça para morrer para as suas paixões, não está adequadamente disposto para receber a dádiva do entendimento, pois carece da infusão, sem a qual é impossível que se entre em si mesmo, e seja mudado em seu espírito. Portanto, aquele que as mantém nada terá disto.

52. Nunca se inquiete por causa de qualquer acidente, pois a inquietação é a porta pela qual o inimigo penetra na Alma para roubar a sua paz.

53. Resigne-se e negue-se completamente. Pois embora a autonegação seja difícil no início, ela é fácil no meio e se torna doce no fim.

54. Você se encontrará longe da perfeição, se não vir Deus em todas as coisas.

55. Saiba que o amor puro, perfeito e essencial consiste da cruz da autonegação e da resignação, na perfeita humildade, na pobreza de espírito e em uma humilde opinião de si mesmo.

56. No momento da forte tentação, da deserção e da desolação, é necessário que você se aproxime do seu centro, para que possa olhar e contemplar Deus, que mantém o seu trono e a sua abóbada no profundo da sua Alma.

57. Você encontrará impaciência e amargura de coração crescendo do fundo do amor sensível, vazio e mortificado.

58. O verdadeiro amor é conhecido com os seus efeitos quando a Alma está profundamente humilde, e deseja realmente ser mortificada e desprezada.

59. Existem muitos que, por mais que tenham se dedicado à prece, não tiveram ainda nenhum sabor de Deus. Ao fim de suas preces, eles não se encontram mortificados, e nem atentam mais para Deus. É preciso conseguir esta pacífica e contínua atenção, para que se alcance uma grande pureza de mente e coração, uma grande paz da Alma, e uma resignação universal.

60. Para os simples e mortificados a recreação dos sentidos é um tipo de morte. Eles não buscam isto, a não ser que sejam compelidos pela necessidade e pela edificação dos seus próximos.

61. Você descobrirá que o fundo da sua Alma é o seu lugar de felicidade. Lá, o Senhor nos mostra maravilhas. Lá, nós nos engolfamos e nos perdemos no imenso oceano da infinita bondade, no qual nos mantemos fixos e imóveis. Lá reside a incomparável fruição de nossa Alma e o seu eminente e doce descanso. Uma Alma humilde e resignada, que chega a esta profundidade, nada mais busca além de agradar a Deus. O santo e vivo espírito lhe ensina todas as coisas com a sua doce e vitalizante unção.

62. Entre os santos existem alguns gigantes com os quais Deus tomou grande cuidado, para que continuamente sofressem com paciência as indisposições do corpo. Mas altas e soberanas são as dádivas de quem, pela força do Espírito Santo, suporta as cruces, tanto interiores quanto exteriores, com contentamento e resignação. Este é o tipo de santidade que, tanto quanto mais rara, mais preciosa é aos olhos de Deus. Os espiritualizados, que andam neste caminho, são raros. Existem poucos no mundo que totalmente negam a si mesmos, para seguirem a Cristo crucificado, com simplicidade e pobreza de espírito, através dos caminhos espinhosos e barrentos da cruz, sem refletirem sobre si mesmos.

63. Uma vida de autonegação está acima de todos os milagres dos santos. Ela não sabe se vive ou se está morta, perdida ou encontrada; se ela concorda ou resiste. Esta é a verdadeira e resignada vida. Mas, embora possa demorar um longo tempo até você alcançar este estado, e você não deve pensar que já deu sequer um passo em sua direção, mesmo assim não se assuste com isto. Pois Deus costuma conferir à Alma, em um momento, aquilo que lhe negou por muitos anos.

64. Aquele que deseja como que vendado, sem o conforto de Deus e das criaturas, é levado muito adiante para poder resistir às injustas acusações que os seus inimigos lhe fazem, mesmo na mais aterradora e interior desolação.

65. O homem espiritualizado vive por Deus, e nele. Ele está interiormente contente em meio as suas adversidades, porque a cruz e a aflição são a sua vida e o seu deleite.

66. A tribulação é o maior tesouro pelo qual Deus confere honra àqueles que são seus nesta vida. Portanto, homens maus são necessários para aqueles que são bons. E assim também são os demônios, que nos afligindo buscam a nossa ruína. Mas ao invés de nos prejudicarem, eles nos fazem o maior bem imaginável.

67. Deve haver tribulação para que a vida de um homem se torne aceitável a Deus. Sem isto, ela é como o corpo sem a Alma, a Alma sem a graça, a Terra sem o Sol.

68. Com o vento da tribulação Deus separa o joio do trigo no chão da Alma.

69. Quando Deus o crucifica no mais íntimo da Alma, nenhuma criatura pode confortá-lo. Não, os confortos são cruces cruéis e amargas para ele. E se ele for bem

instruído, nas leis e na disciplina dos caminhos do amor puro, nos momentos de grande desolação e tormentos interiores ele não procurará entre as criaturas o seu conforto, nem se lamentará com elas, e nem conseguirá ler livros espirituais. Esta é uma via secreta para se distanciar dos sofrimentos.

70. Deve-se ter pena destas Almas que não conseguem encontrar em seus corações a crença de que a tribulação e o sofrimento são as suas maiores Bênçãos. As que são perfeitas devem estar sempre desejosas de se abater e sofrer, estando sempre em um estado de morte e sofrimento. Vão é o homem que não sofre. Ele nasce para trabalhar e sofrer, mas ainda mais o são os amigos e escolhidos de Deus.

71. Desengane-se, e creia que para que a sua Alma seja totalmente transformada com Deus, é necessário que ela esteja perdida e negada nesta sua vida, nos sentidos, no conhecimento e poder: e que morra, vivendo; e não viva, morrendo e não morrendo; sofrendo, e não sofrendo; resignando-se e não resignando-se, sem refletir sobre qualquer coisa.

72. Nos seus seguidores a perfeição não recebe nenhuma glória, a não ser o fogo e o martírio, pesares, tormentos, punições e desprezo, sofrendo e suportando com valentia e coragem. Aquele que almeja ter algum lugar para apoiar o seu pé e descansar, e não vai além da razão e dos sentidos, nunca entrará na câmara secreta do conhecimento. De qualquer forma, pela leitura ele talvez prove e saboreie algo deste entendimento.



# CAPÍTULO VIII

## *CONTINUA O MESMO ASSUNTO*

73. Você deve saber que o Senhor não irá se manifestar em sua Alma até que ela negue a si mesma e mate os seus sentidos e faculdades. Nem se manifestará jamais até que esteja perfeitamente resignada. Ela deve resolver estar só com Deus, fazendo uma consideração equilibrada das suas dádivas e das suas imperfeições, da sua luz e das suas trevas, da sua paz e da sua guerra. Em suma, para que a Alma chegue a uma quietude perfeita e à suprema paz interior, ela deve primeiro morrer para si mesma, e viver apenas em Deus e para ele. Quanto mais morta ela estiver em si mesma, mais ela conhecerá a Deus. Se ela não se voltar para estas contínuas negações de si mesma e mortificação interior, ela nunca chegará a tal estado, e nem preservará Deus dentro de si. Então ela estará continuamente sujeita aos acidentes e paixões da mente, tais como o julgar, o murmurar, o ressentir-se, o desculpar, o defender, e o manter a sua honra e reputação, que são inimigos da perfeição, da paz e do espírito.

74. Saiba que a diversidade de estados entre os que estão espiritualizados consiste apenas em parecer morrer; mas nos felizes que morrem continuamente, Deus tem a sua honra, as suas bênçãos e o seu deleite neste mundo.

75. Grande é a diferença que existe entre fazer, sofrer e morrer. Fazer é deleitoso e pertence aos iniciantes. Sofrer com desejo pertence aos que são proficientes. Morrer sempre em si mesmo pertence aos que são completos e perfeitos, de cujo total existem muito poucos aqui embaixo.

76. Quão feliz você será se não tiver nenhum outro pensamento além de morrer em si mesmo! Você então se tornará não apenas vitorioso sobre os seus inimigos, mas também sobre si mesmo. Nessa vitória você certamente irá encontrar o amor puro, a paz perfeita e a sabedoria divina.

77. É impossível para um homem pensar e viver misticamente em um simples entendimento da infusa e divina sabedoria, se ele primeiro não morrer em si mesmo, através da total negação dos sentidos e dos apetites racionais.

78. A verdadeira lição do homem espiritual, que você deve aprender, é deixar todas as coisas em seu lugar, e não se envolver com nenhuma, mas se limitar apenas aquilo que o seu ofício o obriga. A Alma que deixa todas as coisas para encontrar Deus começa a encontrar na eternidade tudo o que procura.

79. Existem algumas Almas que procuram repouso. Outras têm o seu prazer sem o procurar. Outras têm o prazer na dor. E outras pela dor procuram. As primeiras

nada fazem de bom; as segundas estão no caminho que leva a ele; as terceiras correm, e as últimas voam.

80. A falta de estima pelos deleites e a consideração pelos seus tormentos são a propriedade de um homem verdadeiramente mortificado.

81. O gozo e a paz interior são os frutos do espírito divino. Nenhum homem entra em sua possessão se no íntimo de sua Alma ele não for um homem resignado.

82. Você vê que os desprazeres dos bons acabam por passar, mas para os que se esforçam para nunca os ter, eles nunca cessam. Pois eles danificam as suas saúdes, perturbam as suas razões e inquietam os seus espíritos.

83. Entre outros santos conselhos que você deve observar, lembre-se do seguinte: Não olhe para as faltas dos outros homens, mas para as suas próprias. Mantenha silêncio com uma conversação interior e contínua. Mortifique-se em todas as coisas e em todas as horas, e por este meio você irá se libertar de muitas imperfeições, e irá se tornar o comandante de grandes virtudes.

84. Mortifique-se em nunca julgar mal a qualquer pessoa. A suspeita sobre os seus próximos perturba a pureza do coração, o descompõe, traz a Alma para fora e tira-lhe o seu repouso.

85. Você nunca terá uma resignação perfeita se ligar para assuntos humanos e refletir sobre o pequeno ídolo de que as pessoas falam. A Alma que anda no caminho interior irá logo perder-se, uma vez que venha a argumentar contra as criaturas no comércio ou na conversação com elas. Não existe nenhuma outra razão além de não atentar para a razão, mas sim imaginar que Deus permite que os pesares caiam sobre nós, para nos humilhar e aniquilar, e nos fazer viver totalmente resignados.

86. Contemple como Deus tem mais consideração pela Alma que vive interiormente resignada do que por outra que realiza milagres, mesmo que seja o erguer dos mortos.

87. Existem muitas Almas que, embora se exercitem na prece, e por não estarem mortificadas, são sempre imperfeitas e cheias de amor-próprio.

88. Tenha como uma máxima verdadeira que ninguém pode causar pesar ou injúria a uma Alma desprezada por si mesma, e que nada tem em sua própria consideração.

89. Finalmente, tenha esperança, seja silencioso e paciente. Não deixe nada assustá-lo. Tudo isto terá um tempo para acabar. Apenas Deus é imutável. A paciência traz tudo para o homem. Aquele que tem Deus tem todas as coisas. E aqueles que não o têm, nada têm.

## CAPÍTULO IX

*PARA SE OBTER A PAZ INTERIOR É NECESSÁRIO QUE A ALMA CONHEÇA A SUA MISÉRIA*

90. Se a Alma não caísse em algumas faltas, ela nunca iria entender a sua própria miséria, embora ela ouça os homens falarem e leia livros espirituais. Nem pode ela jamais obter a preciosa paz se não conhecer primeiro a sua própria e miserável fraqueza. É difícil indicar o remédio onde não se conhece claramente o defeito. Deus o fará incorrer em alguma falta, algumas vezes em outra, para que com este conhecimento de si mesmo, vendo-se cair com tanta frequência, você possa acreditar que é um mero nada, pois é nisto que o conhecimento e a crença, a verdadeira paz e a perfeita humildade se fundamentam. Para que você possa melhor procurar em seu mistério e ver o que você é, eu tentarei lhe desenganar em algumas de suas muitas imperfeições.

91. Você é tão rápido e ligeiro, que tropeça quando anda ou tem o seu caminho obstruído. Você sente então o próprio inferno. Se você é negado no que lhe é devido, ou se o seu prazer é impedido, você imediatamente se anima com um ardente ressentimento. Se você espia a falta de um próximo, ao invés de se apiedar ou de pensar que você pode cometer o mesmo erro, você indiscretamente o condena. Se você vê algo que lhe é conveniente e não pode obter, você se torna triste e cheio de pena. Se você recebe uma leve injúria do seu próximo, você o reprova e queixa-se dele. Portanto, por qualquer bobagem você se descompõe interna e externamente, e perde a si mesmo.

92. Você tenta ser paciente com alguém, mas se a impaciência ainda persiste, você coloca a culpa sobre o seu companheiro, sem perceber que você é que é intolerável a si mesmo. Quando o rancor passa, você habilmente volta a se fazer de virtuoso, mostrando documentos e proferindo ditos espirituais com artifícios de saber, sem corrigir as suas faltas passadas. Embora você condene voluntariamente a si mesmo, reprovando as suas faltas diante dos demais, ainda assim você o faz mais para justificar-se diante daquele que presencia as suas faltas, para poder retornar refrescado à sua autoestima anterior, do que para aprimorar a perfeita humildade.

93. Em outras ocasiões, você alega sutilmente que não é por falta, mas sim por zelo de justiça, que você discute com o seu próximo. Você crê na maior parte do tempo que é virtuoso, constante e corajoso, ao ponto de entregar a sua vida nas mãos de um tirano, apenas por causa do amor divino. Entretanto, você não consegue ouvir a menor palavra de raiva, sem imediatamente se afligir e perturbar e se inquietar. Estes todos são os industriosos engenhos do amor-próprio e do orgulho secreto de sua Alma.

Saiba, portanto, que o amor-próprio reina em você, e isto à custa da preciosa paz, da qual é o maior obstáculo.

# CAPÍTULO X

*NO QUAL É MOSTRADO E REVELADO O QUE É A FALSA HUMILDADE,  
E O QUE É A VERDADEIRA; E QUAIS SÃO OS SEUS EFEITOS*

94. Você deve saber que existem dois tipos de humildade, uma falsa e calculada, e outra verdadeira. A falsa é a dos que, como a água que deve subir, recebem uma falsa queda e uma submissão artificial, apenas para novamente se erguerem. Estes evitam a estima e a honra, para que possam parecer humildes. Eles dizem serem maus, para que pareçam bons. Embora eles conheçam as suas próprias misérias, eles detestam que outros as conheçam. Isto é humildade dissimulada e fingida e nada mais do que secreto orgulho.

95. A verdadeira humildade é a dos que dela fizeram um hábito perfeito. Estes nunca pensam nela, mas julgam-se com humildade. Eles fazem coisas com coragem e paciência. Eles vivem e morrem em Deus. Eles não ligam para si mesmos ou para as criaturas. Eles são constantes e quietos em todas as coisas. Eles suportam a molestação com alegria, desejando mais dela, para que possam imitar o seu querido e desprezado Jesus. Eles cobiçam serem considerados insignificantes e tolos pelo mundo. Eles se contentam com o que Deus lhes dá, e estão convencidos de suas faltas com uma agradável vergonha. Eles não se humilham pelo conselho da razão, mas pela afeição da vontade. Não existe honra pela qual procurem, nem injúria que os perturbe, e nem problema que os envergonhe; nenhuma prosperidade os faz orgulhosos. Eles são sempre imóveis em suas nulidades e estão em si mesmos na paz absoluta.

96. E para que você se habitue com a verdadeira e interior humildade, saiba que esta não consiste de atos exteriores, em se tomar o último lugar, em vestir roupas pobres, em falar submissamente, em fechar os olhos, em suspirar afetadamente, e nem em condenar os seus feitos, chamando-se de miserável, para dar a entender aos outros que você é humilde. Ela consiste apenas em desprezar a si mesmo e no desejo de ser desprezado, com um simples e profundo conhecimento, sem ligar para si mesmo, ou se você é considerado humilde ou não, mesmo se um anjo revelar isto a você.

97. A torrente de luz, com qual o Senhor com suas Graças ilumina a Alma, realiza duas coisas. Ela descobre a grandeza de Deus e, ao mesmo tempo, faz a Alma conhecer o seu próprio fodor e miséria. Tanto quanto nenhuma Língua é capaz de expressar a profundidade na qual esta é então submergida, é desejável que todos conheçam a sua humildade. Esta está tão afastada da vã glória e da complacência, a ponto de ver esta graça de Deus como sonda simplesmente vinda da sua bondade, e não se devendo a nada mais além de sua misericórdia, com a qual ele se agrada de dela se apiedar.

98. Você nunca será ferido por homens ou Demônios, mas por você mesmo, por seu próprio orgulho e pela violência de suas paixões. Cuide de si mesmo, pois você é o maior Diabo que você mesmo enfrenta.

99. Não se preocupe em ser estimado quando o próprio Deus encarnado foi chamado de tolo, de bêbado, e apontado como sendo o próprio Diabo. Tal é a tolice dos Cristãos ao desejarem desfrutar da felicidade sem querer imitá-lo na cruz, na reprovação, na humildade, na pobreza, e em todas as outras virtudes!

100. O homem verdadeiramente humilde está em descanso e tranquilidade em seu coração. Lá ele enfrenta a provação de Deus, dos homens e do próprio Diabo, mantendo-se acima de toda razão e discricção, em paz e quietude, procurando pelo puro prazer de Deus com toda a sua humildade, tanto na vida quanto na morte. As coisas o incomodam tanto quanto se não existissem. A cruz e mesmo a morte são deleitosas para ele, embora ele não faça disto uma demonstração exterior. Mas, oh, de quem falamos nós? Pois poucos deste tipo de homem humilde existem no mundo!

101. Esperança, desejo e sofrimento, e morrer sem que ninguém o saiba. Pois nisto consiste o humilde e perfeito amor. Quanta paz você encontrará em sua Alma se você se humilhar profundamente, e mesmo abraçar o desprezo!

102. Você jamais estará perfeitamente humilde, mesmo que você conheça a sua miséria, a não ser que você deseje que todos os homens a conheçam. Então você evitará elogios, abraçará as injúrias, desprezará tudo o que cause uma boa impressão, mesmo que para você mesmo. Se qualquer tribulação cair sobre você, não culpe ninguém por isto. Pense que ela vem da mão de Deus, o doador de todo bem.

103. Se você puder suportar as faltas do seu próximo, volte o seu olhar para as suas próprias. Se você julga ter feito por si mesmo qualquer progresso na perfeição, saiba que você não é nada humilde, e nem deu um passo sequer no caminho do espírito.

104. Os graus da humildade são as qualidades do corpo na sepultura. Ou seja, estar no lugar mais baixo, enterrado como um morto, fedendo, estando corrompido, se tornando pó, e nada podendo fazer por conta própria. Finalmente, se você for abençoado, aprenda a desprezar-se e a ser desprezado pelos outros.

# CAPÍTULO XI

## *MÁXIMAS PARA SE CONHECER UM CORAÇÃO SIMPLES, HUMILDE E VERDADEIRO*

105. Encoraje-se a ser humilde, abraçando as tribulações como sendo instrumentos para o seu bem; rejubile-se no desprezo e no desejo de que Deus possa ser o seu único refúgio, conforto e proteção.

106. Ninguém, por maior que seja neste mundo, pode ser maior do que aquele que está sob o olhar e o favorecimento de Deus. Portanto, o homem verdadeiramente humilde despreza tudo o que está no mundo, mesmo a si mesmo. Ele coloca toda a sua confiança e repouso em Deus.

107. O homem verdadeiramente humilde sofre quietamente e pacientemente os tormentos interiores, e ele é o homem que muito avança em pouco tempo, como aquele que veleja a favor do vento.

108. O homem verdadeiramente humilde encontra Deus em todas as coisas. Qualquer desprezo, injúria ou afronta que venha a ele através das criaturas, ele recebe com grande paz e quieta paz interior, como se fossem enviadas pela mão divina, e muito ama o instrumento com o qual Deus o testa.

109. Ainda não atingiu a profunda humildade o que se alegra com elogios, mas sim o que não os deseja, não os busca, mas antes os evita, porque, para um coração humilde, os elogios são as cruces mais amargas, embora ele se mantenha totalmente quieto e imóvel diante deles.

110. Não tem humildade interior aquele que não se aborrece com um mortal, mas guarda um pacífico e quieto rancor. Não chegará nunca a possuir este tesouro quem não tiver um simples e profundo conhecimento da sua própria vilania, podridão e miséria.

111. Aquele que se entrega a desculpas e réplicas não tem um coração simples e humilde, especialmente se ele o faz com os seus superiores. As réplicas surgem de um orgulho secreto que reina na Alma, e dele vem a sua total ruína.

112. A perfídia supõe pouca submissão e esta menos humildade. Juntas, elas são o combustível da inquietação, da discórdia e da perturbação.

113. O coração humilde não se inquieta com as imperfeições, embora estas causem pesar à Alma. Elas são contra o seu amoroso Senhor. Ele não se preocupa por não poder fazer grandes coisas, pois ele está sempre em sua própria miséria e nulidade. Não, ele se espanta por poder fazer qualquer coisa virtuosa e agradece imediatamente

ao Senhor, com o verdadeiro conhecimento de que é Deus quem a faz, e permanece insatisfeito com o que ele próprio faz.

114. O homem verdadeiramente humilde, embora tudo veja, ainda assim não busca julgar nada, porque ele considera mal apenas ele mesmo.

115. O homem verdadeiramente humilde sempre encontra uma desculpa para defender aquele que o mortifica, ao menos a de uma boa intenção. Quem se irritaria com um homem de boa intenção?

116. A falsa humildade desagrada a Deus tanto quanto o faz o verdadeiro Orgulho (não, ainda mais!). Além de tudo, trata-se de hipocrisia.

117. Embora tudo dê errado para ele, ainda assim o homem verdadeiramente humilde não se inquieta e nem se aflige. Ele está preparado e pensa que não merece menos do que isto. Ele não se inquieta com os pensamentos tumultuados com que o Diabo procura atormentá-lo, nem com as tentações, tribulações e deserções, mas antes conhece o seu desmerecimento, e sabe que o Senhor o castiga através do Diabo, e que este é um mero instrumento. Tudo o que ele sofre lhe parece ser nada, e ele nada faz que julgue ser digno de grande consideração.

118. Embora nada o perturbe, sendo alguém que detesta a si mesmo, por conhecer a sua imperfeição em todas as coisas, a sua ingratidão e miséria, ainda assim ele alcançou uma humildade perfeita e interior, e suporta uma grande cruz ao suportar a si mesmo. Este é o sinal pelo qual se conhece a verdadeira humildade do coração. Mas a feliz Alma, que chega a este santo ódio de si mesma, vive submersa, tragada e engolida pelas profundezas de sua própria nulidade. Disto a ergue o Senhor, ao lhe comunicar a sabedoria divina, preenchendo-a com luz, paz, tranquilidade e amor.

# CAPÍTULO XII

## *A SOLIDÃO INTERIOR É O QUE MAIS APROXIMA UM HOMEM DA OBTENÇÃO DA PAZ INTERIOR*

119. Saiba que embora a solidão exterior muito ajude a se obter a paz interior, ainda assim não foi a ela que o Senhor se referiu quando falou ao seu profeta (Hos. 2. 14): “Eu o trarei à solidão, e falarei privadamente com ele.” Mas ele se referiu à solidão interior, que conduz à obtenção da preciosa joia de paz interior. A solidão interior consiste em se esquecer de todas as criaturas, em se desligar delas, em um perfeito despir-se de todas as afeições, desejos, pensamentos e da própria vontade. Esta é a verdadeira solidão na qual a Alma repousa com uma doce e interna serenidade, nos braços do seu bem principal.

120. Que infinito espaço existe na Alma que alcançou a solidão divina! Quão internas, retiradas, secretas, espaçosas e vastas distâncias existem na feliz Alma, uma vez que se tornou verdadeiramente solitária! Lá Deus conversa e se comunica interiormente com a Alma. Lá ele a preenche consigo mesmo. Por estar ela vazia, ele a veste com luz e com o seu amor. Por estar ela despida, ele a levanta. Porque está rebaixada, ele se une a ela. Ele a transforma, porque ela está só.

121. Ó deleitosa solidão, e doadora de eternas bênçãos! Ó espelho onde o pai eterno é sempre contemplado, existe uma grande razão para se lhe chamar de Solidão, Pois você é tão só que dificilmente se encontra uma Alma que a busque, que a ame e conheça. Ó Divino Senhor, como pode ser que as Almas não deixem a terra para ir a esta glória! Como pode ser que percam tão grande bem apenas por amor e desejo às coisas criadas! Alma bendita, quão feliz você seria, se ao menos abandonasse tudo por Deus! Busque apenas a Ele. Não suspire por outro que não ele. Que ele apenas esteja na sua mira. Não deseje nada, e então nada poderá perturbá-lo. E se você desejar qualquer bem, por mais espiritual que seja, que seja de uma maneira pela qual você não se inquiete, se o perder.

122. Se, com esta liberdade você entregar a sua Alma a Deus, deixando o mundo livre e só, você será a mais feliz criatura sobre a face da terra. O mais alto tem a sua secreta habitação nesta santa solidão. Neste deserto e neste paraíso, a conversação com Deus é desfrutada, e é apenas neste recolhimento interior que a maravilhosa, poderosa e divina voz é ouvida.

123. Se você for entrar neste paraíso na terra, esqueça todo cuidado e todo pensamento; saia de si mesmo para que o amor de Deus possa viver em sua Alma.

124. Viva o quanto for possível abstraído das criaturas. Dedique-se totalmente ao seu criador e ofereça-se em sacrifício, com paz e quietude de espírito. Saiba que quanto mais a Alma se despe, mais ela entra nesta solidão interior, e se torna vestida com Deus. Quanto mais solitária e vazia de si a Alma se tornar, mais o espírito divino a preencherá.

125. Não existe uma vida mais abençoada do que a solitária. Nesta feliz existência, Deus se dá todo para a criatura, e a criatura toda a Deus por uma íntima e doce união de amor. Quão poucos existem que chegam a saborear esta verdadeira solidão.

126. Para tornar a Alma verdadeiramente solitária, é preciso se esquecer de todas as criaturas, e até de si mesmo. De outra forma nunca se estará apto para se aproximar de Deus. Muitos homens abandonam e esquecem todas as coisas, mas não deixam os seus próprios gostos, as suas vontades, e a si mesmos não esquecem. Por isto os verdadeiramente solitários são poucos. Se a Alma não se afasta dos seus próprios apetites e desejos, e da sua própria vontade, das dádivas espirituais e do repouso no próprio Espírito, ela não pode nunca alcançar esta alta felicidade da solidão interior.

127. Avance, Alma bendita! Avance sem parar em direção a esta abençoada solidão interior. Veja como Deus a chama para entrar em seu centro interior, onde ele irá renová-la, mudá-la, vesti-la e lhe mostrar um novo e celestial reino, cheio de alegria, paz, contentamento e serenidade.

## CAPÍTULO XIII

### *NO QUAL É MOSTRADO O QUE É A CONTEMPLAÇÃO INFUSA E PASSIVA, E QUAIS SÃO OS SEUS MARAVILHOSOS EFEITOS*

128. Você deve saber que quando a Alma está habituada ao recolhimento interior e adquiriu a contemplação de que falamos, quando está mortificada, e deseja totalmente ser negada em seus apetites, quando eficazmente abraça a mortificação interior e exterior, e deseja morrer de coração para as suas paixões e para os seus julgamentos, então Deus costuma torná-la sozinha, erguendo-a além do que ela conhece, para um repouso completo, onde ele, doce e internamente, infunde a sua luz, o seu amor e a sua força, acendendo-a e inflamando-a com a verdadeira disposição para todas as formas de virtude.

129. Lá o divino esposo, suspendendo todos os seus poderes, a adormece em um muito doce e agradável repouso. Lá ela adormece e quietamente recebe e desfruta (sem o saber) aquilo com a mais adorável e encantadora Calma. Lá a Alma é erguida e elevada a este Estado passivo, torna-se unida ao seu maior bem, sem que esta união lhe custe qualquer tribulação ou dor. Lá, nesta suprema região e sagrado templo da Alma, este bem maior tem a sua complacência, manifesta-se e cria um gozo da criatura, de uma forma além de todo senso e entendimento humano. Lá também, o único espírito puro que é Deus (a pureza da Alma sendo incapaz de coisas sensíveis) a rege, e toma o seu controle, comunicando-lhe os seus esclarecimentos e os sentimentos lentos que são necessários a mais pura e perfeita união.

130. A Alma, voltando a si destes doces e divinos enlaces, se torna rica em luz e amor, com uma alta estima pela grandeza divina e tendo o conhecimento de sua própria miséria. Ela se encontra divinamente mudada, disposta ao enlace, ao sofrimento e à prática da perfeita virtude.

131. Portanto, uma simples, infusa e perfeita contemplação é uma conhecida e interior manifestação que Deus dá de si mesmo, de sua bondade, de sua paz, de sua doçura, cujo objeto é o próprio Deus, puro, indescritível, abstraído de todos os pensamentos particulares dentro de um silêncio interior. Mas é Deus que nos deleita, Deus que nos faz aproximar, Deus que docemente nos ergue de uma forma espiritual e pura, em uma dádiva admirável, a qual a majestade divina concede a quem ela quer, como ela quer e quando ela quer, pelo tempo que quiser, pois o estado desta vida é antes o estado de uma cruz de paciência, de humildade e de sofrimento, do que de alegria.

132. Você nunca desfrutará deste divino néctar até que avance na virtude e na mortificação interior, até que sinceramente se esforce para fixar em sua Alma uma grande paz, silêncio, esquecimento e solidão interior. Como é possível se ouvir a doce, interna e poderosa voz de Deus em meio ao barulho e ao tumulto das criaturas? Como pode o puro espírito ser ouvido em meio a considerações e discursos artificiosos? Se a Alma não morrer continuamente em si mesma, negando-se em todas estas materialidades e satisfações, a contemplação não poderá ser nada mais do que mera vaidade, vã complacência e presunção.

# CAPÍTULO XIV

## *CONTINUA O MESMO ASSUNTO*

133. Deus nem sempre se comunica com igual abundância nesta doce e infusa contemplação. Algumas vezes ele concede esta graça com maior abundância. Outras vezes ele não espera que a Alma esteja morta e negada. Esta dádiva é simplesmente uma graça sua. Ele a dá quando lhe agrada e da forma que lhe agrada. Não se pode tirar nenhuma regra geral disto, e nem se estabelecer alguma ordem para divina grandeza.

134. Algumas vezes, o Senhor dá uma grande luz ao entendimento, outras vezes um grande amor à vontade. Não há necessidade da Alma se incomodar ou preocupar com isto. Ela deve receber aquilo que Deus lhe dá, e descansar unida, como ele quer. Porque sua majestade é o Senhor, e, no mesmo momento em que ele a adormece, ele a possui e a preenche e opera nela poderosa e docemente, sem que ela tenha qualquer trabalho ou conhecimento disto, de tal forma que, antes que ela perceba esta grande misericórdia, ela já a ganhou, e já foi transformada.

135. A Alma que está neste estado feliz deve evitar duas coisas: a atividade do espírito humano e o interesse na própria contemplação. Estando enamorado com suas próprias ações, nosso espírito humano é incapaz de morrer em si mesmo, mas prefere obrar e discursar sobre si mesmo. Um homem precisa ter uma grande fidelidade e se despir de seu egoísmo, para obter uma perfeita e passiva capacidade para com as divinas influências, pois o contínuo hábito que tem de agir livremente é um obstáculo para a sua aniquilação.

136. Quanto ao interesse na própria contemplação, você deve, portanto, procurar em sua Alma um afastamento perfeito de tudo o que não seja Deus, não procurando qualquer outro fim ou interesse, dentro ou fora, além da vontade divina.

137. Em suma, a maneira pela qual você deve se conduzir para estar apto a esta pura, passiva e perfeita Prece, é uma total e absoluta consignação de si mesmo às mãos de Deus, com uma perfeita submissão a sua mais santa vontade, para se ocupar de acordo com o seu prazer e disposição com perfeita resignação.

138. Você deve saber que existem apenas algumas Almas que chegam a esta infusa e passiva prece; porque poucas delas são capazes de receber estas divinas influências com total despojamento e morte de suas próprias atividades e poderes. Apenas estas que o sentem sabem também que este perfeito despojamento é adquirido (com o auxílio da Graça de Deus) por uma contínua e interior mortificação, morrendo para as suas próprias inclinações e desejos.

139. Em tempo algum, você deve procurar pelos efeitos que são forjados em sua Alma, mas acima de tudo aqui, porque seria um obstáculo, para as divinas operações que a enriquecem, assim agir. Tudo o que você deve fazer é buscar a indiferença, a resignação e o esquecimento, sem se sensibilizar com eles; o bem maior irá colocar em sua Alma uma disposição adequada para a prática da virtude, um verdadeiro amor pela cruz do seu próprio desprezo, da sua aniquilação, e maiores e mais fortes desejos até alcançar a sua maior perfeição e a mais pura e afetiva união.

## CAPÍTULO XV

*SOBRE OS DOIS MEIOS PELOS QUAIS A ALMA ASCENDE À CONTEMPLAÇÃO*

*INFUSA, COM A EXPLICAÇÃO DE COMO E QUANTOS SÃO OS SEUS DEGRAUS*

140. Existem dois meios pelos quais a Alma ascende até a felicidade da contemplação e do amor afetivo, ao prazer e ao seu desejo. Deus usa o primeiro para satisfazer a Alma com prazeres sensíveis; porque ela é tão frágil e miserável que, sem esta consolação preventiva, ela não conseguiria alçar voo em direção às coisas celestiais. No primeiro passo, ela é disposta pela contrição, e é exercitada no arrependimento, meditando sobre a paixão do redentor, diligentemente arrancando todos os desejos mundanos e os viciosos cursos de vida. O delicado nunca alcança isto porque o reino dos céus sofre violência, e nem os tímidos, mas apenas aqueles que usam de força e violência consigo mesmos.

141. O segundo é o passo dos desejos. Quanto mais se deleita nas coisas celestiais, mais elas são desejadas. Disto resulta o desejo de se usufruírem as divinas e celestiais bênçãos e o desprezo pelas mundanas. Destes desejos surge a inclinação para seguir Cristo nosso Senhor, que disse: “Eu sou o caminho” (São João 14.6). Os passos de sua imitação, pelos quais um homem deve passar, são a caridade, a humildade, a mansidão, a paciência, a pobreza, o desprezo por si mesmo, a cruz, a prece e a mortificação.

142. Os passos da contemplação infusa são três. O primeiro é a saciedade. Quando a Alma é preenchida com Deus, ela concebe um ódio pelas coisas mundanas. Então, ela se torna quieta e satisfeita apenas com o amor divino.

143. O segundo é a intoxicação. E este passo é um excesso da mente e uma elevação da Alma que surge do amor divino e da sua satisfação.

144. O terceiro é a segurança. Este passo expulsa o medo. A Alma está tão embebida com o amor divino e resignada neste aspecto ao celestial e bom prazer, que ela iria alegremente para o inferno se apenas soubesse ser esta a vontade do Altíssimo. Neste passo, ela se sente tão intimamente ligada na união divina que lhe parece algo impossível ser separada do seu amado e do seu infinito tesouro.

145. Existem seis outros passos da contemplação, que são o fogo, a união, a elevação, a iluminação, o prazer e o repouso. Com o primeiro a Alma é acesa e, estando acesa, é ungida; estando ungida, é elevada; estando elevada, contempla; contemplando, ela recebe prazer; recebendo prazer, encontra repouso. Através destes passos, a Alma ergue-se mais alto, estando abstraída e sendo experiente no caminho interno e espiritual.

146. No primeiro passo, que é o fogo, a Alma é esclarecida por um divino e ardente raio, inflamando as afeições divinas e secando as que são apenas humanas. O segundo é a unção, que é doce e espiritual licor, que se difunde sobre toda a Alma, ensinando-a, fortalecendo-a e a dispondo para receber e contemplar a verdade divina. Algumas vezes, ele se estende até mesmo à natureza, corroborando-a por sua paciência com um prazer sensível que mais parece celestial.

147. O terceiro é a elevação do homem interior sobre si mesmo, para que possa se ajustar à clara fonte do puro amor.

148. O quarto passo, que é a Iluminação, é um conhecimento infuso, pelo qual a Alma contempla docemente a verdade divina, elevando-se ainda de uma clareza à outra, de uma luz à outra, de conhecimento em conhecimento, sendo guiada pelo espírito divino.

149. O quinto é um saboroso prazer da doçura divina jorrando da abundante e preciosa fonte do Espírito Santo.

150. O sexto é uma doce e admirável tranquilidade, surgindo da conquista do combate interior e da prece frequente; e deste *muitos, muitos* poucos experimentaram. Aqui a abundância de alegria e paz é tão grande que a Alma parece estar em um doce sono, aliviada e repousando no divino regaço do amor.

151. Existem muitos outros passos da contemplação, tais como êxtases, raptos, desfalecimentos, *De linqium's*, júbilo, beijos, abraços, exultação, união, transformação, noivado e matrimônio, que eu omito para não dar ocasião à especulação, porque existem livros inteiros que tratam destes pontos. Eles todos são para aquele que neles nada encontra, e mais de um homem cego escreveu sobre as cores, e surdos sobre a música. Em suma, por estes passos nós chegamos à Câmara e ao repouso do pacífico e verdadeiro rei Salomão.

# CAPÍTULO XVI

## *SINAIS PARA SE CONHECER O HOMEM INTERIOR E A MENTE QUE ESTÁ PURGADA*

152. Existem quatro sinais pelos quais se conhece o homem interior. O primeiro é se o entendimento não produz nenhum outro pensamento além dos que levam à luz da fé, quando a vontade está tão habituada, que não realiza nenhum ato de amor que não seja para Deus e de acordo com ele. O segundo, se, quando ele para um trabalho exterior, no qual estava empregado, o entendimento e a vontade são imediata e facilmente voltados para Deus. O terceiro, se, ao entrar na prece, ele esquece todas as coisas exteriores, como se não as tivesse visto ou tocado. O quarto, se ele carrega a si mesmo de forma ordenada nas coisas exteriores, como se entrasse novamente no mundo, temendo se envolver em suas ocupações, e as detestando naturalmente, exceto quando a caridade o requer.

153. Uma Alma como esta está livre do homem exterior e facilmente entra na solidão interior, onde nada vê além de Deus e a si nele, amando-o com quietude, paz e verdadeiro Amor. Lá, neste centro secreto. Deus lhe fala gentilmente, ensinando a ela um novo reino, paz e alegria verdadeiras.

154. Esta Alma espiritualizada, abstraída e recolhida não tem mais rompida a sua paz, embora interiormente ela possa encontrar contendidas. Isto porque, através da infinita distância, as tempestades nunca podem alcançar este sereníssimo céu interior, onde o puro e perfeito amor reside. Embora algumas vezes ela possa estar despida, abandonada, combatida e desolada, isto tudo apenas é a fúria da tempestade, que ruge e ameaça apenas do lado de fora.

155. Este secreto amor interior tem quatro efeitos. O primeiro é chamado iluminação, e é um saborear e experimentar do conhecimento da grandeza de Deus, e da sua própria nulidade. O segundo é chamado Inflamação, um ardente desejo de ser consumido, como uma Salamandra, neste gentil e divino fogo. O terceiro é a doçura, que é uma pacífica, alegre, doce e íntima fruição, O quarto é uma submersão nos poderes de Deus; por esta imersão a Alma é tão embebida e preenchida por Deus, que já não pode mais buscar, desejar ou querer nada além de seu maior e infinito bem.

156. Dois efeitos surgem desta completa saciedade. O primeiro é uma grande coragem para se sofrer por Deus. O segundo é uma esperança segura de nunca poder perdê-lo, nem ser separada dele.

157. Aqui, neste recolhimento interior, o amado Jesus tem o seu paraíso, para o qual podemos ir, no qual podemos estar e conversar ainda na terra. E se você deseja conhecer quem é ele, que totalmente se encontra neste recolhimento interior, com uma

iluminada exemplificação de Deus, eu lhe digo, é aquele que na adversidade, no desconforto do Espírito e na falta das coisas necessárias, permanece firme e sereno. Estas Almas constantes e interiorizadas estão externamente despidas e totalmente difusas em Deus, a quem continuamente contemplam. Elas não têm mácula. Elas vivem em Deus e dele. Elas brilham mais forte do que mil Sóis. Elas são amadas pelo Filho de Deus. Elas são as queridas do Deus pai e as esposas eleitas do Espírito Santo.

158. Por três sinais se conhece a mente que está purgada, como diz São Tomás em seu tratado. O primeiro sinal é a diligência, que é uma força da mente que expulsa toda negligência e preguiça, para que esteja disposta com fervor e confiança à obtenção da virtude. O segundo é a severidade que, de forma semelhante, é uma força da mente contra a concupiscência, acompanhada por um ardente amor pelo rigor, pela humildade e pela santa pobreza. O terceiro é a benignidade e doçura da mente, que afasta todo o rancor, inveja, aversão e ódio contra um próximo.

159. Até que a mente esteja purgada, a afeição purificada, a memória desnuda, o entendimento iluminado, a vontade negada e posta em chamas, a Alma não pode nunca alcançar a íntima e afetiva união com Deus. Portanto, por ser o espírito de Deus a própria pureza, e a luz e o descanso, a Alma deve ter grande pureza, paz, atenção e quietude, se pretende estar em sua abóbada. Finalmente, a preciosa dádiva de uma mente purgada só a tem os que, com contínua diligência, procuram o amor e o retêm, e desejam ser considerados os mais desprezíveis no mundo.

# CAPÍTULO XVII

## *SOBRE A DIVINA SABEDORIA*

160. A divina sabedoria é um conhecimento intelectual e infuso das divinas perfeições e das coisas eternas. Deve antes ser chamada de contemplação do que especulação. A ciência é adquirida e gera o conhecimento da divina bondade, e deseja conhecer o que não pode ser obtido sem esforço e trabalho. Esse desejo não conhece o que ele conhece, embora entenda isto tudo. Ou seja, os homens que são científicos se entretêm com o conhecimento das coisas deste mundo; e os sábios vivem imersos no próprio Deus.

161. A razão iluminada no sábio é uma alta e simples elevação do espírito, pela qual ele vê, com uma visão clara e aguda, tudo o que nele é inferior, e tudo o que diz respeito à sua vida e estado. É isto que torna a Alma simples, esclarecida, uniforme, espiritualizada, totalmente introvertida e abstraída de todas as coisas criadas. Isto a move e lança para longe com uma suave violência. Os corações dos humildes e dos suscetíveis a aprender, ela enche com abundância de doçuras, paz e prazer. Finalmente, o homem sábio diz dela que trouxe todas as boas coisas de uma só vez. *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa, Sab. 7.11.*

162. Você deve saber que a maior parte dos homens vive pela opinião e julga de acordo com os enganos da imaginação e dos sentidos. O Homem que é sábio julga todas as coisas de acordo com a real veracidade que há nelas. Seu trabalho é entender, conceber, penetrar e transcender todo ser criado, inclusive a si mesmo.

163. É uma grande propriedade do homem sábio fazer muito e dizer pouco.

164. A sabedoria é descoberta nas obras e nas palavras dos sábios. Aquele que é mestre absoluto de todas as suas paixões, moções e afeições é visto em todas as suas atitudes como uma quieta e silenciosa água na qual a sabedoria brilha com clareza.

165. O entendimento das verdades místicas é secreto e fechado aos homens que são puramente escolásticos, a não ser que se tornem humildes por se tratar da ciência dos santos. Ninguém a conhece além dos que amam sinceramente e buscam o seu próprio desprezo. Portanto, as Almas que, abraçando a isto, se tornam puramente místicas e verdadeiramente humildes, mergulham até mesmo nas mais profundas apreensões da Divindade. Quanto mais os homens sensuais vivem de acordo com a carne e o sangue, maior se torna a distância entre eles e esta ciência mística.

166. Ordinariamente, é visto que, no homem que tem muito conhecimento escolástico e especulativo, a divina sabedoria não predomina. Mesmo assim, eles fazem uma admirável composição quando se reúnem. Os homens de conhecimento

que, pela graça de Deus, atingiram a ciência mística são dignos de veneração e louvor na religião.

167. As ações externas dos sábios e místicos, que são mais passivas do que ativas, embora sejam um grande tormento para eles, mesmo assim são prudentemente ordenadas, em número, peso e medida.

168. Os sermões dos homens de conhecimento que carecem de espírito, embora sejam compostos por muitas estórias, elegantes descrições, discursos acurados e provas primorosas, não são de forma alguma a palavra de Deus, mas as palavras dos homens, cobertas com falso ouro. Estes pregadores espoliam os Cristãos, alimentando-os com vento e vaidade, e assim são, todos eles, vazios de Deus.

169. Estes professores alimentam os seus ouvintes com o vento de danosas sutilezas, dando-lhes pedras ao invés de pão, folhas no lugar de frutas e insossa terra misturada com mel envenenado no lugar do verdadeiro alimento. Estes são os que correm atrás da fama, erguendo um ídolo de reputação e aplauso, ao invés de buscarem a Glória de Deus e a edificação espiritual dos homens.

170. Aqueles que pregam com zelo e sinceridade pregam por Deus. Aqueles que sem isto pregam, pregam por si mesmos. Aqueles que pregam a obra de Deus com espírito causam uma impressão no coração. Mas os que pregam sem o espírito não vão além do ouvido.

171. A perfeição não consiste em ensinar, mas em fazer. Não é o maior santo, nem o homem mais sábio, aquele que mais conhece a verdade, mas sim aquele que a pratica.

172. É uma máxima constante que a sabedoria divina gera humildade e que aquela que é obtida pelos estudiosos gera orgulho.

173. A santidade não consiste em se formar profundos e sutis conceitos sobre o conhecimento e os atributos de Deus, mas no amor por Deus e na autonegação. Portanto, o que se observa com maior frequência é que a santidade se encontra mais entre os simples e humildes do que entre os estudiosos. Quantas pobres e velhas mulheres existem no mundo, que pouco ou nada têm da ciência humana, mas que são ricas no amor de Deus! Quantos teólogos nós vemos que estão até as orelhas com a sua vã sabedoria, mas se encontram nus das coisas de verdadeira luz e caridade!

174. Lembre-se que sempre é bom falar como alguém que aprende e não como alguém que sabe. Considere uma grande honra ser reputado como um mero *Ignoramus*, ao invés de um homem de sabedoria e prudência.

175. Entretanto, os estudiosos que são puramente especulativos têm alguns pequenos lampejos de espírito. Mas estes não brotam da simples profundidade da sabedoria eminente e divina que tem um ódio mortal para com formas e espécies. A mistura feita de um pouco conhecimento é sempre um obstáculo para a eterna, profunda, pura, simples e verdadeira sabedoria.

# CAPÍTULO XVIII

## *TRATANDO DO MESMO ASSUNTO*

176. Existem dois caminhos que levam ao conhecimento de Deus. Um é remoto, e o outro próximo. O primeiro é chamado especulação; o segundo, contemplação. Os estudiosos que seguem a especulação científica, através da doçura dos discursos sensíveis, se aproximam de Deus por este meio tanto quanto podem e por este auxílio se tornam capazes de amá-lo. Mas nenhum dos que seguem este caminho, que eles chamam escolástico, alcança por ele o caminho místico ou a excelência da união, transformação, simplicidade, luz, paz, tranquilidade e amor, como faz aquele que é trazido pela graça divina ao místico caminho da contemplação.

177. Estes homens de estudo que são apenas escolásticos não sabem o que é o espírito e nem o que é se perder em Deus. Nem vieram ainda a provar o sabor da doce ambrosia que existe no mais profundo da Alma, onde esta mantém o seu trono e se comunica com incrível, íntima e deliciosa afluência. Não, existem ainda aqueles que mesmo condenam esta mística ciência, porque nem a conhecem e nem a provaram.

178. O teólogo que não prova a doçura da contemplação não tem justificativas para isto, pois não entra pelo portal apontando por São Paulo ao dizer: *Si quis inter vos videtur sapiens esse, stultus fiat ut sit sapiens*. I Cor. 3. 18. Se qualquer um entre vocês se julga sábio, torne-se ele um tolo para que possa ser sábio. Que ele mostre a sua humildade, considerando-se ignorante.

179. É uma regra geral, e também uma máxima na teologia mística, que a prática deve ser obtida antes da teoria. É preciso haver algum exercício experimental de contemplação sobrenatural, antes de se buscar o conhecimento, e uma pesquisa após a sua total apreensão.

180. Embora a ciência mística pertença, em geral, aos humildes e simples, apesar disto, os homens de estudo não são incapazes dela, se não buscarem a si mesmos e nem atribuírem grande valor ao seu conhecimento artificial. Mais ainda se eles puderem esquecê-lo, como se nunca o tivessem tido, e o utilizarem apenas no seu local e momento apropriados, para pregar ou disputar quando chegar a sua vez. Após isto, que eles entreguem as suas mentes à simples e nua contemplação de Deus, sem forma, figura ou consideração.

181. O estudo que não for ordenado à glória de Deus é apenas um curto atalho para o inferno, não por causa do estudo em si, mas pelo vento do orgulho que este gera. Miserável é a maior parte dos homens nestes tempos, cujo único estudo é para satisfazer a insaciável curiosidade da natureza.

182. Muitos buscam Deus e não o encontram porque eles se movem mais por uma simples curiosidade do que por uma sincera, pura e reta intenção. Eles antes almejam os confortos espirituais do que o próprio Deus. Como eles não o procuram com verdade, eles não o encontram e nem aos prazeres espirituais.

183. Aquele que não se esforça para negar totalmente a si mesmo não estará verdadeiramente abstraído, e por isto nunca será capaz da verdade e da luz do espírito. Para buscar a ciência mística, um homem nunca deve lidar com coisas exteriores, senão com prudência, e apenas naquelas que o seu ofício requeira. Raros são os homens que dão mais valor a ouvir do que a falar. Mas os sábios e os homens puramente místicos nunca falam, a não ser quando não o podem evitar, e nem se preocupam com qualquer coisa que não diga respeito aos seus ofícios. Mesmo então, eles se conduzem com grande prudência.

184. O espírito da divina sabedoria enche os homens com doçura, governa-os com coragem e ilumina com excelência os que se submetem à sua direção. Onde o espírito divino habita há sempre simplicidade e santa liberdade. Mas a esperteza e a duplicidade, a ficção, os artifícios, a política e os respeitos mundanos são o próprio inferno para os homens sábios e sinceros.

185. Saiba que aquele que for obter a ciência mística deve negar e evitar cinco coisas: 1. As criaturas; 2. As coisas temporais; 3. As próprias dádivas do Espírito Santo; 4. A si mesmo; 5. Ele deve se perder em Deus. Esta última é a mais completa de todas, porque apenas a Alma que sabe como a tudo evitar é a que consegue se perder em Deus, e só nele sabe estar em segurança.

186. Deus se agrada mais com a afeição do coração do que com a ciência mundana. Uma coisa é limpar o coração de tudo aquilo que o aprisiona e polui, e outra fazer mil tarefas, ainda que boas e santas, sem se importar com esta pureza de coração, que é o principal para se obter a sabedoria divina.

187. Você nunca alcançará esta soberana e divina sabedoria se não tiver força, quando Deus o limpar em seu próprio tempo, não apenas em razão da sua aderência às bênçãos naturais e temporais, mas também pela aderência às sobrenaturais e sublimes, tais como as comunicações interiores, os êxtases, os raptos e outras gratuitas graças pelas quais a Alma descansa e se entretém.

188. Muitas Almas estão longe de chegar à quieta contemplação, à divina sabedoria e ao verdadeiro conhecimento, apesar de gastarem muitas horas na prece, e de receberem o sacramento todo dia. Elas não se sujeitam e submetem totalmente àquele que tem luz, não negam e conquistam a si mesmas, nem se entregam totalmente a Deus, com um perfeito despir e negar de si mesmas. Em suma, até que a Alma esteja purificada no fogo da dor interna, ela jamais alcançará um estado de renovação, de transformação, de perfeita contemplação, de sabedoria divina e de afetiva união.

# CAPÍTULO XIX

## *DA VERDADEIRA E PERFEITA ANIQUILAÇÃO*

189. Você deve saber que todo este processo de aniquilação se fundamenta em dois princípios. O primeiro é manter-se e a todas as coisas mundanas em uma baixa estima e valor, de onde a prática do auto despojar-se, e desta auto-renúncia, e o esquecimento de todas as coisas criadas deve surgir, e isto com afeição e atos.

190. O segundo princípio deve ser uma grande estima por Deus, para amá-lo, adorá-lo e segui-lo sem o menor interesse próprio, por mais santo que este seja. Destes dois princípios surgirá uma plena conformidade à vontade divina. Esta poderosa e prática conformidade à vontade divina irá em todas as coisas guiar a Alma para a aniquilação e a transformação com Deus, sem a mistura de raptos, êxtases externos, ou afeições veementes. Sendo este caminho sujeito a muitas ilusões, com o perigo da fraqueza e da angústia do entendimento, por cuja via raro é aquele que chega ao topo da perfeição, que é adquirida no outro caminho, firme, real e seguro, mas não sem esta pesada cruz. Nisto a via da aniquilação e da perfeição se fundamenta. Ela é seguida por muitas dádivas de luz e divinos efeitos, e infinitas outras graças, *gratis datae*. Ainda assim, a Alma que é aniquilada deve ser despida de tudo isto, para que não se tornem um obstáculo em seu caminho de deificação.

191. À medida que a Alma progride continuamente em sua simplicidade, ela deve caminhar para a prática da aniquilação, que consiste em detestar a honra, a dignidade e o louvor. Não há razão para que a dignidade e a honra devam ser dadas à vilania e à mera nulidade.

192. Para a Alma que é sensível a sua própria vilania, parece ser impossível servir a qualquer coisa. Ela antes se confunde e se considera indigna de virtude e de louvor. Ela abraça com igual coragem todas as ocasiões de desprezo, perseguição, infâmia, vergonha e afronta, como sendo realmente merecedora destas reprovações. Ela agradece ao Senhor quando ele a ilumina em tais ocasiões. Ela é tratada como merece; e sabe ser indigna, para que ele use sua justiça sobre si. Acima de tudo, ela está contente com o desprezo e a afronta, porque é Deus que muito se glorifica com isto.

193. Uma Alma como esta sempre escolhe o grau mais baixo, mais vil e mais desprezado; assim também com o seu lugar, o uso de roupas e todas as demais coisas, sem a menor afetação de singularidade, sendo de opinião que a maior vilania está além de seus méritos, e sabendo-se também indigna mesmo disto. Esta é a prática que leva a Alma à aniquilação de si mesma.

194. A Alma que quer ser perfeita começa por mortificar as suas paixões. Quando está avançada em seus exercícios, ela nega a si mesma. Então, com o auxílio divino, ela passa ao estado de vazio, onde despreza, detesta e submerge a si mesma no conhecimento de que não é nada, de que nada pode fazer e de que não é digna de nada. Disto surge o morrer em si mesma e para os seus sentidos, de várias maneiras e em todos os momentos. Finalmente, desta morte espiritual e verdadeira, e desta perfeita aniquilação, surge o seu estado original, de modo que, quando a Alma estiver morta ao seu entendimento e vontade, diz-se apropriadamente que ela alcançou o perfeito e feliz estado de aniquilação. Esta é a última disposição para a transformação e união. A isto a própria Alma não compreende, porque ela não estaria aniquilada se viesse a conhecer isto; e embora ela chegue a este feliz estado de aniquilação, ainda assim ela sabe que deve caminhar em silêncio, e deve ser ainda mais e mais purificada e aniquilada.

195. Você deve saber que esta aniquilação, para tornar a Alma perfeita, deve se dar no próprio julgamento do homem, em sua vontade, em suas obras, inclinações, desejos, pensamentos e em si mesma. Ela deve querer, como se não tivesse vontade; desejar, como se não tivesse desejos; entender, como se não entendesse; pensar, como se não pensasse, sem se inclinar a qualquer coisa, abraçando igualmente o desprezo e a honra, os benefícios e as correções. Quão feliz é a Alma que assim está morta e aniquilada! Ela não mais vive em si mesma, porque Deus vive nela. E, agora, deve ser verdadeiramente dito que ela é uma Fênix renovada, porque se encontra mudada, espiritualizada, transformada e deificada.

## CAPÍTULO XX

*NO QUAL É MOSTRADO COMO ESTE NADA É O CAMINHO CURTO PARA SE OBTER A  
PUREZA DA ALMA, A PERFEITA CONTEMPLAÇÃO E O RICO TESOURO DA PAZ INTERIOR*

196. O caminho para se obter este alto estado de uma mente reformada, pelo qual o homem imediatamente alcança o maior bem, o nosso primeiro princípio e a mais alta paz, é o seu nada. Esforce-se, ó Alma, sempre, para ser enterrada nesta miséria. Este nada e esta miséria reconhecida são os meios pelos quais o Senhor opera maravilhas em sua Alma. Vista-se com este nada e com esta miséria, e veja esta miséria e este nada como sendo a sua comida e a sua habitação costumeiras, atirando-se mesmo em suas profundezas. Eu lhe asseguro que, ao se encontrar em tal nulidade, o Senhor será a totalidade da sua Alma.

197. Por que você pensa que as infinitas Almas bloqueiam a abundante corrente de dádivas divinas? Isto se dá apenas por que elas querem fazer algo e têm em si o desejo de grandeza. Tudo isto as afasta da humildade interior e do seu próprio vazio. Por isto, elas impedem estas maravilhas que a infinita bondade realizaria nelas. Elas vão até as dádivas do Espírito, e ali param, para não terem que entrar no centro do seu nada. Por causa disto, todo o trabalho se corrompe. Elas não procuram a Deus na verdade e, portanto, não o encontram. Pois você deve saber que não existe encontro com ele, a não ser àquelas que, estando no vazio, depreciam a si mesmas.

198. Nós buscamos a nós mesmos toda vez que saímos de nosso nada, e então nunca alcançamos a quieta e perfeita contemplação. Rasteje o quanto puder na verdade do seu vazio e então nada irá inquietá-lo. E mais ainda, você se encontrará humilhado e envergonhado, perdendo abertamente sua própria reputação e estima.

199. Quão forte baluarte você achará nesse vazio! Quem poderá afligi-lo uma vez que se retire nessa fortaleza? Porque a Alma que despreza a si mesma e em seu próprio conhecimento nada é, não é capaz de receber agravo ou injúria de ninguém. A Alma que se mantém em seu nada é interiormente silenciosa, vive resignadamente em qualquer tormento, por pior que seja, considerando-o menos do que merece. Ela evita suspeitar do seu próximo, nunca olha para as faltas dos outros, mas está, ela mesma, livre da abundância das imperfeições, e se torna comandante de uma grande virtude. Enquanto a Alma se mantém quieta e silente em seu nada, este a aperfeiçoa, a enriquece, e o Senhor tira dela a sua própria imagem e semelhança, sem nada que o impeça.

200. Pela via do *Nada* você deve vir a se perder em Deus (que é o mais alto grau de perfeição), e alegremente estará se assim o puder fazer. Então você se

reencontrará e se achará com mais certeza. Neste mesmo *Nada*, a simplicidade é feita; o recolhimento infuso e interior é possuído, a quietude é obtida e o coração é limpo de todas as formas de imperfeição. Que tesouro você encontrará se puder fixar a sua morada no *Nada*. Se você ao menos se aconchegar no centro do *Nada*, você nunca mais se preocupará com qualquer coisa externa (o grande, horrível e largo passo no qual muitos milhares de Almas param), a não ser que sejam de seu ofício.

201. Se você ao menos puder se calar no *Nada* (onde os golpes da adversidade nunca podem chegar), nada irá vexá-lo ou quebrar a sua paz. Este é o caminho para ter o comando de si mesmo, porque o perfeito e verdadeiro domínio apenas governa no *Nada*. Com o elmo do *Nada* você será duro demais para as fortes tentações e as terríveis sugestões do invejoso inimigo.

202. Sabendo que você nada é, que nada pode fazer, e não é digno de nada, você quietamente abraçará a passiva aridez. Você suportará horríveis desolações. Você atravessará martírios espirituais e um total abandono. Por meio deste *Nada* você deverá morrer em si mesmo, de várias formas, em todos os momentos.

203. Quem despertará a Alma do doce e agradável sono, uma vez que ela adormece no *Nada*? Este é o caminho pelo qual Davi alcançou a perfeita aniquilação, mesmo sem o saber. *Ad Jubilum redactus, sum & nescivi*, Sl. 17 Mantendo-se no nada, você fechará a porta contra tudo o que não for Deus. Você se retirará também de si mesmo e caminhará a esta solidão interior, onde o divino esposo fala ao coração de sua noiva, ensinando-lhe a elevada e divina sabedoria. Submerja neste *Nada* e você achará um santo santuário contra qualquer tempestade.

204. Por este caminho você retornará ao feliz estado de inocência perdido por nossos primeiros pais. Por este portal você entrará na feliz terra dos vivos, onde achará o maior bem, a amplidão da caridade, a beleza da retidão, a linha reta da equidade e da justiça e, em suma, toda a perfeição. Finalmente, não procure *nada*, deseje *nada*, faça *nada*, esforce-se por *nada*, e então tudo em sua Alma viverá em descanso com quietude e contentamento.

205. É este o caminho para se obter a pureza da Alma, a perfeita contemplação e a paz interior. Caminhe, portanto, nesta trilha segura e se esforce para vencer a si mesmo neste *Nada*, se esforce para perder a si mesmo, afundar profundamente nisto se você quer que a sua mente seja aniquilada, unida e transformada.

# CAPÍTULO XXI

## *SOBRE A ELEVADA FELICIDADE DA PAZ INTERIOR E OS SEUS MARAVILHOSOS EFEITOS*

206. A Alma, estando uma vez aniquilada e renovada com perfeito despojamento, encontra na sua parte superior uma paz profunda e um doce descanso, que a conduz a perfeita união do amor, que é totalmente deleitosa. E tal Alma já chegou a tamanha felicidade que não quer e nem deseja mais nada além do que seu amado queira. Ela se conforma à sua vontade em todas as emergências, tanto no conforto quanto na angústia, e se rejubila também em tudo para realizar o divino e bom prazer.

207. Para ela não existe nada além do que a conforta, e nem deseja nada além do que possa bem querer. Morrer, para ela, é alegria; e viver é se contentar. Ela está tão contente aqui na terra quanto pode estar no paraíso. Ela está feliz na privação tanto quanto na abundância; na doença tanto quanto na saúde; porque ela sabe que esta é a vontade de seu Deus. Isto é a sua vida, a sua glória, o seu paraíso, a sua paz, o seu repouso, o seu descanso, a sua consolação e a mais alta felicidade.

208. Se fosse necessário a uma Alma como esta, que pelos passos da aniquilação chegou à região da paz, fazer uma escolha, ela escolheria a desolação ao invés do conforto, o desprezo ao invés da honra; porque o amável Jesus teve uma grande estima pela reprovação e pela dor. No início, ela suportou a fome pelas bênçãos do céu, a sede de Deus, o medo de perdê-lo, a lamentação do coração e a luta com o Diabo. Agora as coisas mudaram e a fome se tornou satisfação, a sede saciedade, o medo em segurança, a tristeza em alegria, o pranto em contentamento e o feroz combate na paz maior. Quão feliz é a Alma que usufrui aqui na terra de tão grande felicidade! Você deve saber que este tipo de Alma (embora sejam pouquíssimas) é o forte pilar que suporta a igreja diante da indignação divina.

209. E agora, esta Alma que entrou no céu da paz se percebe repleta de Deus e de suas dádivas sobrenaturais, porque vive fincada no puro amor, recebendo igual prazer seja na luz ou nas trevas, na noite ou no dia, na aflição ou na consolação. Através desta santa e celestial indiferença, ela nunca perde a sua paz na adversidade, nem a sua tranquilidade nas tribulações, mas se vê plena de indescritíveis alegrias.

210. E embora o Príncipe das Trevas ordene todos os assaltos do inferno contra ela, com horríveis tentações, ainda assim ela os enfrenta, e permanece como um sólido pilar, não lhe acontecendo mais do que ocorre a uma alta montanha e a um vale profundo na hora da tormenta e da tempestade.

211. O vale que se assemelha a uma pintura do inferno é coberto por densas nuvens, ferozes tempestades de granizo, trovões, raios e pedras de gelo. Ao mesmo tempo, a alta montanha resplandece com os raios do Sol em quietude e serenidade, permanecendo clara como o céu, imóvel e cheia de luz.

212. O mesmo acontece com esta Alma abençoada. O vale de sua parte inferior está sofrendo tribulações, combates, escuridão, tormentosos martírios e sugestões. Ao mesmo tempo, na alta montanha da parte superior de sua Alma, o verdadeiro Sol lança os seus raios. Ele a inflama e ilumina. Assim iluminada, ela se torna clara, pacífica, resplandecente, quieta, serena, sendo um simples oceano de alegria.

213. Tão grande, portanto, é a quietude desta Alma pura, que alcançou a montanha da tranquilidade, tão grande é a sua paz de espírito, tão grande a serenidade e a jovialidade em seu íntimo, que um pouco do brilho de Deus chega a resplandecer ao seu redor.

214. Porque no trono da quietude se manifestam as perfeições da beleza espiritual, aqui está a verdadeira luz dos secretos e divinos mistérios de nossa santa fé, aqui está a perfeita humildade que chega à aniquilação de si mesma e às mais amplas resignação, castidade e pobreza de espírito, a sinceridade e a inocência da pomba, a modéstia exterior, o silêncio e a solidão interior, a liberdade e a pureza do coração; aqui estão o esquecimento de toda coisa criada, mesmo de si mesmo, a alegre simplicidade, a celestial indiferença, a prece contínua, a nudez total, o perfeito desinteresse, a mais sábia contemplação, a conversação celestial e, finalmente, a mais perfeita e serena paz interior, da qual esta feliz Alma pode dizer o mesmo que o homem sábio disse da sabedoria, que todas as outras graças estão em sua companhia. *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa, Sab. 7.11.*

215. Este é o rico e oculto tesouro. Este é o fito perdido do evangelho. Esta é a vida abençoada, a vida feliz, a verdadeira vida e a bem-aventurança aqui no mundo. Ó amorosa grandiosidade que transmite o conhecimento aos filhos dos homens! Ó vida excelente e sobrenatural, quão admirável e indescritível és para os que tanto se aproximam da sua santificação! Quanto elevas uma Alma da terra, que perde em tuas vistas todas as coisas vis do mundo! À vista você parece pobre, mas interiormente estás cheia de riquezas. Você parece ser algo baixo, mas é insuperavelmente alta. Em suma, és o que faz com que os homens vivam uma vida divina aqui embaixo. Dê-me, ó Senhor, a sua maior bondade, dê-me uma porção dessa felicidade celeste e verdadeira paz, que o mundo, sensual como é, não é capaz de entender e nem de receber. *Quem mundus non potest accipere.*

## CAPÍTULO XXII

### *UMA TRISTE EXCLAMAÇÃO E UM LAMENTOSO GEMIDO A DEUS PELO PEQUENO NÚMERO DE ALMAS QUE ALCANÇA A PERFEIÇÃO, A UNIÃO AMOROSA E A DIVINA TRANSFORMAÇÃO*

216. Ó Divina Majestade, em cuja presença os pilares do céu tremem e estremeçam! Ó bondade mais do que infinita, em cujo amor ardem os serafins! Permita-me, ó Senhor, lamentar a nossa cegueira e ingratidão. Todos nós vivemos no erro, procurando tolamente o mundo e nos esquecendo de ti, que é o nosso Deus. Nós todos o esquecemos, a fonte das águas vivas, por causa da fétida sujeira do mundo.

217. Ó nós, filhos dos homens, até quando seguiremos a mentira e a vaidade? Quem é que assim nos engana, para que esqueçamos Deus, nosso maior bem? Quem é que fala a maior verdade para nós? Quem é que mais nos ama? Quem mais nos defende? Quem é que mais se esforça por mostrar-se como amigo, que mais gentilmente se mostra como esposo e mais amavelmente como um pai? Como pode ser a nossa cegueira tão grande, que possamos esquecer esta grandiosa e infinita bondade?

218. Ó Divino Senhor, quão poucas Almas existem no mundo que o servem com perfeição! Quão pequeno é o número das que desejam sofrer para que possam seguir Cristo crucificado, para que possam abraçar a Cruz, para que possam negar e condenar a si mesmas! Que escassez de Almas existe que sejam desinteressadas e totalmente despojadas! Quão poucas são estas Almas que estão mortas para si mesmas e vivas para Deus, que se encontram totalmente resignadas ao seu divino e bom prazer! Quão poucas são as que estão adornadas com a simples obediência, com o profundo conhecimento de si mesmas e com a verdadeira humildade! Quão poucas são as que com uma indiferença total se entregam nas mãos de Deus para que faça o que lhe agradar com elas! Quão poucas são estas Almas puras que têm o coração simples e desinteressado, e que, abrindo mão dos seus próprios entendimento, conhecimento, desejo e vontade, anelam pela autonegação e pela morte espiritual! Que escassez de Almas existe que deseje permitir que o divino criador obre nelas o desejo de sofrer, para que não sofram, e de morrer, para que não morram! Quão poucas são as Almas que almejam esquecer a si mesmas, libertar os seus corações de suas próprias afeições, seus próprios desejos, suas próprias satisfações, seu próprio amor e julgamentos! Que desejem serem levadas para a via da autonegação e do caminho interior! Que desejem serem aniquiladas, morrendo para si e para os seus sentidos! Que desejem serem esvaziadas, purificadas e despojadas, para que Deus as preencha e vista e as torne perfeitas! Em suma, quão poucas, ó Senhor, são as Almas que estão cegas, surdas, mudas e perfeitamente contemplativas!

219. Tal é a nossa vergonha, nós os filhos de Adão! Que por algo simplesmente vil desprezamos a verdadeira felicidade, e impedimos o nosso maior bem, o rico tesouro e a infinita bondade! Grande é a razão do céu em se lamentar, por existirem tão poucas Almas para seguir o seu precioso caminho. *Viae sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad so-lennitatem*, Lam. 1.4.



"Por este caminho você retornará ao feliz estado de inocência perdido por nossos primeiros pais. Por este portal você entrará na feliz terra dos vivos, onde achará o maior bem, a amplidão da caridade, a beleza da retidão, a linha reta da eqüidade e da justiça e, em suma, toda a perfeição.

"Porque no trono da quietude se manifesta a perfeição da beleza espiritual, aqui está a verdadeira luz dos secretos e divinos mistérios de nossa santa fé, aqui está a perfeita humildade que chega à aniquilação de si mesma e às mais amplas resignação, castidade e pobreza de espírito, a sinceridade e a inocência da pomba, a modéstia exterior, o silêncio e a solidão interior, a liberdade e a pureza do coração; aqui estão o esquecimento de toda coisa criada, mesmo de si mesmo, a alegre simplicidade, a celestial indiferença, a prece contínua, a nudez total, o perfeito desinteresse, a mais sã contemplação, a conversação celestial e, finalmente, a mais perfeita e serena paz interior.

"Grande é a razão do céu em se lamentar por existirem tão poucas Almas para seguir esse precioso caminho."

Miguel de Molinos

